

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**Stanley de Oliveira dos Santos**

**Dietrich Bonhoeffer:  
Resistência teológica, eclesial  
e política diante do nazismo**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Luís Corrêa Lima

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2023



**Stanley de Oliveira dos Santos**

**Dietrich Bonhoeffer:  
Resistência teológica, eclesial e política  
diante do nazismo**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Prof. Luís Corrêa Lima**

Orientador  
Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Cesar Augusto Kuzma**

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Carlos Ribeiro Caldas Filho**

Departamento de Teologia – PUC-MG

Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 2023.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

## **Stanley de Oliveira dos Santos**

Curso livre em Teologia pelo CEFORTE, Graduado em Teologia pela FAECAD. Especialização em História do Pensamento Cristão pela FAECAD. Atua como pesquisador na área da teologia sistemática, no enfoque de História da Igreja.

### Ficha Catalográfica

Santos, Stanley de Oliveira dos

Dietrich Bonhoeffer: Resistência teológica, eclesial e política diante do nazismo / Stanley de Oliveira dos Santos; orientador: Luís Corrêa Lima. – 2023.  
100 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2023.

Inclui bibliografia

1. Teologia - Teses. 2. Dietrich Bonhoeffer. 3. Resistência. 4. Nazismo. 5. Igreja. 6. Teologia 7. Alemanha. I. Lima, Luís Corrêa. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

## **Dedicatória**

A todos os homens e mulheres que no decorrer de dois milênios entregaram a sua vida pela causa de Cristo, que devotaram plenamente sua vida para Ele. A todos os santos e mártires que contribuíram com seu sangue a testemunhar em prol do Reino de Deus.

## Agradecimentos

Ao nosso Deus-Pai, que na pessoa do seu Filho amado, deu-me forças pelo poder do seu Espírito Santo para realizar este grande sonho de estudar sua palavra e tudo que concerne ao seu Reino. A misericórdia, a graça e o amor incondicional guiaram-me até aqui.

Ao meu orientador e mestre Luís Corrêa Lima, que desde o início aceitou e acreditou nesta pesquisa. Muito obrigado por todo carinho, apoio e orientação. Também por indicar livros, textos e fazer as correções e ajustes necessários. Me acalmado nesta jornada de descobrimentos, pude prosseguir para fornecer um material de pesquisa para nossos dias.

A CNPq e à PUC-Rio, pelos imprescindíveis auxílios concedidos no afã de que esta pesquisa se tornasse uma realidade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - código de Financiamento 001.

Aos meus colegas da PUC-Rio e aos professores e funcionários do Departamento de Teologia, pelos ensinamentos e pela ajuda.

Aos professores que me deram aula e aos que participaram da Comissão Examinadora.

À minha esposa Ana Carolina Augusto de Abreu, pelo seu amor e companheirismo. Com suas orações e ajuda pude tornar realidade este presente trabalho.

Aos meus amigos e ex-professores, faço questão de citar o Dr. Jansen Racco Botelho de Melo por transmitir o amor pela história do pensamento cristão. Por terem me ajudado a ser quem sou. A saber, entender e viver um pouco mais sobre Jesus Cristo, seu Reino e a História da sua Igreja que tanto amo.

## Resumo

Santos, Stanley de Oliveira dos. Lima, Luís Corrêa. **Dietrich Bonhoeffer: resistência teológica, eclesial e política diante do nazismo.** Rio de Janeiro, 2023. 100p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação tem por objetivo analisar a vida de Dietrich Bonhoeffer dentro do contexto da Alemanha no início do século XX. A sua vida se desenrolou como um homem que foi movido pela fé e a recepção de um chamado divino no mundo. Nos primeiros capítulos o leitor é situado nos anos iniciais de Dietrich Bonhoeffer, seu nascimento e a sua família. Em seguida são relatados sua formação teológica e seus primeiros passos no ministério pastoral. O texto continua com a ascensão do partido nazista e sua consolidação no poder, assim como o uso do aparelhamento do Estado alemão para aliciar as igrejas de diferentes confissões para a prática da doutrinação nazista. É abordado a teologia do Reich, a sua forma e a movimentação política, como o induzimento ao alemão comum a entender a raça ariana como superior a outros grupos e uma visão deturpada do evangelho. É exposta a resistência de Dietrich Bonhoeffer tratada em três frentes amplas que estão diluídas pela dissertação. Uma resistência teológica: que com seus sermões nos diferentes púlpitos, na rádio, na rua, dentro da sua família, e até no encarceramento contribuíram ao enfrentar Hitler e o nazismo. Procurou abrir os olhos dos alemães para realmente enxergar o mal que o nazismo representou. Uma resistência eclesial: por não aceitar que diversas confissões, incluindo a sua igreja, o parágrafo ariano no luteranismo. Como única saída se desligou da igreja, aceitando o convite do pastor Niemöller para dirigir um seminário totalmente à margem do Estado Alemão, para iluminar as jovens mentes a resistir ao mal que a imperava. Uma resistência política: Bonhoeffer levou informações para os seus aliados na Inglaterra através do bispo George Bell que foi o seu contato. Também participou de uma operação para a retirada dos judeus da Alemanha para a Suíça. Ele estava envolvido em um círculo de resistência com a finalidade do assassinato de Hitler. Como cidadão expressou sua atividade política daquilo que acreditava ser o certo e o ético a se cumprir como cristão. Por último é apresentado a sua prisão, os anos finais que contribuíram para o amadurecimento teológico e o crescimento da sua fé. A sua morte é tratada

no texto como um martírio moderno, mesmo com a existência de contornos políticos.

### **Palavras-chave**

Dietrich Bonhoeffer; Resistência; Nazismo; Igreja; Teologia; Alemanha.

## Abstract

Santos, Stanley de Oliveira dos. Lima, Luís Corrêa (advisor). **Dietrich Bonhoeffer: theological, ecclesiastical and political resistance to nazism.** Rio de Janeiro, 2023. 100p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This Thesis aims to analyze the life of Dietrich Bonhoeffer within the context of Germany in the early twentieth century. His life unfolded as a man who was moved by faith and the reception of a divine call in the world. In the first chapters the reader is placed in the early years of Dietrich Bonhoeffer, his birth and his family. Then his theological formation and his first steps in the pastoral ministry are reported. The text continues with the rise of the Nazi party and its consolidation in power, as well as the use of the apparatus of the German State to entice churches of different confessions to practice Nazi indoctrination. The theology of the Reich, its form and political movement are addressed, as well as the induction of the common German to understand the Aryan race as superior to other groups and a distorted view of the gospel. Dietrich Bonhoeffer's resistance is treated on three broad fronts that are diluted by the thesis. A theological resistance: that with his sermons in different pulpits, on the radio, on the street, within his family, and even in prison, he contributed to facing Hitler and Nazism. He sought to open the eyes of Germans to really see the evil that Nazism represented. An ecclesiastical resistance: for not accepting that several confessions, including your church, the Arian paragraph in Lutheranism. As the only way out, he left the church, accepting Pastor Niemöller's invitation to lead a seminar completely outside the German State, to enlighten young minds to resist the evil that reigned there. A political resistance: Bonhoeffer took information to his allies in England through Bishop George Bell who was his contact. He also participated in an operation to remove Jews from Germany to Switzerland. He was involved in a resistance ring for the purpose of assassinating Hitler. As a citizen, he expressed his political activity of what he believed to be the right and ethical thing to do as a Christian. Finally, his imprisonment is presented, the final years that contributed to his theological maturity and the growth of his faith. His death is treated in the text as a modern martyrdom, even with the existence of political contours.

## **Keywords**

Dietrich Bonhoeffer; Resistance; Nazism; Church; Theology; Germany.

## Sumário

1 Introdução .....	13
2 Os Bonhoeffer .....	17
2.1 A formação teológica de Dietrich Bonhoeffer .....	19
3 O nazismo .....	28
3.1 A Igreja Nacional do Reich .....	32
3.2 Os cristãos alemães e o Bispado do Reich .....	39
3.3 A teologia do nazismo .....	42
3.4 Cristianismo positivo .....	45
4. Bonhoeffer e a questão judaica na Igreja alemã .....	50
4.1 Bonhoeffer e a Liga Emergencial de Pastores .....	54
4.2 Bonhoeffer e o movimento ecumênico .....	57
4.3 Bonhoeffer e a Igreja Confessante .....	59
5 Na clandestinidade: o seminário de Finkenwalde .....	64
5.1 Na clandestinidade: decidindo pela conspiração.....	68
5.2 Na clandestinidade: Assassinar Hitler .....	72
6 O início do fim: A prisão .....	77
6.1 O início do fim: a vida na prisão .....	80
6.2 O início do fim: as cartas como resistência .....	84
6.3 O início do fim: na estrada da liberdade .....	89
7 Conclusão .....	95

8 Referências bibliográficas .....99

*“O discipulado é de graça, mas lhe custará a sua vida”*

Dietrich Bonhoeffer

# 1

## Introdução

Notavelmente Dietrich Bonhoeffer foi um grande teólogo alemão. O historiador da igreja Justo Gonzalez afirma que Bonhoeffer é o mais importante da geração seguinte de Karl Barth.<sup>1</sup> Foi um homem de fé que levou até as últimas consequências aquilo que acreditava. Como poucos, foi capaz de unir o pensamento teológico à prática de fé no seu dia a dia, permaneceu inflexível em seu comprometimento com o chamado de Jesus Cristo a uma obediência simples e literal. Com essa fé ele olhava para frente e cria que chegará um dia que este mundo será transformado e renovado por pessoas vocacionadas por Deus, “Será uma nova linguagem, talvez totalmente arreligiosa, mas libertadora e redentora como a linguagem de Jesus, diante da qual as pessoas se assustam, [...] a linguagem que proclama a paz de Deus com as pessoas e a aproximação do seu Reino”.<sup>2</sup> Com essa fé ele olhava para frente, desejava sua Alemanha totalmente em Deus, e apesar de uma vida breve, deixou suas marcas, escritos relevantes e exemplo cristão até hoje a ser seguido por aqueles que creem em Jesus Cristo.

Mas Bonhoeffer não parou por aí. Por amor a Deus e a Alemanha, ele entendeu que um cristão não poderia ficar inerte aos acontecimentos do seu país nos idos dos anos de 1930. Ele foi além de muitos outros: resistiu firmemente ao nazismo e a ditadura do terror imposta pelo Führer<sup>3</sup>. Ele ensinou, ele pregou, ele comissionou contra os horrores produzidos contra o povo e as suas minorias, e mais, participou da contraespionagem e do plano para matar Adolf Hitler, um verdadeiro resistente ao nazismo, em várias frentes: a política, a teológica e a eclesiástica, assim ele combateu com fé o mal que reinou no seu país. Deu sua contribuição para livrar a nação do partido nazista. Em 1967, o Papa Paulo VI na sua encíclica *Populorum Progressio* afirmou:

Não obstante, sabe-se que a insurreição revolucionária – salvo casos de tirania evidente e prolongada que ofendesse gravemente os direitos fundamentais da pessoa humana e prejudicasse o bem comum do país – gera novas injustiças,

---

<sup>1</sup> GONZALEZ, Justo L. História do Pensamento Cristão. Vol 3, p. 454.

<sup>2</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 398.

<sup>3</sup> Guia, Líder ou Chefe em alemão.

introduz novos desequilíbrios, provoca novas ruínas. Nunca se pode combater um mal real à custa de uma desgraça maior.<sup>4</sup>

Bonhoeffer estava na exceção que a *Populorum Progressio* evoca, como resistente de uma tirania se dedicou até as últimas consequências para o bem do mundo e de seus patriotas, morreu como um mártir político, algo que já tinha pensado em viver imitando a Cristo.<sup>5</sup> Slane comenta que “considerando a perspectiva de sua morte, parece que Bonhoeffer criativamente inclinou o aspecto redentivo da *imitatio de Christi*, de modo que ele tocasse o eixo da Criação, pois a participação na morte de Cristo é o caminho que alguém chega humildemente a amar a terra como Deus amou.”<sup>6</sup> Em tudo imitou o seu Senhor, assim como Jesus foi tratado e tido como um marginal, nos primeiros meses de prisão foi rotulado pelos agentes como um criminoso: “os carcereiros tratavam os presos de canalhas, escória, traidores e porcos”<sup>7</sup>. Bonhoeffer foi impelido a dar um sim a Deus, a favor do Criador, destruindo a omissão, quando olhou para a cruz. A luta a favor das vítimas foi um norteador para ele, assunto que pesou demais em Finkenwalde<sup>8</sup>. Bethge lembrou das palavras do amigo: “Estamos aproximando-nos do limite entre a confissão e a resistência; se não cruzarmos essa fronteira, nossa confissão não será melhor que a cooperação com os criminosos”.<sup>9</sup>

A Resistência teológica de Bonhoeffer tentava colocar um ponto final nas ações pseudoteológicas do Estado, por isso proclamou: “Erga a voz em favor dos que não podem defender-se”. [Pv. 31.8]<sup>10</sup> Dizia que seria a menor das exigências feitas pela Bíblia as pessoas da igreja de Cristo nestes tempos. A causa dos judeus marcou essa leitura, treinando os jovens do seminário clandestino de Finkenwalde nos verdadeiros ensinamentos de Cristo. Esta causa também revela força para a resistência política com intenção *Ética*. Não poderia se esconder atrás da piedade cristã e entender que este problema era um problema da sociedade civil e secular, e que de fato o casulo deveria ser rompido e a igreja deveria viver e existir em favor do mundo, assim como seu Mestre viveu, a existência de Cristo foi para os outros. A Igreja que foi a base inicial do seu pensamento inicial também foi

<sup>4</sup> PAULO VI, Papa. Carta Encíclica *Populorum Progressio*. versículo 31.

<sup>5</sup> SLANE, Craig. Bonhoeffer, o mártir, p. 138.

<sup>6</sup> SLANE, Craig. Bonhoeffer, o mártir, p. 144.

<sup>7</sup> MARSH, Charles. *Extraña Gloria*. Vida de Dietrich Bonhoeffer, p. 455.

<sup>8</sup> Era um bairro industrial alemão às margens do rio Oder, hoje localizado na Polônia.

<sup>9</sup> SLANE, Craig. Bonhoeffer, o mártir, p. 386.

<sup>10</sup> SLANE, Craig. Bonhoeffer, o mártir, p. 387.

afetado pela sua conduta e pela maneira que era conduzida diante do governo. As suas pregações, conversas com líderes e a busca de ajuda no exterior nada refletiu sobre o caminho que trilhava. Como último ato de expressão diante da forma como se entregou a Deus, ele decidiu se desligar oficialmente da igreja Luterana como forma de protesto e de maneira subversiva se alienou as formalidades e conduziu seu caminho clandestinamente a margem da legalidade até seus últimos dias na prisão.<sup>11</sup>

Dietrich Bonhoeffer foi uma pessoa singular, a qual os cristãos de hoje devem olhar de uma maneira especial dentre os grandes cristãos do século XX. Pastor muito zeloso, teólogo inovador e militante contra o nazismo, reúne em sua pessoa características muito diametralmente opostas, como não é observado em outras pessoas, a qual tem uma ou outra característica. Carlos Caldas comenta que em Bonhoeffer existe “uma integração notável, pois superou a dicotomia infelizmente muito presente em seu tempo, e hoje também, tanta lá (Alemanha), como cá (Brasil) em que há quem seja apenas um intelectual teórico, e outros que são ativistas acrílicos”.<sup>12</sup> Em uma época em que a “morte de Deus” era crível a uma grande parcela da população Bonhoeffer se opôs. A morte de Deus salienta que o mundo suprasensível está sem força de atuação. Ela não conduz mais a vida dos homens. A filosofia ocidental, assim como as religiões está no fim.<sup>13</sup> Mas Bonhoeffer mostrou fé em Deus, deixando seu testemunho para mostrar que aqueles que são discípulos de Cristo ainda estão vivendo pela fé, acreditando na mensagem do Evangelho. Bonhoeffer pode simbolizar também aqueles invisíveis que resistiram ao nazismo, aqueles que lutaram silenciosamente, apesar de grande parcela da população alemã ter apoiado Hitler, ele pode representar a minoria e o aparente fracasso não condiz como quem foi referencial de humanidade, amor, empatia e coragem.

O presente trabalho inicia com os anos de formação de Bonhoeffer, bem como seu estudo e os primeiros anos de seu ministério. Em seguida situa o leitor como estava o ambiente político e teológico da Alemanha dos anos 1930, que o jovem pastor iria enfrentar. A partir daí tem o início a não aceitação das atitudes do Estado com a minoria perseguida e o conflito do resistente Bonhoeffer com a

---

<sup>11</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 244.

<sup>12</sup> [www.ultimato.com.br/conteudo/75-anos-depois-o-que-podemos-aprender-com-dietrich-bonhoeffer](http://www.ultimato.com.br/conteudo/75-anos-depois-o-que-podemos-aprender-com-dietrich-bonhoeffer).

<sup>13</sup> A sentença nietzschiana "Deus está morto" ([bvssalud.org](http://bvssalud.org))

máquina estatal, usando sua força teológica, política e eclesiástica numa tentativa de parar Hitler. As questões que agitam a Igreja Alemã, como a questão judaica na participação da vida eclesial e os primeiros movimentos resistentes ao governo alemão. Em seguida em a vida do pastor na clandestinidade com seus discípulos e sua adesão aos conspiradores para derrubar o governo. Por fim, os últimos acontecimentos de sua vida são: a sua prisão, onde escreve as suas cartas para a família, a noiva e ao amigo Eberhard Bethge, que posteriormente será reunida em um livro que será chamado Resistência e Submissão, se tornando uma obra teológica magnífica. Verdadeiros poemas e expressões do coração de um cristão preso demonstrando sua fé inabalável em Deus que serve para mostrar sua resistência a toda opressão e a resposta aos conflitos da vida e seus algozes. E o martírio é o “início do fim”<sup>14</sup> de uma vida devota a Deus com toda sua força, pelo qual trilhou e recebeu seu descanso de Deus e sua coroa de glória.

---

<sup>14</sup> "Das ist das Ende - für mich der Beginn des Lebens" que quer dizer: Este é o fim – para mim o começo da vida. Frase emblemática quando estava sendo levado para o martírio em Flossenbürg.

## 2

### Os Bonhoeffer

Era um inverno no fim do século XIX. Karl Bonhoeffer conhece Paula von Hase. Ele psiquiatra, de uma longa geração de alemães cultos e de renome no país, ela professora de linhagem ilustre, ambas as famílias com poder financeiro e prestígio social, casaram-se no dia 5 de março de 1898, ele com quase 30 anos e ela com 22 anos. Karl e Paula Bonhoeffer tiveram 8 filhos em uma década de matrimônio. São eles: Karl-Friedrich, Walter, Klaus, Ursula, Christine, e no dia 04 de fevereiro de 1906 nasceram do casal os gêmeos Dietrich e Sabine, e a caçula Susane nascendo em 1909. O avô materno, Karl Alfred von Hase, ex-capelão do imperador, foi quem batizou os gêmeos. Nascidos na Breslávia, hoje Wrocław, na Polônia<sup>15</sup> tiveram a sua infância criada de maneira rigorosa pelo casal, que ensinaram valores morais e de fé aos seus filhos, sendo a principal base cristã para Dietrich o lar. Muito educado por sua mãe, como Paula sempre afirmava aos seus filhos a “expressão do altruísmo, a expressão da generosidade e a ajuda ao próximo eram fundamentais a cultura familiar”.<sup>16</sup> A fé de Paula Bonhoeffer era tão profunda que ensinou Dietrich a “fazer a igreja viver de fato aquilo que afirmava acreditar”<sup>17</sup>, algo que seria muito latente em sua vida, um cristianismo prático, contando aos seus filhos que a visita a igreja não dizia muita coisa. Aliado à criação, os filhos estudaram em escola de tradição pietista, a qual enfatizavam a leitura bíblica, uma fé pessoal, devoção no lar e outras marcas que Dietrich Bonhoeffer iria carregar na sua vida. Adorava piano, herdado o dom de sua mãe, uma musicista talentosa, que tocava brilhantemente nos encontros familiares, os pais chegaram a pensar que poderia seguir carreira musical, e quando jovem também se dedicava a escrever poesias.<sup>18</sup> Em 1912, Karl Bonhoeffer e família se mudaram para Berlim, aceitando ele a nomeação para a cadeira de psiquiatria e neurologia na universidade de Berlim. As lembranças de

---

<sup>15</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 13.

<sup>16</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 21.

<sup>17</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 24.

<sup>18</sup> MILSTEIN, Werner. Dietrich Bonhoeffer: vida e pensamento, p. 9,12.

sua infância foram as melhores possíveis, como um garoto qualquer, alguns episódios de sua vida estão descritos:

Em suas fotografias de quando era criança e jovem, os traços de Dietrich são meigos, quase femininos. Mas ele sabia brigar, ia para o corpo-a-corpo com seus irmãos e como presente de Natal pediu uma pistola de rolha e soldados [de chumbo]. Construía cavernas e jogava caçador. Na verdade, ele tinha aptidões esportivas. Aos sete e meio anos, ingressava no ginásio. Quando completa oito anos, eclode a Primeira Guerra Mundial, e os “bons velhos tempos” se despedaçam.<sup>19</sup>

O ano de 1918 foi marcante para a criança Bonhoeffer, como para a Alemanha e toda Europa. Neste ano, no dia 28 de abril o irmão Walter e dois primos são mortos na Primeira Guerra Mundial. Tendo fim a guerra no mesmo ano, escreveria mais tarde sobre si mesmo: “Ele teria gostado de morrer jovem, de uma morte piedosa bonita. Todos deveriam ver e sentir que a morte não é horrível, mas sim bonita para quem crê em Deus”.<sup>20</sup> Dietrich concluiu os seus estudos com 13 anos, matricula-se no ginásio, marcando para a época a transição para a fase adulta e com a decisão já tomada de cursar teologia.<sup>21</sup> Milstein sinaliza que estes acontecimentos amadureceram o desejo de Dietrich se dedicar a teologia, participando com afinco dos cultos.<sup>22</sup> O pai pensava que Dietrich estava desperdiçando seu talento, pois a igreja para ele era um clube mesquinho e antiquado, e a resposta ao seu pai foi que “então ele iria reformar a igreja”,<sup>23</sup> já os irmãos provocavam chamando de o irmão teólogo.<sup>24</sup> Fez sua confirmação em 1921, recebe de presente dos seus pais a Bíblia de seu irmão Walter, que levaria para o resto da sua vida, fazendo suas devoções diárias com ela. No dia 24 de junho de 1922, ouviu-se tiros na sala de aula de Grunewald, onde Bonhoeffer estudava, ficando assustados pelo barulho, o ministro do Exterior Walther Rathenau havia sido assassinado por radicais de direita, ao saber Dietrich fica revoltado e afirma preocupação com o “destino da Alemanha se os seus melhores líderes são assassinados”.<sup>25</sup>

<sup>19</sup> MILSTEIN, Werner. Dietrich Bonhoeffer: vida e pensamento, p. 14.

<sup>20</sup> MILSTEIN, Werner. Dietrich Bonhoeffer: vida e pensamento, p. 15.

<sup>21</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 46.

<sup>22</sup> MILSTEIN, Werner. Dietrich Bonhoeffer: vida e pensamento, p. 16.

<sup>23</sup> MILSTEIN, Werner. Dietrich Bonhoeffer: vida e pensamento, p. 18.

<sup>24</sup> HENDRIX, John. O espião fiel: Dietrich Bonhoeffer e o plano para matar Hitler, p. 12.

<sup>25</sup> MILSTEIN, Werner. Dietrich Bonhoeffer: vida e pensamento, p. 17.

## 2.1

### A formação teológica de Dietrich Bonhoeffer

Dietrich Bonhoeffer em 1923 inicia os estudos universitários, e naquele ano vai a Tübingen para estudar. No ano seguinte, volta a Berlim para o segundo ano de formação, mas aos 16 anos, prefere passar o segundo semestre de 1924 com uma marcante viagem a Roma, presente de seus pais, andando por toda a cidade e absorvendo o máximo possível, como era típico da família e a estudantes alemães, fazer viagens culturais e estudantis. Eric Metaxas assinala o verdadeiro significado da viagem para Dietrich Bonhoeffer:

Não dizia respeito a seu aspecto de ampliação cultural após uma sublime excursão, ou seu aspecto acadêmico, da experiência, como estudante, de passar um semestre no exterior, mas sim à indução de seus pensamentos na direção do questionamento que ele iria perguntar e responder pelo resto de sua vida: o que é a Igreja?<sup>26</sup>

“Acho que estou começando a compreender o conceito ‘igreja’<sup>27</sup>, naqueles dias, suas visitas a Roma e a Igreja Católica geraram frutos significativos para seu labor teológico, pensando a partir da universalidade da igreja, e o conceito marcante de sua teologia era a forma concreta do ser da igreja, que estimularia o caminho para ele até sua tese de doutorado, *Sanctorum Communio*<sup>28</sup>, e seu trabalho de pós-doutorado *Akt und Sein*<sup>29</sup>. A afirmação central de sua obra *Sanctorum Communio* é “a Igreja é o Cristo que existe como comunidade”. Para Bonhoeffer, Cristo é a palavra de Deus, não apenas pregado na igreja, mas a igreja é o corpo de Cristo. Desta forma a igreja precisa existir para os outros, conforme Cristo existe para os outros. E ainda a Igreja é o componente extensivo da inclusão cristológica.<sup>30</sup> Já *Akt und Sein* é voltada para individualizar a Revelação como pressuposto da Igreja. Como aprendido com sua mãe, as suas ideias precisavam se relacionar com a prática da vida. Pensando na natureza da igreja, o levaria para o movimento ecumênico, engajado por toda sua vida. Diferenciando

<sup>26</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 65.

<sup>27</sup> MILSTEIN, Werner. Dietrich Bonhoeffer: vida e pensamento, p. 19.

<sup>28</sup> A comunhão dos santos, publicado pela editora Sinodal.

<sup>29</sup> Ato e Ser.

<sup>30</sup> CUNHA SOBRINHA, Miriam. Dietrich Bonhoeffer: cristianismo e testemunho, p. 17.

da teologia da ordem da criação<sup>31</sup>, que vincula o conceito de *Volk*<sup>32</sup>, contrária a ideia de uma igreja universal e católica, algo bem incomum aos luteranos alemães.<sup>33</sup> Quando os nazistas assumiriam o controle da igreja, caberia à Bonhoeffer a romper com a igreja estatal e iniciar a Igreja Confessante junto com outros pastores.<sup>34</sup> Para ele a teologia da ordem da criação, era uma teologia preconceituosa e equivocada, haja vista que em Roma aprendeu que reunia o melhor do mundo pagão clássico com a fé cristã. Ali em Roma se depara com um pensamento germinal, que seria aplicado no futuro, a respeito de um movimento que não expressava a igreja organizada ou o rompimento com ela, quando não se anda pelo caminho da palavra de Deus. Metaxas transcreve as palavras do seu diário:

Se o protestantismo nunca tivesse se transformado numa igreja estabelecida, a situação seria completamente diferente [...] representaria um fenômeno incomum da vida religiosa e uma séria devoção reflexiva. Seria, portanto, a forma ideal de religião [...]. A Igreja deve se separar por completo do Estado [...]. Não demoraria muito para as pessoas retornarem, pois elas precisam ter alguma coisa. Elas teriam redescoberto sua necessidade pela devoção religiosa. Seria uma solução? Ou não?<sup>35</sup>

Neste interim, em visita ao Vaticano, acontece também a sua primeira impressão do ministério pastoral, quando diz que “a universalidade da igreja estava ilustrada de uma maneira maravilhosamente eficaz. Membros brancos, negros e amarelos das ordens religiosas – todos de vestes sacerdotais, unidos sob a igreja. Pareceu-me o ideal verdadeiro”.<sup>36</sup>

De volta a Berlim para concluir seus estudos, demonstrava profundo respeito e aprendizado pelos seus professores, mas com toda a educação recebida, cordialmente discordava deles. Foi aluno do grande teólogo liberal Adolf von Harnack, de outros professores como Reinhold Seeberg e Adolf Deissman, que introduziria Bonhoeffer no mundo ecumênico. Mas o seu grande mentor e amigo, reverenciando-o acima de todos os anteriores é Karl Barth.<sup>37</sup> No fim de 1927,

<sup>31</sup> Afirma que o povo alemão é escolhido por Deus, constituindo uma igreja puramente ariana, baseada nos preceitos raciais.

<sup>32</sup> Povo em Alemão.

<sup>33</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 66.

<sup>34</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 68.

<sup>35</sup> The Young Bonhoeffer: 1918-1927, vol 9 Dietrich Bonhoeffer Works, p. 88-89 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 61.

<sup>36</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 61.

<sup>37</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 72-73.

*Sanctorum Communio* foi apresentado e aprovado com maestria. Bonhoeffer a define como “Cristo existindo como comunidade eclesial”.<sup>38</sup> Mas com a formação, Dietrich viveria alguns dias de dúvida: se iniciaria a vida ministerial ou permaneceria na academia. A família optaria pela academia, porém iria escolher o ministério.<sup>39</sup> Recebera um convite para pastorear a congregação alemã em Barcelona, na Espanha, onde estará um ano, confirmando o seu desejo de alguns anos atrás. Bonhoeffer definia a teologia como:

O curvar-se sob o conhecimento coerente e ordenado da palavra de Deus em seu contexto e em sua figura singular sob a orientação dos credos da Igreja. Ela está a serviço da pregação íntegra da palavra na comunidade e da edificação da comunidade de acordo com a palavra de Deus. (...) Não devemos esquecer que entre nós e a Bíblia está uma *Igreja* que tem uma história.<sup>40</sup>

Se faz necessário também entender a visão que ele tinha do cristianismo, diferente das demais religiões e de que forma ele explica o seu significado:

Nas religiões é o homem que procura Deus e se esforça para com Ele manter contato (...) a religião é vista como um fato “humano”, como obra do homem. No cristianismo, ao invés, a iniciativa não é do homem, mas de Deus: é Deus que mediante a Revelação se revela ao homem; a “humanidade” do cristianismo alcança seu ponto mais alto na Encarnação, isto é, no fato de que Deus para vir ao encontro do homem, para falar-lhe e para salvá-lo, se faz homem ele próprio em Jesus de Nazaré. O que especifica o cristianismo é o seu caráter divino-humano, ou melhor, é o encontro, na pessoa de Jesus, de Deus e do homem. Em outras palavras, é a encarnação.<sup>41</sup>

Concebe a religião como uma forma de refúgio para o homem, ainda imaturo, sem conhecer a Deus verdadeiramente, fazendo Dele um deus, como Bonhoeffer descreve tão bem no fim de sua vida, um Deus de tapa-buracos:

De fato, pessoas de todas as épocas conseguiram resolver essas questões também sem Deus, e simplesmente não é verdade que só o cristianismo tenha a solução para elas. No que diz respeito ao conceito “solução”, as respostas cristãs são tão pouco – (ou tão) – concludentes quanto qualquer outra solução possível. Também neste ponto Deus não é um tapa-furos; Deus tem que ser conhecido não apenas nos limites de nossas possibilidades, mas no centro da vida; Deus quer ser conhecido na vida e não apenas na morte, na saúde e na força e não apenas no sofrimento, na

<sup>38</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 76.

<sup>39</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 81.

<sup>40</sup> BONHOEFFER, Dietrich. A respostas às nossas perguntas. Reflexões sobre a Bíblia, p. 71-72.

<sup>41</sup> CUNHA SOBRINHA, Miriam. Dietrich Bonhoeffer: cristianismo e testemunho, p. 46.

ação e não apenas no pecado. [...] e de modo algum “veio para” trazer-nos a resposta para questões não resolvidas.<sup>42</sup>

O principal pensamento bonhoefferiano sem dúvidas é sobre a Igreja e o modo que ela se relaciona com Deus e com o mundo, tanto que, como já dito, sua tese e pós-doutorado foi escrito nestas linhas. Um aspecto teológico importante que Bonhoeffer deu atenção foi o cristológico. As obras *Discipulado* e *Vida em comunhão* giram em torno deste tema comum que é Cristo. No período posterior, nos anos finais de sua vida o tema Mundo será atendido com as obras *Ética e Resistência* e *submissão*. Mas como Cunha Sobrinha afirma que todas as obras se encontram transversalmente marcadas por um forte cristocentrismo.<sup>43</sup> Ela detalha o tema que permeia a obra:

Bonhoeffer sustentava que Cristo era o único lugar em que pode ser considerado unidos Deus e a realidade, sem que Deus tenha que desagregar o real e sem que o real se distancie de Deus. Ele buscou um vocabulário apropriado para exprimir a unidade de Deus e do mundo em Cristo, permanecendo ao mesmo tempo fiel à transcendência da Palavra que, de fato, da sua vocação não-reconhecida. É assim que Bonhoeffer chama Jesus Cristo de a “estrutura” (*die Struktur*), a “forma” (*die Gestalt*), o “centro” (*die Mitte*) da realidade.<sup>44</sup>

De fato, para Bonhoeffer a base do comportamento ético se baseia em como a realidade do mundo e a realidade de Deus foram reconciliados pela realidade de Cristo.<sup>45</sup> Em um curso de 1933 que Bonhoeffer ministrou como jovem docente na Universidade de Berlim, expôs que a revelação de Jesus é tríplice: na Palavra, no Sacramento e na Comunidade. A palavra estava no princípio e fez tudo. Deus poderia revelar-se de qualquer outro modo, mas primeiramente o fez pelo poder de sua palavra, está unido a ela, havendo total liberdade daquele que fala, e todo dia ela se faz diferente e nova. O Sacramento é a presença da Palavra. Nela se anuncia o Evangelho. Vai além de mistério ou simbolismo, uma ação consagrada que traz e interpreta a Palavra. É pura revelação quando redime os pecados pelo ato, a palavra perfeita para o Corpo. Já a Comunidade é o local de manifestação do Logos que toma forma na dimensão espaço-tempo. Cristo se faz presente em forma espiritual-corpórea, não sendo somente ciência ou doutrina, é a força da

<sup>42</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*, p. 415.

<sup>43</sup> CUNHA SOBRINHA, Miriam. *Dietrich Bonhoeffer: cristianismo e testemunho*, p. 31.

<sup>44</sup> CUNHA SOBRINHA, Miriam. *Dietrich Bonhoeffer: cristianismo e testemunho*, p. 31.

<sup>45</sup> CALDAS, Carlos. *Dietrich Bonhoeffer e a teologia pública no Brasil*, p. 152.

Palavra criadora que abençoa e figura-se dentro da Comunidade. Por isso a comunidade é o local por excelência da Palavra.<sup>46</sup>

Cunha Sobrinha ainda cita André Dumas corroborando que Bonhoeffer tem sua teologia baseada no realismo cristológico, em que a compreensão da fé consiste não no organizar primeiro e posteriormente tratar os conflitos, mas, em explanar a realidade em Deus, que por sua vez é a origem e significado do primeiro, ainda cita que as obras bonhoefferianas, são produzidas por seu realismo ontológico, isento de idealismos metafísicos. Tanto nos primeiros escritos, quantos nos últimos, a questão é a maturação dos pensamentos e evolução de conceitos teológicos. Para Bonhoeffer, Cristo é a primeira realidade de tudo na sua pessoa. Não existe separação de ideia e realidade, traço marcante de seu labor teológico que o acompanhou na vida, na práxis de sua teologia. O teólogo alemão procura ligar Deus ao mundo a partir da encarnação de Cristo, o “Jesus homem-para-os-outros”.<sup>47</sup> A partir desta fórmula pode-se compreender significativamente que a teologia e a ação andam juntas para ele, não havendo separação ou distinção em conceitos destituídos de participação no outro elemento.

## 2.2

### O ministério pastoral

No dia 8 de fevereiro de 1928, Dietrich Bonhoeffer finalmente se despediria de todos e embarcava para Barcelona para ser pastor assistente do reverendo Olbricht, como parte do seu estágio. Metaxas afirma que posteriormente Bonhoeffer, de maneira velada afirmaria que “ele tinha sido ‘agarrado’ por Deus; Deus o guiava e, muitas vezes, a lugares onde ele teria preferido não ir”.<sup>48</sup> Mesmo assim, este ano pastoral foi de muito aprendizado ao observar o estilo de vida dos alemães na Espanha, notando o “materialismo” evidente da geração que não viveu a guerra.<sup>49</sup> Se adaptou bem ao estilo de vida local, pregando 19 sermões e conduzindo um trabalho para as crianças.<sup>50</sup> Através das experiências iniciais do ministério, Bonhoeffer se sensibilizou para a condição do próximo, experimentando na prática como era pastorear pessoas, que serviria também para

<sup>46</sup> CUNHA SOBRINHA, Miriam. Dietrich Bonhoeffer: cristianismo e testemunho, p. 77-78.

<sup>47</sup> CUNHA SOBRINHA, Miriam. Dietrich Bonhoeffer: cristianismo e testemunho, p. 32-33.

<sup>48</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 83.

<sup>49</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 84.

<sup>50</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 90.

a sua teologia, no conceito de graça barata formulado por ele, em uma carta ao amigo Rossler, relataria que:

No geral, são pessoas que se sentem sem um lar em ambos os sentidos e que começam a se derreter quando são tratadas com gentileza – pessoas reais; posso afirmar ter adquirido a impressão de que são justamente essas pessoas as que se encontram mais sob a graça do que sob a ira, enquanto o mundo cristão se encontra mais sob a ira do que sob a graça.<sup>51</sup>

No dia 23 de setembro daquele ano seus pais o visitaram, e viram Dietrich pregar uma antropologia teológica integral do ser humano, defendendo a encarnação da fé cristã contra a ideia dualista da inferioridade do corpo em relação a alma ou espírito, enfatizando que “Deus quer ver seres humanos, não espíritos que se esquivam do mundo, e em toda a história da humanidade, há um único momento realmente importante – o presente [...] Se quiser a eternidade, você deve servir ao seu tempo”.<sup>52</sup> Dando continuidade ao seu pensamento sobre a igreja, que serviria mais tarde para oposição ao nacional-socialismo em um tom desafiador e crítico, na palestra de 11 de dezembro ele expôs:

Com isso, temos articulado uma crítica básica da mais grandiosa dentre todas as tentativas humanas de avançar em direção ao divino: a igreja. O cristianismo oculta em si um germe hostil à igreja. É muito fácil fundamentar nossas reivindicações a Deus em nossa própria religiosidade cristã e sobre nosso compromisso com a igreja, e, ao fazê-lo, confundimos e distorcemos totalmente o ideal cristão.<sup>53</sup>

Nos seus sermões, palestra e encontro, Bonhoeffer, cada dia desenvolveria mais sua teologia, dando expansão aos seus pensamentos. Metaxas conclui que “tudo aquilo que Bonhoeffer iria dizer e escrever mais tarde consistiria numa ampliação e aprofundamento de tudo o que ele dissera e acreditara anteriormente, mas não houve qualquer tipo de alteração em seus fundamentos teológicos”.<sup>54</sup> Assim o jovem pastor se prepararia em todos os âmbitos para viver os dias mais difíceis da sua vida.

De volta a Berlim em fevereiro de 1929, aos 23 anos, faltando dois anos para a ordenação, ele terminava durante aquele ano seu pós-doutorado,

<sup>51</sup> Barcelona, Berlim, New York, p. 127 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 93.

<sup>52</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 94.

<sup>53</sup> Barcelona, Berlim, New York, p. 354 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 93.

<sup>54</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 97.

chamado de habilitação na Alemanha, a fim de se qualificar para poder ser professor universitário livre. Fazia assim porque não queria fechar as portas da academia em definitivo.<sup>55</sup> A tese *Akt und Sein* era um tipo de continuação de *Sanctorum Communio*. Metaxas resume a tese de Bonhoeffer:

Usou uma linguagem filosófica para demonstrar que a teologia não é somente um campo da filosofia, mas algo bem diferente. Para ele, a filosofia era a busca do homem pela verdade à parte de Deus. Seria um tipo de “religião”, no sentido de Barth, na qual o próprio homem tenta alcançar o céu ou a verdade ou a Deus. A teologia, porém, inicia-se e termina com a fé em Cristo, revelador de si mesmo ao homem; separada de tal revelação, não pode existir algo como a verdade. Portanto, o filósofo – e o teólogo que atua sobre pressupostos filosóficos – gira em torno do seu próprio umbigo. Ele não consegue se livrar desse círculo, mas Deus, por meio da revelação, pode rompê-lo.<sup>56</sup>

Bonhoeffer mais uma vez viajaria, só que agora para os Estados Unidos, no outono. No dia 6 de setembro de 1931 embarcou no navio *Columbus*. De maneira geral, esta viagem seria decepcionante. Primeiro em Nova York foi até o *Union Theological Seminary* ficando assustado de ver a briga entre liberais e fundamentalistas, usavam frases prontas e a ridicularização aos fundamentalistas, e em segundo lugar, ao assistir as palestras afirmou que “não há teologia aqui”<sup>57</sup>, sua conclusão foi que “se aprende muito pouco por aqui [...], mas parece-me lugar para percepções silenciosas [...]. E o principal, onde se percebe a ameaça que a América representa para nós”.<sup>58</sup> Metaxas aponta para a única exceção para o aprendizado de Bonhoeffer na América foi ter conhecido as “igrejas dos negros”, extraíndo dali suas experiências ao visitar a Igreja Batista Abyssinian, no Harlem. Bonhoeffer assistiria à pregação do Dr. Adam Clayton Powell Sr, que combinava o avivamento espiritual com grande intelecto, alinhado a obra social, ele dizia: “obedecer a Deus significa desafiar a injustiça! Não podemos simplesmente pensar sobre Deus, devemos agir!”, Bonhoeffer aprendia o caráter prático da teologia.<sup>59</sup> Viu o poder se manifestar a partir da viva relação com o evangelho, encontrando uma profunda obediência a Deus nestas mensagens, algo que seria tão caro a ele. Somando a isso, a música dos *negro spiritual* o deixava encantado,

<sup>55</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 102.

<sup>56</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 102.

<sup>57</sup> Barcelona, Berlim, New York, p. 265-266 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 93.

<sup>58</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 109.

<sup>59</sup> HENDRIX, John. O espião fiel: Dietrich Bonhoeffer e o plano para matar Hitler, p. 31.

procurando discos por Nova York para levar a Alemanha.<sup>60</sup> Dietrich Bonhoeffer ao visitar Washington, se deparou com a situação de segregação racial, percebendo a diferença para o tratamento que os judeus recebiam na Alemanha, na qual existia uma igualdade econômica e posição social equiparada, ao contrário dos negros americanos que viviam na pobreza e na marginalização. Dizia que não existe uma “situação análoga” no seu país, escreveu na carta para seu irmão Karl-Friedrich.<sup>61</sup>

Episódio marcante foi sua amizade com francês Jean Lassere que visitava também os Estados Unidos, e boa parte passou ao lado dele. Com assiduidade Lassere falava sobre o sermão do monte para Bonhoeffer, que teria papel central na sua vida e escrita do livro *O custo do discipulado*<sup>62</sup>. Lassere envolveria Bonhoeffer também no movimento ecumênico, que desdobraria na resistência ao nazismo.<sup>63</sup> Bonhoeffer no dia 20 de junho de 1931, embarcou de volta para Berlim para ser professor na universidade.

No mês seguinte iria encontrar com Karl Barth em Bonn. Barth era influência para os seus escritos e pensamentos teológicos, *Akt und Sein*, havia muito conteúdo barthiano, pelos próximos dois anos o encontro seria frequente com seu mestre. No futuro seria um grande incentivador a volta a Alemanha para se opor ao nazismo.<sup>64</sup> Durante o ano de 1932 seria convidado a pregar algumas vezes, em comemoração ao dia 31 de outubro, o dia da Reforma Protestante. Ele fez um sermão exortativo, apelando ao seu público que “a igreja protestante está nos seus últimos instantes de vida, e é passada a hora de percebermos isso”.<sup>65</sup> Esta foi uma mensagem emblemática e profética feita por Bonhoeffer, uma de suas mensagens mais conhecidas. Desde o início se opôs ao nazismo, e a pregação pelos 415 anos da Reforma tinha um tom apocalíptico em que previa a crescente campanha pela tomada do poder pelo nacional-socialismo e já fazendo clara resistência, convocava a igreja a abrir os olhos com os movimentos políticos, eclesiásticos e teológicos que aconteciam na Alemanha. Pregada na catedral da

<sup>60</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 121-122.

<sup>61</sup> Barcelona, Berlim, New York, p. 258 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 93.

<sup>62</sup> Título original: *Nachfolge*. No Brasil é conhecido somente como Discipulado, lançado pela Editora Sinodal.

<sup>63</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 126-127.

<sup>64</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 133.

<sup>65</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 135.

Igreja Memorial Kaiser Wilhelm em Berlim, com o tema da mensagem em Apocalipse 2.4-5,7, ele iniciou sua fala dizendo:

Entrementes já nos deveríamos ter dado conta que soou a undécima hora para a igreja evangélica, que não nos resta muito tempo até que se decida se ainda haverá o raiar de um novo dia. Deveríamos saber também que não se pode consolar um moribundo com toque de fanfarras ou, quem sabe, trazê-lo de volta à vida. O toque de fanfarra faz parte do cortejo fúnebre, daquele lugar onde se tenta suplantar o silêncio com um barulho mais frio ainda, onde coroas mortuárias e cânticos de luto tentam encobrir a decomposição. Crianças agem assim quando têm medo numa estrada escura; assobiam, pisam firme e fazem algazarra para criar coragem. Esse tipo de coragem, que nada verdade é medo, essa coragem-medo e esses toques de fanfarras que apenas anunciam que a morte já chegou – fanfarras mortuárias não são desconhecidas a nós que ainda participamos na vida da igreja. Dia da Reforma – é o dia mais tenebroso a partir do qual conhecemos esse tipo de coisa. Hoje, entre as milhares de fanfarras que revelam uma Alemanha em estado terminal, se podem ouvir também as outras que anunciam ao mundo a morte da igreja.<sup>66</sup>

A resistência por Bonhoeffer acontecia também dentro da universidade de Berlim, no ano de 1933, quando Adolph Hitler se tornou chanceler alemão. Sua aluna Inge Karding, conta Metaxas, que o professor falou que existe uma gravidade grande em dizer *Heil!*<sup>67</sup> a alguém que não seja Deus. Com uma aceitação gigantesca por parte do povo a liderança de Hitler, Bonhoeffer critica a noção de uma autoridade a partir do povo, não que não aceitasse a democracia, mas rechaçava a noção da heresia de que a voz de Deus era a voz do povo, afirmando conscientemente na Confissão de Betel.<sup>68</sup> Continua a dizer que se tornou irrelevante, nas condições atuais tentar descobrir o que o povo pensa. Em algum momento anterior a 1933 ele afirma que aqueles que ouvem a Bíblia devem procurar e perguntar pela estranha Palavra de Deus, senão, não encontrará resposta. Nisto, a igreja deve se ocupar em ser uma escola do ouvir, para ouvir melhor a Palavra e conseqüentemente o ser humano. Cada decisão para Igreja representa decisão para o cristão, a decisão de querer confiar ou não na palavra da Bíblia.<sup>69</sup>

Indo mais além, ensinando a bíblia e cânticos, em um local dominado totalmente pela teologia liberal (que havia deixado de lado o estudo bíblico,

<sup>66</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Prédicas e alocuções, p. 45.

<sup>67</sup> Salve em alemão.

<sup>68</sup> SVENSSON, Manfred. Resistencia y gracia cara, p. 145-146.

<sup>69</sup> BONHOEFFER, Dietrich. A respostas às nossas perguntas. Reflexões sobre a Bíblia, p. 9-10.

aplicando somente conceitos filosóficos à teologia).<sup>70</sup> Desde muito cedo, Bonhoeffer sempre se opôs ao partido e todos os seus ideais, sendo uma das poucas pessoas a reconhecer a ameaça desde a década de 1920, bem como um olhar atento as questões humanitárias. John Hendrix escreve:

Dietrich Bonhoeffer foi um dos primeiros na Europa a detectar e condenar o cheiro de morte ao redor de Hitler em seu modo de tratar o povo judeu. Pelas lentes de sua fé em Deus, Bonhoeffer enxergou a realidade do ódio propagado por Hitler e começou a soar o alarme enquanto o furacão se formava no horizonte. Infelizmente, sua amada Alemanha não lhe deu ouvidos.<sup>71</sup>

### 3

## O nazismo

No dia 30 de janeiro de 1933 terminava à chamada República de Weimar, governo de forma democrática que existiu na Alemanha durante 14 anos, dando o seu início no fim da Primeira Guerra Mundial. Este período foi caracterizado e avaliado de forma falida e inútil sob a desconfiança e descrédito da população. A Alemanha estava mergulhada num verdadeiro colapso econômico devido as pesadas taxas impostas pelos vencedores da Primeira Guerra Mundial, em 1919 no Tratado de Versalhes.<sup>72</sup> Os alemães chamavam de a “vergonha de Versalhes”, causando devastadores efeitos psicológicos na população, visto que o sistema republicano e suas estruturas não era crível às pessoas.<sup>73</sup> Jochen-Christoph Kaiser declaram que Julius Kaftan (1848-1926), vice-presidente do Superior Conselho Evangélico e professor da universidade de Berlim, constatou durante as jornadas da Igreja de Stuttgart em 1921:

A República de Weimar era um Estado sem religião, ele expressou o que estava sentindo a maioria dos protestantes alemães àquela hora dos acontecimentos; muitos deles diriam até que estavam convencidos de estar vivendo naquele momento da história em um Estado hostil à religião.<sup>74</sup>

<sup>70</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 142-143.

<sup>71</sup> HENDRIX, John. O espião fiel: Dietrich Bonhoeffer e o plano para matar Hitler, p. 5.

<sup>72</sup> Foi um tratado de paz assinado em Paris pelas potências europeias que encerra oficialmente a Primeira Guerra Mundial, sendo que a Alemanha o classifica como diktat (imposição).

<sup>73</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 193.

<sup>74</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 210.

A ascensão do movimento chamado de nacional-socialista floresceu na década de 1920, ambiente propício devido à falta de um governo forte e central. A extrema direita alemã cresceu na nação porque acreditava que a república era uma suposta traição ao povo, desconfiando que por de trás desta forma de governo, havia a intenção de “desconfessionalizar” a vida pública.<sup>75</sup> Neste ínterim, um pequeno grupo, denominado Partido dos Trabalhadores Alemães, fundado por Anton Drexler em janeiro de 1919, começa a tomar forma e alcançar notoriedade, sendo um instrumento perfeito de convencimento do povo. André Tadeu, em seu livro *Nazismo e Religião* conta que a “principal finalidade deste partido era combater a influência do marxismo nos sindicatos operários, e o círculo dos trabalhadores políticos, cujo principal líder era um jornalista fortemente nacionalista chamado Karl Harrer.<sup>76</sup> Posteriormente, André Tadeu de Oliveira mostra a ideologia deste partido que seria a base do futuro regime:

Além da retórica anticomunista, o Partido dos Trabalhadores Alemães, mesmo possuindo algumas divergências internas, tinha como focos primordiais o nacionalismo germânico e o antissemitismo, elementos bastante fortes na direita nacionalista alemã e que seriam assumidos plenamente pelo posterior nacional-socialismo.<sup>77</sup>

No ano 1919, fundação do partido, um jovem cabo do exército alemão, o austríaco Adolf Hitler, participaria de uma reunião. No próximo ano, 1920, Hitler filiava-se e começava a aumentar gradativamente sua influência, chegando a redigir os 25 pontos das diretrizes do partido. Em abril foi o idealizador da alteração do nome do partido, que passou a se chamar Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. Em 1921, tornou-se presidente, sendo o líder supremo do movimento Nazista. O partido pregava a construção de um Estado-nação totalitário, calçado na hierarquia racial, em disciplina coletiva extrema e lealdade a pátria, estendendo assim ao Estado que será nazista, como valor supremo da pátria.<sup>78</sup>

Em janeiro de 1933, o então presidente da República de Weimar, Paul Von Hindenburg, um marechal de guerra de 86 anos de idade, nomeia Hitler ao

---

<sup>75</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. *História Ecumênica da Igreja* 3, p. 194.

<sup>76</sup> TADEU DE OLIVEIRA, André. *Nazismo e Religião*, p. 51.

<sup>77</sup> TADEU DE OLIVEIRA, André. *Nazismo e Religião*, p. 51.

<sup>78</sup> TADEU DE OLIVEIRA, André. *Nazismo e Religião*, p. 52.

governo, para assumir a chancelaria do *Reich*.<sup>79</sup> Um ano depois, Hindenburg morre e Hitler passa a acumular os dois cargos: o chefe de governo e o chefe da nação. Ele se proclama *Reichsführer*<sup>80</sup> do Estado alemão e esta decisão é ratificada mais tarde por meio de um referendo que só aconteceu em 19 de agosto de 1934. Até então, Hitler respeitava as leis do país.

Os nacionais-socialistas subiram ao poder nas últimas eleições de 1933, mas não o detinha de forma plena, pois não ocupavam ainda postos importantes. A maioria dos ministérios do governo está na mão do vice-chanceler Franz von Papen e seus conservadores. O partido nazista ocupava somente duas pastas, uma sendo de Hermann Goering, ministro do Interior da Prússia. Hitler e os nacionais-socialistas junto com os conservadores não dispunha de mais do que 247 cadeiras do total de 583 que forma o *Reichstag*.<sup>81</sup> Não concordando com o resultado das eleições, Hitler resolve dissolver a Assembleia e convocar novas eleições, para o dia 5 de março 1933. Na noite, de 27 de fevereiro, aconteceu o incêndio do Reichstag, na qual Hitler acusa o partido comunista do atentado e realiza buscas na casa do líder Karl Liebknecht, apoderando-se de documentos que “comprovaria” tal desastre. A maioria dos historiadores hoje concorda que foram os nacionais-socialistas a mando de Hermann Goering os causadores do incêndio, fato que aconteceu uma semana antes das eleições. Outro fator importante acontece no dia seguinte, 28 de fevereiro, onde Hitler obteve do presidente Hindenburg um decreto chamado Para a Proteção do Povo e do Estado, suspendendo as sete seções da Constituição de Weimar (Constituição que assegurava a liberdade de reunião e liberdade de imprensa, também constando neste documento a autorização do Reich para legislar no lugar dos *Länder*<sup>82</sup>). Com isso o poder de Hitler ia aumentando mais. Metaxas transcreve o efeito destas atitudes:

Restrições na liberdade pessoal, no direito da livre expressão de opinião, incluindo a liberdade de imprensa; nos direitos de reunião e associação; e violações da privacidade das comunicações postais, telegráficas e telefônicas; e mandatos de

---

<sup>79</sup> Prédio do Governo Alemão, onde o Chanceler é o chefe de governo.

<sup>80</sup> Líder do reino (governo).

<sup>81</sup> Parlamento alemão.

<sup>82</sup> Os Länder são os integrantes do Reichsrat, Assembleia legislativa alemã. A Alemanha neste período tinha duas casas legislativas: o Reichstag e o Reichsrat.

buscas domiciliares, ordens de confisco, assim como restrições a propriedade, são também permitidas além dos limites legais prescritos.<sup>83</sup>

Enfim, no processo eleitoral, líderes comunistas, sociais-democratas e liberais são presos. O resultado das eleições de 1933 deu a Hitler uma considerável vantagem, ainda sem a maioria pretendida, pois precisava de dois terços do *Reichstag*, alcançando somente 44% dos votos o partido nazista. Hitler não tinha o controle total do *Reichstag* ainda, mas para obter completo controle resolveu proibir a entrada de 81 deputados comunistas e vários deputados sociais-democratas. Com isso tem em suas mãos o poder legislativo, ação de forma autoritária conforme Daniel Cornu relata.<sup>84</sup> No fatídico dia 23 março, o *Reichstag* daria poder integral ao governo. De forma legal, aprovaria a Lei de Habilitação, mesmo funcionando de maneira restrita, repassando a Hitler e a seu gabinete o controle total da nação durante quatro anos, sem a prestação de contas ao *Reichstag*. Assim não havia mais nenhum impedimento para fazer as suas próprias leis e se autofiscalizar.<sup>85</sup>

Com liberdade de ação executiva, legislativa e judiciária Hitler tem o controle do país. Os partidos políticos desagregam-se devido às ações do governo. A lei de 14 de julho de 1933 modifica a legislação. Nesta reviravolta política é tolerado somente o partido nacional-socialista, que na prática acaba substituindo o Estado. Jansen Racco em seu livro, Uma questão de santidade, escreve a consequência desta lei e destes atos:

O Chanceler alemão passou a ter direitos de aprovação de tratados internacionais, e de emendas constitucionais, além de não ser mais fiscalizado pelo Reichstag. No meio de tantas transformações políticas, o Partido Nacional-Socialista (nazista) foi o único autorizado a funcionar, um duro golpe a democracia alemã e o estabelecimento do monopartidarismo e do totalitarismo nazista. Neste mesmo ano de 1933 é fundada a Gestapo, a polícia nazista, uma das principais ferramentas ditatoriais de Adolf Hitler.<sup>86</sup>

Esta centralização do poder seria concluída em janeiro de 1934, com boicote contra o comércio dos judeus em todo país. Também neste mesmo ano aconteceu à chamada Noite dos Longos Punhais, quando dissidentes do partido nazista

<sup>83</sup> SHIRER, William. The Rise and Fall of the Third Reich, p.194 apud METAXAS, Eric.

Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 163.

<sup>84</sup> CORNU, Daniel. Karl Barth, teólogo da liberdade, p. 11-13.

<sup>85</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 164.

<sup>86</sup> MELO, Jansen Racco Botelho de. Uma Questão de Santidade, p. 45.

foram assassinados por se oporem a atuação política de Hitler e sua aproximação com setores da grande indústria. Em 1935, os judeus foram proibidos de votarem, expulsos dos cargos públicos e perseguidos, provocando uma grande emigração da Alemanha.

O poder na Alemanha não admitia oposição, queria o controle total da nação. Georges Hourdin aborda de forma interessante o slogan nazista como “A doutrina do novo Estado alemão era traduzida pela seguinte fórmula: um chefe, um partido, um povo. O chefe era Hitler, o nacional-socialismo era o partido no poder, o povo resumia-se nos cidadãos que correspondiam aos critérios determinados como sendo os da raça ariana”.<sup>87</sup>

Jansen apresenta os desdobramentos das ações do governo do *Reich*, que serão: em 1938 Hitler anexa a Áustria, episódio este que ficou conhecido como o *Anschluss*.<sup>88</sup> O passo seguinte foi anexar à região dos Sudetos que ficava entre a Alemanha, a Tchecoslováquia e a Polônia, regiões de população alemã e por último a região de Dantzig no norte da Polônia, que desde o Tratado de Versalhes era considerado uma cidade livre. Com isto, o regime nazista voltou a dominar o corredor polonês, pertencente anteriormente à Alemanha, que havia sido devolvida a Polônia no fim da Primeira Guerra e agora recuperada. Assim o nazismo estava consolidado no poder e fazendo progressão em campo europeu, a um passo de começar a Segunda Guerra Mundial.<sup>89</sup>

### 3.1

#### A Igreja Nacional do Reich

Para entender como estava a religião cristã alemã nos anos de 1930 é necessário como pano de fundo um olhar rápido através da história, onde o espírito da reforma protestante também mudou drasticamente a fé nacional. Tem-se relatos de movimentação religiosa cristã desde o século VIII. O cristianismo estava consolidado como religião majoritária e estatal em solo germânico. Entre vários povos de origem teuta, o poder foi centralizado em um dos seus primeiros reis, Carlos Magno. Ele foi um monarca capaz de unir os povos europeus sob a

---

<sup>87</sup> HOURDIN, Georges. Vítima e vencedor do nazismo: Dietrich Bonhoeffer, p. 15.

<sup>88</sup> Conexão.

<sup>89</sup> MELO, Jansen Racco Botelho de. Uma Questão de Santidade, p. 46.

influência da fé cristã, mas as bases firmes viriam por meio de Oto I, coroado em 962, como imperador do Sacro Império Romano Germânico. Com isso, a cristandade estava no poder imperial da Idade Média, eliminando qualquer possibilidade de paganismo ou tipos variados de religiões locais a dominar algum dos reinos. Como consequência a união entre religião e estado estava bem firme e consolidada. No século XVI, onde o movimento reformado ascendeu, é descrito este processo:

Dentre várias características formadoras do cristianismo entre os povos teutônicos oriundas de formas diretas da consolidação do Sacro Império Germânico, encontramos a ligação intrínseca entre o estado e a igreja. Dessa forma, quando a reforma religiosa eclodiu no século XVI, os pequenos principados que constituíam a atual Alemanha faziam parte de uma estrutura imperial definida, influente e com poder sobre a organização eclesiástica.<sup>90</sup>

Tadeu de Oliveira compreende o momento mostrando bem a relação do cristianismo com o povo alemão. Apesar deste fato não representar definitivamente a ruptura dos luteranos com o catolicismo romano, a qual se concretizará somente no Concílio de Trento em 1551-1552 e com a Paz de Augsburgo. O texto a seguir mostra um passo deste fator histórico:

Fato culminante de todo este processo foi a apresentação, em 1530, por ocasião da dieta de Augsburgo, do documento basilar da nova fé luterana: a Confissão Augustana, ou Confissão de Augsburgo. Estava consolidado o rompimento com Roma. O caminho para a construção de uma nova cristandade, completamente independente da cúria papal e, no caso, da vertente luterana, fortemente germânica, estava livre. Surgiu um cristianismo tipicamente alemão, nacional.<sup>91</sup>

Richard Steigmann-Gall relata que Erich Koch, um dos mais altos representantes nazistas dos Cristãos Alemães, em 1933, por ocasião do 450º aniversário de nascimento de Lutero, afirmou que a ascensão do nazismo “era um ato de poder divino”, e comparou expressamente Hitler a Lutero, dizendo que “ambos tinham o amor e o apoio da nação alemã e que os nazistas combatiam com o espírito de Lutero”<sup>92</sup>, e após a Segunda Guerra mundial, declararia que a concepção nazista fazia a reforma inacabada por Lutero.<sup>93</sup> O Protestantismo,

<sup>90</sup> TADEU DE OLIVEIRA, André. Nazismo e Religião, p. 24.

<sup>91</sup> TADEU DE OLIVEIRA, André. Nazismo e Religião, p. 31.

<sup>92</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich, p. 17.

<sup>93</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich, p. 18.

principalmente luterano, sempre teve uma clara ligação com a nacionalidade germânica e a terra. As raízes estão intimamente ligadas: a doutrina de Martinho Lutero que ensinava a existência de dois reinos, o reino espiritual, exercido de forma soberana pela igreja e fiel sentinela do estado, defendendo-a e pronto a ajudar em seus equívocos, e outro reino que é o Estado, o secular, encarregado de garantir a paz, justiça e ordem. Esta relação, na prática converteu-se em uma clara posição de dependência e submissão da igreja para com o Estado, concedendo bases para a concretização de apenas um e totalitário reino. O historiador e teólogo liberal Adolf Von Harnack, afirma no livro *O que é cristianismo?* que “o cristianismo da reforma protestante pode ser descrito como basicamente germânico”.<sup>94</sup> Harnack se referia ao luteranismo em específico, não para outro ramo protestante. Abaixo, é exposto bem esta relação e identificação.

Essa ideia de germanidade existente no protestantismo alemão contribuiu para uma real identificação com qualquer movimento voltado à reconstrução da “grande Alemanha”. Assim, o nacional-socialismo foi acolhido positivamente por um segmento significativo do protestantismo alemão.<sup>95</sup>

O aspecto religioso do regime nazista é muito importante para os planos nazistas. Todos as crenças, mais precisamente o cristianismo, é muito útil a Hitler. O *Führer* usa o protestantismo como uma ferramenta de governo para adquirir mais adeptos e controle das massas. Pode-se ver a importância que se dá devido às investidas nas igrejas e seus líderes. Como o Estado é totalitário e ditatorial tem o objetivo do controle total da religião, principalmente no luteranismo, já que esta é fortemente nacionalizada, uma ligação profunda com a nação desde a fundação das crenças colocadas por Lutero. Com o catolicismo romano já não era tão fácil assim, pois a igreja romana é uma igreja universal, fugindo do controle do governo a tentativa de adequá-la como fazia com o protestantismo, Hitler coloca e delimita a igreja alemã nos moldes do governo nacional-socialista.

Na República de Weimar o apoio maior era para os católicos e para os socialistas. A igreja luterana neste período não está fortemente ligada ao governo, chegando quase a perder esta ligação, e assim encontra no nazismo uma abertura,

---

<sup>94</sup> HARNACK, Adolf Von. *O que é Cristianismo?*, p. 158.

<sup>95</sup> TADEU DE OLIVEIRA, André. *Nazismo e Religião*, p. 15.

segurança e apoio para seus empreendimentos. Steigmann-Gall relata este “casamento” entre o protestantismo alemão e o nazismo:

Em um processo semelhante, milhões de protestantes alemães, que tinham uma enorme representação no eleitorado nazista, vieram na Tomada de Poder uma volta ao cristianismo; para muitos deles, o Partido Nazista funcionava como um Partido de Centro Protestante, alcançando uma desejada reunião de protestantes em um *Volkspartei* unitário.<sup>96</sup>

O cristianismo neste momento tem em Hitler um suporte que a república não deu. Apesar de entender que o Estado alemão e o *Volk*<sup>97</sup> eram absolutamente prioridade em relação a qualquer confissão religiosa, onde as igrejas precisavam se adaptar ao novo Estado.<sup>98</sup> Não era permitido as igrejas se intrometerem nos assuntos do Estado, nem usar a religião “como um disfarce para propósitos políticos”<sup>99</sup>, assim como o cristianismo positivo estar acima das igrejas.<sup>100</sup> O cristianismo positivo era uma tentativa de colocar os conceitos da fé cristã nos moldes concebidos pelo nazismo. Seria então um cristianismo nazificado, adaptando os dogmas cristãos ao pensamento nazista como uma igreja puramente racial, livres de pessoas não-arianas e um Cristo totalmente vencedor. Vale citar que apesar de alguns golpes, Hitler é levado ao poder de forma democrática e pelo voto de milhares de cristãos. No início da década de 1930, a Alemanha conta com cerca de 45 milhões de protestantes, aproximadamente dois terços da população. Na soma total dos cristãos, católicos e protestantes de todos os ramos, chegando em 95% da população.<sup>101</sup>

A maioria das igrejas em solo alemão são as luteranas e as reformadas, que se distribui em 28 províncias eclesiásticas de todas as confissões.<sup>102</sup> A maior delas era a Igreja da União da Velha Prússia, com aproximadamente 18 milhões de membros. O posicionamento teológico era indefinido. Tenta-se moldar a fé do alemão, e com o avanço do nacional-socialismo surgiram novas divisões no protestantismo, levando a formação de novas igrejas. Hitler narrava uma história

---

<sup>96</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich, p. 149.

<sup>97</sup> Povo.

<sup>98</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich, p. 150-151.

<sup>99</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich, p. 153.

<sup>100</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich, p. 156.

<sup>101</sup> MELO, Jansen Racco Botelho de. Uma Questão de Santidade, p. 50.

<sup>102</sup> TADEU DE OLIVEIRA, André. Nazismo e Religião, p. 56.

que lhe convinha, dizia ao povo uma profecia esperançosa de ascensão da Alemanha:

Usava o nome de Deus, com as igrejas alemãs ajudando vender sua narrativa, e proclamava que os alemães eram um povo especial, destinado por Deus a vencer seus inimigos. Quando a grande depressão chegou à Alemanha, em 1929, a situação piorou ainda mais. Depois de uma década de carência e fome, o povo alemão estava pronto a aceitar qualquer um que promettesse mudança.<sup>103</sup>

Hitler articula nos bastidores a criação da Igreja Nacional do Reich com dois objetivos básicos: O controle nazista sobre a fé protestante, unificando todas as igrejas Luteranas, Reformadas, Unida e denominações independentes em uma só igreja, adotando o regime episcopal para a igreja, algo estranho para os alemães, ficando assim mais fácil do Estado ingerir nos assuntos eclesiásticos, sendo a igreja um braço do Estado. E o segundo objetivo é usar esta igreja como instrumento de propagação do cristianismo positivo. Bonhoeffer critica arduamente este uso da igreja pelo Estado nazista. Afirmava que as pessoas buscavam um Deus útil, recorrendo-o quando se sentem insuficientes, para alívio de seus males ou as conquistas dos seus sonhos<sup>104</sup>, como no caso aqui citado, M. Will diz que “toda esta busca por um Deus útil é a máxima expressão daquele projeto satânico que se difundiu e se difunde por tantos corações ao inverter e buscar para si aquilo que só a Deus é próprio (...) É a tentativa de a criatura ser o criador. O rompimento da graça; da dádiva em dívida.”<sup>105</sup> O Deus que salva é o Deus inútil, quando as pessoas o buscam pela sua inutilidade, ou seja, sem ganância de receber algo, busca-o por aquilo que ele É.

No início de 1933 representantes das igrejas associadas iniciam os trabalhos para a fundação e a elaboração da Constituição da Igreja do Reich. Esta constituição prevê o cargo de Bispo do Reich, para reformá-la internamente nos moldes nazistas, estendendo assim ao domínio eclesiástico o chamado *Führerprinzip*,<sup>106</sup> que era o princípio para líderes políticos, usado no princípio eclesiástico também para obter o controle total sobre todas as igrejas da

<sup>103</sup> HENDRIX, John. O espião fiel: Dietrich Bonhoeffer e o plano para matar Hitler, p. 38.

<sup>104</sup> WILL, M. Só o Deus inútil pode salvar, p. 19.

<sup>105</sup> WILL, M. Só o Deus inútil pode salvar, p. 22-23.

<sup>106</sup> Princípio do líder.

Alemanha.<sup>107</sup> Em um discurso escrito por Dietrich Bonhoeffer aos seus familiares e amigos, ele explica esta premissa:

Ele iniciou explicando por que a Alemanha buscava um Führer. A Primeira Guerra e a desordem e depressão subsequentes criaram uma crise na qual a geração mais jovem, em especial, perdera toda a confiança nas autoridades tradicionais do imperador e da igreja. O conceito alemão de Führer surge dessa geração e de sua procura por algum sentido e orientação de seus problemas. A diferença entre liderança real e liderança falsa consiste no seguinte: a liderança real deriva sua autoridade de Deus, a fonte de toda bondade. Portanto, os pais têm legítima autoridade porque eles são submetidos à legítima autoridade de um Deus bom. Mas a autoridade do Führer não se submete a nada. É autocrática, autoderivada e, por isso, possui caráter messiânico.<sup>108</sup>

Metaxas exprime a teologia de Bonhoeffer, em comparação com o evangelho: “o Deus da Bíblia permanecia junto à autoridade e liderança benevolente, mas se opunha ao Princípio *Führer* e a seu advogado Hitler”.<sup>109</sup> A família de Bonhoeffer sempre desconfiou de Hitler. Neste mesmo ano de 1933 se tornou o Chanceler alemão, e no dia da posse, Bonhoeffer estava na rádio de Berlim para explicar sobre o *Führerprinzip*, começou a discursar calmamente e confiante, ele odiava o jeito como Hitler discursava em público, cuspidando e gesticulando os braços, uma teatralidade completa, na mensagem Bonhoeffer dizia que um líder precisava servir a nação, e não como um falso ídolo a ser adorado,<sup>110</sup> no auge da sua mensagem ele argumentou “quando um líder se permite sucumbir aos desejos daqueles que lidera, daqueles que sempre tentarão transformá-lo em seu ídolo, a imagem do líder gradualmente se tornará em falso líder. Líderes e oficiais que se colocam como deuses zombam de Deus e do indivíduo solitário diante dele, e devem perecer”,<sup>111</sup> neste momento a transmissão foi interrompida, seu microfone ficando mudo e o operador disse-lhe que foram cortados. Manfred Svensson corrobora e acrescenta as falas de Bonhoeffer sobre a teologia de “cima” e de “baixo” em que o “o Führer tem autoridade de baixo, dos seguidores, o cargo tem autoridade de cima, a autoridade do Führer depende de sua pessoa, a autoridade do cargo é supra pessoal” e finaliza mostrando que a “autoridade de

<sup>107</sup> CORNU, Daniel. Karl Barth, teólogo da liberdade, p. 22.

<sup>108</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 155.

<sup>109</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 156.

<sup>110</sup> HENDRIX, John. O espião fiel: Dietrich Bonhoeffer e o plano para matar Hitler, p. 49.

<sup>111</sup> HENDRIX, John. O espião fiel: Dietrich Bonhoeffer e o plano para matar Hitler, p. 48.

baixo é a autojustificação do povo, a autoridade de cima é o reconhecimento do limite dado”.<sup>112</sup> No mês seguinte, na primeira pregação de Bonhoeffer ele disse:

A igreja possui um único altar, o altar do Todo-poderoso [...] perante o qual toda criatura deve se ajoelhar. Aquele que procura coisa diferente disso deve se afastar; não pode se juntar à casa de Deus [...]. A igreja possui um único púlpito, e do púlpito, a fé em Deus será pregada, e nenhuma outra fé, e nenhuma outra vontade que não a vontade de Deus, por mais bem-intencionada.<sup>113</sup>

Claramente a Igreja Nacional do Reich estava a serviço de Hitler, dos seus propósitos de nazificação da Alemanha e conseqüentemente da igreja alemã, mas Bonhoeffer entendia bem diferente do nazismo a relação de Igreja e Estado, os propósitos dos dois eram contrários, em Hitler a igreja é uma arma de disseminação de ideias e propagandas arianas, porém Bonhoeffer explica esta relação e demonstra sua posição:

A igreja tem a missão de conclamar todo mundo a se colocar sob o senhorio de Cristo. Ela testemunha para o governo o Senhor que ambos têm em comum. Chama os governantes para a fé em Jesus Cristo para a sua salvação. Ela sabe que a tarefa da autoridade é cumprida corretamente quando feita na obediência a Jesus Cristo. Seu alvo não é que o governo faça política cristã, leis cristãs, etc., mas que seja governo correto em consonância com sua incumbência especial. É a igreja que leva autoridade a compreender-se a si mesma. Por causa do Senhor comum, ela requer que o governo lhe dê ouvidos, a proteção da pregação cristã pública contra a violência e blasfêmia, a proteção da ordem eclesiástica contra interferência arbitrária e a proteção da vida cristã na obediência a Jesus Cristo.<sup>114</sup>

Bonhoeffer pensa em Cristo como o Senhor de tudo, o Senhor do Mundo, como o *Pantocrator*, que tem poder sobre todas as coisas, e este mundo pertence a ele, pois Jesus em si é o fundamento de tudo.<sup>115</sup> Carlos Caldas comenta que o “cristocentrismo robusto” de Bonhoeffer o leva a entender que não é uma esfera somente que esteja sob o senhorio de Cristo, mas sim tudo, conforme cita Tödt:

Bonhoeffer nega – dois anos antes da Declaração Teológica de Barmen de 1934 – “que haja esferas de vida autônomas da vontade de Deus que estejam isentas do senhorio de Cristo e que não precisam de atentar à sua Palavra. O que pertence a Cristo não é um distrito santo e sagrado do mundo, mas todo o mundo”. A igreja uma é a *praesens* de Cristo. Por conseguinte, ela proclama com autoridade o

<sup>112</sup> SVENSSON, Manfred. Resistencia y gracia cara, p. 158.

<sup>113</sup> BETHGE, Eberhard. Dietrich Bonhoeffer: A Biography, p. 257 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 158-159.

<sup>114</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Ética, p. 220-221.

<sup>115</sup> CUNHA SOBRINHA, Miriam. Dietrich Bonhoeffer: cristianismo e testemunho, p. 73.

evangelho e o mandamento – não princípios sempre verdadeiros, mas mandamentos que são verdadeiros hoje, porque Deus é sempre precisamente o nosso Deus hoje. Mas será que a igreja proclama os mandamentos concretos com a mesma convicção que proclama o evangelho?<sup>116</sup>

Esta presença de Cristo na vida daquele que se entrega totalmente em seus braços, para o teólogo da resistência, se traduz num pragmatismo de sua ética que o levará a entender este misticismo prático cristocêntrico a se envolver de forma sócio-política e engajamento profético contra o nazismo que encontra expressão visível no apelo por justiça e paz na sociedade alemã, bem como no mundo.<sup>117</sup>

Assim estava pronta a nova Alemanha, o novo cristianismo germânico, o nazismo com as rédeas na mão, poder e controle absoluto da nação, e agora da igreja protestante. Assim a igreja encontra as regras da vida na raça, na etnia e na nação.<sup>118</sup>

## 3.2

### Os cristãos alemães e o Bispado do Reich

Um grupo de cristãos na Alemanha da década de 1930, entendia que existia um casamento perfeito entre os ideais do cristianismo com o nacional-socialismo de ultradireita. Eles se autointitulavam de “*Deustch Christen*”<sup>119</sup>, onde lutavam por uma igreja alemã pura racialmente com a fé vitoriosa do cristianismo, uma união entre o *Volk* germânico e a *Kirche*<sup>120</sup> alemã.<sup>121</sup> Em 1932, fundam oficialmente o Movimento da Fé dos Cristãos Alemães, “aos quais se costuma atribuir a penetração do movimento étnico-nacionalista no protestantismo alemão”.<sup>122</sup> Joachim Hossenfelder, um de seus membros e pároco de uma igreja em Berlim, defendia sempre diante da imprensa e das numerosas palestras que existia acordo entre “a cruz cristã e a cruz suástica”.<sup>123</sup>

<sup>116</sup> TÖDT, Heinz Eduard. Authentic Faith. Bonhoeffer’s Theological Ethics in Context apud CALDAS, Carlos. Dietrich Bonhoeffer e a teologia pública no Brasil, p. 160-161.

<sup>117</sup> CALDAS, Carlos. Dietrich Bonhoeffer e a teologia pública no Brasil, p. 178-179.

<sup>118</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 223.

<sup>119</sup> Cristãos Alemães.

<sup>120</sup> Igreja.

<sup>121</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 187.

<sup>122</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 219.

<sup>123</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 221.

Para os Cristãos Alemães a grandeza do Estado nacional-socialista não é apenas uma questão de civismo ou de convicção política, mas um objeto de fé. Algumas posturas eram bem claras e definidas:

Elementos aglutinantes eram o antiliberalismo, o antimarxismo e o antisemitismo, além da esperança de que o nacional-socialismo haveria de “acabar”, finalmente, com os inimigos declarados do cristianismo atuantes na República de Weimar, para possibilitar um novo início religioso do povo alemão. [...] Como adeptos de uma perspectiva teológico-histórica, atribuíam à pessoa e ao programa de Hitler o caráter de uma revelação.<sup>124</sup>

Os Cristãos Alemães, de orientação pedagógico-religiosa, traziam elementos da mística racial nórdica, com objetivo de germanizar<sup>125</sup> a religião, pregavam o oposto do judaísmo, que Jesus era um líder antisemita, e a cruz como símbolo de guerra contra os judeus. O grupo citava comumente alguns trechos bíblicos para apoiar suas atividades, legitimando com caráter teológico. Dentre eles, com maior citação era João 8:44 e João 2:13-16 representando a energia de Jesus Cristo contra os judeus.<sup>126</sup> Em todas as áreas da igreja os Cristãos Alemães mudavam a igreja, para adaptá-las aos moldes nazistas. A Bíblia, a música, conceitos como a graça, que para eles não era alemão, o batismo, como por exemplo, falava que o batismo não era no corpo de Cristo, mas para a comunidade da *Volk* e para a visão de mundo do Führer.<sup>127</sup> Jochen-Christoph Kaiser afirma que o perigo representado pelos Cristãos Alemães “não estaria em sua teologia recolhida das latas de lixo dos séculos XVIII e XIX, mas na tentativa de alcançar seus objetivos valendo-se dos meios políticos do poder”.<sup>128</sup>

O principal engajamento dos Cristãos Alemães seria a intensa disputa para quem seria o Bispo do Reich, que ocorreria durante o ano de 1933. O indicado de Hitler, do grupo e de uma ala da Igreja Luterana era o pastor Ludwig Muller. Por outro lado, e da maioria dos dirigentes de várias igrejas, incluindo os líderes da Igreja Confessante, apoiavam o pastor Friedrich Von Bodelschwing, por ser um homem de princípios. No dia 27 de maio de 1933 aconteceu o sínodo de delegados regionais para a eleição e após um acirrado debate, os clérigos decidem por Bodelschwing. Foi nesta época que Bonhoeffer conheceu Martin Niemoller,

<sup>124</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 220-221.

<sup>125</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 220.

<sup>126</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 188.

<sup>127</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 189.

<sup>128</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 230.

que desempenharia papel importante na luta pela frente Confessante.<sup>129</sup> Como a eleição não foi à vontade de Hitler, ele decidiu intervir de forma arbitrária e violenta para fazer valer sua vontade. Dissolveu as organizações eclesíásticas provincianas, depôs pastores simpáticos a Bodelschwing dos cargos de liderança da igreja e ordenou as S.A.<sup>130</sup> e a Gestapo<sup>131</sup> a impor o terror aos resistentes e intimidar com ameaças ao pastor. Diante deste clima, o pastor não resistiu e renunciou. Apoiado pelo *Reich*, os Cristãos Alemães tomam o controle teológico e político da igreja, finalizando a constituição da Igreja Nacional do Reich, e o *Reichstag* ratificando em 14 de julho de 1933, publicando no Diário Oficial do Reich.<sup>132</sup> Com a indefinição, Dietrich Bonhoeffer atirou-se ao trabalho junto com o movimento Reforma Jovem, um embrião da Igreja Confessante, para fazer campanha a favor de Bodelschwing. Escreveu folhetos e fizeram cópias. No dia 17 de julho, antes da distribuição dos panfletos, a Gestapo invadiu o escritório e confiscou todo o material.<sup>133</sup> Com as novas eleições, o Bispo do Reich foi eleito no dia 23 de julho do mesmo ano, no sínodo de Wittenberg, ganhando o pastor Ludwig Müller como Hitler e os Cristãos Alemães queriam. Assim formava uma “aliança perversa” entre o partido da Igreja e as forças políticas.<sup>134</sup> Com uma campanha massiva os cristãos alemães obtiveram 70% dos votos, vencendo em todas as províncias, com exceção da Vestfália.<sup>135</sup> Para comemorar a façanha, os Cristãos Alemães, após as eleições, convocaram uma manifestação massiva no Palácio dos Esportes em Berlim. No grande salão colocaram bandeiras nazistas e com 20 mil pessoas proclamaram o mesmo slogan do partido, mas agora com a adesão da igreja. Nos cartazes e aos gritos diziam: “Um *Reich*. Um Povo. Uma Igreja”.<sup>136</sup> A cristologia de Bonhoeffer se opõe veemente a esta forma de Igreja e Estado glorioso, triunfante e vitorioso. Aquele protótipo invencível de Igreja de sucesso que nega a dor, a perda e o diferente.

Ludwig Müller, o eleito, era capelão do exército da Prússia Oriental e entusiasta de Adolf Hitler. Ganhou notoriedade na década de 1930 com seus

<sup>129</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 192.

<sup>130</sup> Tropas de assalto paramilitares do nazismo.

<sup>131</sup> Polícia secreta do Estado nazista.

<sup>132</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 227.

<sup>133</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 195.

<sup>134</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 230.

<sup>135</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 233.

<sup>136</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 209-210.

sermões de cunho patriótico e antissemita, pregando uma versão do cristianismo adaptada aos princípios nazistas.<sup>137</sup>

No momento em que é eleito Müller, Bonhoeffer cochicha para um amigo: “Você acaba de testemunhar a morte da igreja na Alemanha”, conforme cita Júlio Cesar Silveira em seu livro *Igreja: vocação para desobediência*.<sup>138</sup> Enfim, a tese de uma unificação entre o *Reich* e a igreja alemã foi apoiado pelos alemães, como também uma única igreja.<sup>139</sup> Os Cristãos Alemães seriam o principal adversário de Bonhoeffer e da Igreja Confessante na luta eclesial.

### 3.3

#### A teologia do nazismo

O protestantismo alemão, principalmente o luterano, no senso comum exalta a subida de Hitler ao poder e por isso adere aos seus pensamentos teológicos, ou no mínimo, faz silêncio diante deles. O passado recente do Segundo Reich, com o Kaiser Guilherme II, deu motivos para a igreja sonhar com o mesmo tipo de política nacionalista e expansionista deste líder e sua união com a igreja. A recém-terminada República de Weimar com sua política social-democrata liberal não agradou nem um pouco aos cristãos protestantes, por isso o discurso de Hitler de valorização da família e da pátria soou muito bem aos ouvidos alemães, seduzindo o protestantismo que enxergou um agente de regeneração moral e eclesial. Tadeu de Oliveira fornece esta questão da teologia liberal e a sua adesão e identificação ao nazismo:

O protestantismo liberal, movimento que teve seu ápice no século XIX, apregoava a crença no pleno desenvolvimento humano como forma de se chegar ao Reino de Deus em uma perspectiva terrena. Portanto, a questão escatológica abriu mão de qualquer quesito transcendental. De forma gradual, o reino terreno de Deus foi identificado, muitas vezes, com a própria nação alemã. Para muitos protestantes liberais, a Alemanha havia sido predestinada por Deus para comandar a civilização do mundo moderno, na prática, encarada como a consumação do Reino na história.<sup>140</sup>

<sup>137</sup> SILVEIRA, Júlio César. *Igreja: Vocação para a Desobediência*, p. 65-66.

<sup>138</sup> LUTZER, Erwin a cruz de Hitler, p. 160 apud SILVEIRA, Júlio César. *Igreja: Vocação para a Desobediência*, p. 73.

<sup>139</sup> METAXAS, Eric. *Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião*, p. 191.

<sup>140</sup> TADEU DE OLIVEIRA, André. *Nazismo e Religião*, p. 65.

A teologia liberal busca desde o século XVIII uma síntese entre todas as questões modernas e o cristianismo, fundamentada sobre o iluminismo.<sup>141</sup> Um de seus representantes, Richard Rothe, chegou a dizer que “a Igreja e o Estado deviam se fundir numa só unidade, no seio de qual o Estado se encarrega, mais ou menos, de todas as funções confiadas a Igreja”.<sup>142</sup> Os representantes liberais sempre apoiaram uma nação forte e convictamente protestante, influenciando e apoiando esforços que elevassem a soberania da Alemanha. A síntese da corrente teológica liberal com o nacionalismo liberal, resumia perfeitamente o cristianismo, a cultura e a moral perfeita para a sociedade alemã moderna.<sup>143</sup> Era o *Kulturprotestantismus*<sup>144</sup> que influenciava o padrão de vida, principalmente na academia, movimento que demonstrava um otimismo ilimitado quanto a crença e o potencial do ser humano.<sup>145</sup> Haja vista, na Primeira Guerra Mundial, onde os teólogos liberais assinaram um manifesto apoiando a política belicista do Kaiser Guilherme II.<sup>146</sup>

Não é somente o liberalismo teológico que contribui de forma (in)voluntária para o desenvolvimento desta união, a linha conservadora também deu sua parcela, identificado pelo ramo luterano. Teólogos como Paul Althaus e Emanuel Hirsch defenderam a concepção teológica das ordens da criação, apregoando a defesa da *Volk*<sup>147</sup>, como sendo inerente à criação divina. Cabe então a igreja a associar-se a este movimento a favor da família e da terra. Ressalta-se também o grande crescimento de grupos de extrema esquerda na sociedade alemã, que favoreceu a igreja e parte da população a engrossar suas fileiras na luta contra o comunismo. Todos estes fatores criaram um clima muito favorável a uma aliança entre a religião cristã e o partido nazista.<sup>148</sup>

Inicialmente, antes de subir ao poder, Hitler no seu livro *Mein Kampf*<sup>149</sup>, católico professante, critica o catolicismo e o protestantismo por não compreender a questão das raças, que são naturalmente desiguais, existindo uma hierarquia

<sup>141</sup> Movimento intelectual que elevou a razão humana a um status quase divino, afetando todas as áreas do saber, inclusive a teologia. SAWER, M. James. Uma introdução a teologia, p. 433.

<sup>142</sup> CORNU, Daniel. Karl Barth, teólogo da liberdade, p. 15.

<sup>143</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 195.

<sup>144</sup> Protestantismo cultural.

<sup>145</sup> McGRATH, Alistar E. Teologia sistemática, histórica e filosófica, p. 139-140.

<sup>146</sup> Microsoft Word - 0612065\_2007\_Cap\_2.doc (puc-rio.br). Acesso em: 30/01/2022 às 14:50h.

<sup>147</sup> Neste contexto a ideia é de pessoas nascidas em solo alemão, ou lugares que tenham os seus descendentes de sangue puro.

<sup>148</sup> TADEU DE OLIVEIRA, André. Nazismo e Religião, p. 67.

<sup>149</sup> Minha Vida, obra autobiográfica e ideológica de Hitler.

indelével entre elas, e que por direito e supremacia, a raça ariana era superior a todas as outras, representado pelos alemães, de dominar todas as raças inferiores e extirpar a raça judia degenerada. Nisto, o cristianismo faz o papel inverso ao do natural, contribuindo para que fosse violado este domínio, pregando a igualdade entre os seres humanos, dizendo que são portadores da mesma dignidade, igualmente amados por Deus. Na ascensão de Hitler, o discurso foi mudado, prometeu respeitar os direitos eclesiásticos e declarou o interesse do Estado em fazer um acordo pacífico entre a Igreja e Estado. Hitler tem ideias de um programa que adaptasse a teologia aos seus ideais nazistas. Diferente do comunismo implantado na Rússia em 1917, na Alemanha não há nenhum tipo de combate à prática religiosa, desde que não confronte com a ideologia nacional-socialista. A religião é considerada patrimônio digno de ser cultivado culturalmente.<sup>150</sup> Em consonância, Steigmann Gall traz a informação do ponto número 24, do programa oficial do partido nacional-socialista divulgado em 1920:

Exigimos liberdade para todas as doutrinas religiosas no estado, na medida em que não o coloquem em risco e nem entre em conflito com os costumes e o sentimento moral da raça germânica. O partido como tal representa o ponto de vista de um cristianismo positivo, sem ligar-se a um credo particular. Ele combate o espírito do materialismo judeu dentro e fora de nós, e está convencido de que uma recuperação duradoura do nosso *Volk* só pode acontecer a partir do interior, baseada no seguinte princípio: a necessidade pública vem antes da ganância privada.<sup>151</sup>

Em sessão no Reichstag, no dia 23 de março de 1933, Hitler promete solenemente que os direitos da igreja não serão atingidos e nem modificados nas suas relações com o Terceiro Reich. Mas em contrapartida a este evento, no dia 27 de agosto do mesmo ano, Hitler declara a unidade dos alemães, sobre uma nova concepção de mundo, sendo garantida pelo Reich, pois o cristianismo atual não está à altura das exigências que a Alemanha precisa para assegurar a questão da unidade nacional.

Outra teologia adepta da Igreja Nacional do Reich é a teologia natural. O Professor Alister McGrath define o significado de Teologia natural: “A Teologia Natural é o ramo da filosofia que investiga o que a razão humana sem a ajuda da revelação pode nos dizer a respeito de Deus. É aqui entendida como uma tentativa de determinar as características de Deus sem recorrer à revelação divina (escritura

<sup>150</sup> TADEU DE OLIVEIRA, André. Nazismo e Religião, p. 73.

<sup>151</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich, p. 34

ou experiência mística) ou a qualquer ideia que não seja “natural””.<sup>152</sup> Aguçado por este pensamento, os Cristãos Alemães e grande parte do povo enxerga em Adolf Hitler o novo Messias, uma nova revelação humana interligando suas pregações e teologia cristã ao povo, para que estes se associem a esta ideia, atestado pelas Sagradas Escrituras. A pretensão é de transformar a igreja no novo local de revelação, sendo um lugar dedicado ao culto do mito alemão da natureza e da história.

Alfred Rosenberg foi um dos nazistas mais intensos na preparação da igreja do Reich e sua teologia. Ele seria responsável pela criação de trinta itens a ser seguido pelos membros da igreja, que Hitler se mostrava otimista. Metaxas transcreve alguns pontos teológicos que Alfred Rosenberg publica, são eles:

13. A Igreja Nacional exige a imediata cessão da publicação e disseminação da Bíblia na Alemanha.

14. A Igreja Nacional declara que, a seu ver, e, conseqüentemente, para toda a nação alemã, decide-se que *Mein Kampf*, do Führer, é o maior de todos os documentos. Ele [...] não somente contém a maior, mas incorpora a mais pura e verdadeira moral para a vida atual e futura de nossa nação.

18. A Igreja Nacional irá retirar de seus altares todos os crucifixos, Bíblias e imagens de santos.

19. Sobre o altar, não deve haver nada além de *Mein Kampf* (o livro mais sagrado para a nação alemã e, portanto, para Deus) e, à esquerda do altar, uma espada.

30. No dia de sua fundação, a cruz cristã deve ser removida de todas as igrejas, catedrais e capelas [...] e deve ser substituída pelo único símbolo invencível, a suástica.<sup>153</sup>

A Igreja Nacional do Reich, com o maciço apoio dos Cristãos Alemães pode começar a sistematizar a igreja e a teologia, com isso pode-se ver que uma das principais reações para a instauração da nova Alemanha é teológica.

### 3.4

#### Cristianismo positivo

Como citado acima, o partido nazista cria uma relação totalmente ambígua à religião. Que haja a liberdade religiosa, desde que não atentem contra o Estado e os sentimentos morais da raça alemã. No artigo 24 do programa do partido (citado

<sup>152</sup> A Natureza aponta para Deus? Teologia Natural - Parte I | Associação Brasileira de Cristãos na Ciência: ABC<sup>2</sup> (cristaosnaciencia.org.br).

<sup>153</sup> SHIRER, William. *The Rise and Fall of the Third Reich*, p.240 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 186.

acima) de 1920, treze anos antes de Hitler assumir como *Führer*, foi aderido e defendido a confissão de um cristianismo positivo. Mesmo sem a filiação a uma confissão específica, era travada a luta contra o espírito judeu materialista. Esta foi uma frase habitual que conciliava o nazismo com o cristianismo, apaziguando assim o medo de aderir o nazismo pelos cristãos. Assim o nacional-socialismo favorecia a religião cristã nos primeiros anos do governo ditatorial.<sup>154</sup> Todas essas cláusulas constavam neste referido texto, e o cristianismo positivo tem seu ponto de partida neste artigo específico, elaborando sua teologia a partir de toda essa premissa. Qualquer tipo de confissão religiosa não pode entrar em conflito com o posicionamento ideológico do Terceiro Reich e do partido. Nesta mesma década de 1920, um grupo de luteranos nacionalistas de direita, liderados por Adolf Stocker, pastor luterano, elaboram a federação por uma igreja germânica, com a finalidade de extirpar as raízes judaicas do cristianismo e remodelá-lo segundo as matrizes culturais alemães.<sup>155</sup> Em abril de 1933, Hitler proclama um boicote nacional contra as lojas judias. Até o fim da guerra em 1945 à perseguição aos judeus irá se acirrar cada vez mais. Um título que expressa bem esta perseguição e genocídio que será feito é a do hino de batalha das AS, que dizia “Quando o sangue judeu jorra da minha faca”, assim iam fazer jus a essa assustadora canção.<sup>156</sup>

O Cristianismo positivo apresenta uma versão da religião cristã moldada na ideologia nazista. Tem por confissão teológica, e afirmações do próprio Hitler, nos seguintes conceitos: Jesus foi o nosso maior líder ariano<sup>157</sup>, isto é, um iluminado, que lutou enfaticamente contra o poderio das trevas, encarnado no judaísmo, morrendo vítima de uma cilada dos judeus. No *Mein Kampf*, abordando ainda o aspecto racial, sempre concluía os pensamentos com base teológica, como na passagem “Hoje, por conseguinte, acredito estar agindo de acordo com a vontade do Criador Todo-Poderoso: ao defender-me dos judeus, estou lutando pela obra do Senhor”.<sup>158</sup> Steigmann-Gall apresenta que o trabalho deles demonstram que os judeus “são uma ração nociva; eles também estariam contaminados por um “espírito satânico” que procurava controlar o mundo, e em

<sup>154</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich, p. 34.

<sup>155</sup> SILVEIRA, Júlio César. Igreja: Vocação para a Desobediência, p. 36.

<sup>156</sup> HENDRIX, John. O espírio fiel: Dietrich Bonhoeffer e o plano para matar Hitler, p. 57.

<sup>157</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich, p. 46.

<sup>158</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich, p. 54.

Cristo, eles encontravam seu maior inimigo”.<sup>159</sup> Os germânicos, que são os arianos, são a raça superior, seriam os herdeiros desta luta iniciada por Jesus, os chamados para continuar a combater e vencer as trevas, representada pelos judeus. A dualidade racial equivalia entre estes dois polos: arianos e semitas, referido a religião também: cristãos e judeus.<sup>160</sup> O senso comum no partido era que a raça era a lei de Deus. Em outro momento em 1926, Hitler declara que a “verdadeira mensagem” do cristianismo só é encontrada no nazismo, que “as igrejas tivessem fracassado na missão de instalar uma ética cristã na sociedade secular, o seu movimento se encarregaria da tarefa”<sup>161</sup>. Hitler não somente lia o texto do novo testamento, afirmava privadamente que era inspirado por ele.

Esta representação ariana de Jesus elaborado por ideólogos antijudeus como Houston Chamberlain<sup>162</sup> que diz que Jesus era galileu, não judeu. Esta naturalidade galileia explica o porquê de conceber na religião teuta as bases antagônicas ao judaísmo.<sup>163</sup> Jesus denunciou e enfrentou com valentia as mazelas e os poderosos da religião judaica. O texto defendido pelos cristãos antijudeus é o de João capítulo dois, quando o Cristo chicoteou e derrubou as mesas dos mercadores judeus no templo em Jerusalém, expulsando os cambistas judeus. O cristianismo positivo se fundamenta em bases teológicas lançadas pelo protestantismo liberal. O protestantismo liberal propõe fazer uma mediação entre a fé cristã tradicional e a cultura moderna racionalista, que por sinal são contrárias. A construção é um meio-termo, uma síntese entre essas duas alternativas citadas, inaceitáveis por cada uma delas, o fundamentalismo reafirmando a ortodoxia cristã, sustentado no princípio da autoridade bíblica e inspiração das Escrituras, e por outro lado, o secularismo, rejeitando genericamente a religião, mas especificamente o cristianismo. Assimilando assim, ideias e elementos teóricos que representa o que é moderno e erudito na teologia.

<sup>159</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich, p. 50.

<sup>160</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich, p. 39.

<sup>161</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich, p. 46.

<sup>162</sup> Médiun inglês naturalizado alemão viveu de 1855 a 1927. Chamberlain foi guru espiritual do Kaiser Guilherme II. Na sua obra *Die Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts* (Os fundamentos do século XIX), lançado em 1899, defendeu a superioridade da raça ariana e que o povo germânico era o autêntico representante dela. Hitler leu a sua obra. O médiun encorajou o Kaiser a entrar na Primeira Guerra Mundial, assegurando que a Alemanha seria vitoriosa. Mesmo com a derrota a crença do triunfo ariano não se perdeu. O livro se tornou bibliografia do nazismo. Chamberlain e Hitler se aproximaram depois da primeira guerra. Este médiun autenticou que Hitler era o escolhido por Deus para construir a nova raça e dar à vitória alemã não alcançada.

<sup>163</sup> SILVEIRA, Júlio César. Igreja: Vocação para a Desobediência, p. 36-37.

A Alemanha é o berço do liberalismo teológico e o principal centro de produção e propagação, que tem a abordagem hegemônica nas faculdades de teologia protestante na Europa Ocidental. O liberalismo teológico promove na doutrina cristã clássica a depuração dos seus elementos míticos e metafísicos, de tudo que é inaceitável pela razão, empiricamente impossível à luz da ciência. Após esta filtragem, o cristianismo está apto a sobreviver à modernidade porque na sua essência é compatível com o iluminismo.<sup>164</sup>

A premissa que uni os Cristãos Alemães, propagadores do cristianismo positivo, aos teólogos liberais é a reconstrução do Jesus Histórico. Diferentemente daquele registrado nos evangelhos, perceberam que não correspondia o Jesus da fé com o Jesus histórico. Para estes cristãos, o Cristo da fé está sendo sobreposto a um personagem mítico, acima do real. Jesus que realmente existiu não poderia ter nascido de uma virgem, multiplicado pães, andando sobre o mar, ressuscitado e muito menos ser o próprio Deus. Precisa-se reconstruir a figura de Jesus novamente pelos evangelhos, entretanto pelo método histórico-crítico. O produto deste resultado é um ser histórico que transmitiu um elevado padrão ético a ser seguido, que serve para normatizar as relações humanas, sendo assimilável a mente moderna.<sup>165</sup> Bonhoeffer influenciado por Karl Barth, pela teologia da transcendência, entendia que não havia nenhum acesso à pessoa de Jesus por via histórica, mas era taxativo ao afirmar que somente pela fé no Filho de Deus. O Ressuscitado leva ao Jesus histórico, que “é testemunha de si mesmo”, tudo girando em torno do Ressuscitado, ele próprio cria a fé, possibilitando o acesso a historicidade. Quando a história nega ou afirma o Cristo, torna-se irrelevante, somente pelo ângulo da eternidade pode se julgar, a partir do centro que se olha a história.<sup>166</sup>

Sobre a concepção teológica na doutrina da expiação, ou seja, a ideia que Jesus foi designado por Deus para morrer na cruz do calvário, de forma vicária, em lugar da humanidade, compensando o pecado dela, era uma forma de transmitir um Jesus derrotado, representação de Cristo por meio da fraqueza. Desconsiderado totalmente pelo cristianismo positivo, a mentalidade ariana é de vencedor, não se pode espelhar nesta imagem, de um Cristo derrotado. A

---

<sup>164</sup> SILVEIRA, Júlio César. Igreja: Vocação para a Desobediência, p. 39-40.

<sup>165</sup> TADEU DE OLIVEIRA, André. Nazismo e Religião, p. 66-67.

<sup>166</sup> BONHOEFFER, Dietrich. A respostas às nossas perguntas. Reflexões sobre a Bíblia, p. 16-17.

representação dos cristãos nazistas que se tem de Jesus é de um homem forte e guerreiro, que veio trazer a espada. Dentro deste pensamento despreza-se também a transcendência da salvação, rejeitando qualquer teologia de vida após a morte. A salvação é uma conquista da raça ariana, materializando-se na construção do novo mundo, com uma nova humanidade pura, encarnada por todos os povos de origem germânica. Limitado fica o sentido de Jesus, como um exemplo a ser seguido, herança deixada por Ário<sup>167</sup>, do qual Harnack deixou como legado liberal para a Alemanha, que Jesus não era da mesma substância de Deus, por isso era somente filho de Deus, não sendo Deus. O cristianismo positivo é duplamente ariano, sendo sua teologia apoiado no mito ariano e com traços de heresia ariana.<sup>168</sup>

A teologia do nazismo inclui também ensinamentos sobre o antigo testamento e a questão de Paulo. A intenção é eliminar qualquer vestígio judaico do cristianismo protestante. Não pode ser diferente o confronto com o Antigo Testamento. O Antigo Testamento é considerado inválido, pois é todo de elemento judaico, contando a história do povo hebreu. O protestantismo liberal não professa o antissemitismo dos Cristãos Alemães, mas reduz o Antigo Testamento a uma coleção de tradições religiosas e mostra a evolução teológica deste povo, mostra-se também através desta teologia uma aproximação considerável.

Na questão paulina, Silveira expõe que o nazismo afirma que Paulo foi o responsável por colocar marcas judaicas na doutrina cristã. Acusado de deturpador da mensagem de Jesus, quem infecta o cristianismo com elementos judaico. Da mesma forma que o protestantismo liberal critica o Antigo Testamento, afirma também que a descontinuidade entre os ensinamentos de Jesus e o ensino de Paulo.<sup>169</sup>

Todas estas contestações servem para o Terceiro Reich reforçar e afirmar ainda mais suas teses. Para Hitler o cristão evangélico devia se dedicar totalmente a seu Estado. Ele mesmo abandona o catolicismo, passando por uma concepção própria e “positiva” de um novo cristianismo. Necessário lembrar que este ideal educativo baseado no cristianismo positivo de cunho tipicamente protestante, não é de viés católico, por isso que o Terceiro Reich implanta o cristianismo positivo

---

<sup>167</sup> Ário viveu de 250 a 336, na era cristã. Era presbítero em Alexandria. Doutrina condenada como heresia pelo Concílio de Nicéia em 325. Sendo também excomungado da igreja pelo mesmo concílio.

<sup>168</sup> SILVEIRA, Júlio César. Igreja: Vocação para a Desobediência, p. 41-42.

<sup>169</sup> SILVEIRA, Júlio César. Igreja: Vocação para a Desobediência, p. 38.

nas regiões de elevada concentração de católicos, para diluir seu pensamento e implantar esta teologia, nascida e bem aceita em berço protestante. Fica demonstrado que os princípios teológicos do Estado são relativizados ou reinterpretados de acordo com as suas conveniências. Fica demonstrado que havia temas comuns e binários, sendo eles: a luta do bem contra o mal, Deus contra o diabo, a salvação nacional contra os judeus, e a libertação do marxismo pelo liberalismo teológico, tudo descrito com linguagem usual cristã.<sup>170</sup> Pode-se concluir nas palavras de Steigmann-Gall:

Mais do que uma tímida estratégia política, o cristianismo positivo era um esforço genuíno para unir os alemães sob a bandeira de uma religião comum voltada contra o judeu, que enfrentaria desse modo uma frente unida que ele tinha, até aquele ponto, de acordo com a imaginação nazista, conseguido manter desunida. Vemos aqui de que maneira os elementos fundamentais do cristianismo positivo do movimento estavam inter-relacionados.<sup>171</sup>

#### 4.

### Bonhoeffer e a questão judaica na Igreja alemã

A família de Bonhoeffer sempre conviveu com judeus alemães de perto. Bonhoeffer fez amigos judeus, como o pastor Franz Hildebrant, pastor luterano de ascendência judaica, a qual fizera várias viagens e eram amigos e militantes na Igreja Confessante. Na sua família havia judeus, sua irmã gêmea Sabine casou-se com Gerhard Leibholz que era judeu. Outra irmã, Christel era casada com o advogado judeu Hans von Dohnanyi. Ele trabalhava na Suprema Corte Alemã, e assim Dietrich Bonhoeffer e seus familiares tinham conhecimento das leis e situação que regiam o país.<sup>172</sup> No dia 7 de abril de 1933, entraria em vigor a Lei para o restabelecimento do funcionalismo público profissional, com o Parágrafo Ariano,<sup>173</sup> uma série de decretos e leis que restringiria ao judeu o trabalho no governo e em diversas áreas, inclusive na igreja, resultando em expulsão de centenas de pastores luteranos dos seus cargos por não ter ascendência ariana. Bonhoeffer afirmou que os próprios São Pedro, São Paulo e Jesus seriam

<sup>170</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich, p. 67.

<sup>171</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich, p. 89.

<sup>172</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 165.

<sup>173</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 234.

impedidos de entrar em uma igreja alemã,<sup>174</sup> e ainda uma vez mais afirma que “uma expulsão dos judeus do Ocidente terá como consequência a expulsão de Cristo, pois Jesus Cristo foi judeu.<sup>175</sup> Somente aqueles que comprovadamente pudessem afirmar o sangue puro germânico poderiam exercer estes cargos. Hitler afirmava categoricamente que a legislação antissemita era compatível com o espírito cristão. Disse: “Vejo os representantes dessa raça como pestilentos para o Estado e para a Igreja, e talvez eu esteja assim prestando um grande serviço ao cristianismo ao expulsá-los das escolas e funções públicas”.<sup>176</sup> Os Cristãos Alemães, que eram exclusivamente arianos, trabalhavam para expurgar os judeus convertidos de dentro da Igreja Luterana. Metaxas afirma que o “aspecto mais grave da crise da igreja tenha sido a complacência dos principais líderes protestantes ao considerar a adoção do Parágrafo Ariano”.<sup>177</sup> O que se discutia, não era a situação da religião judaica, mas “os judeus convertidos ao protestantismo, ou seja, os cristãos não-arianos”.<sup>178</sup> Bonhoeffer sabia que era bem difundido há séculos esse espírito antissemita pela Alemanha, mas mesmo assim combateu para que não houvesse essa diferenciação. Além de ter familiares judeus, muito se deve pelas suas viagens, como aos Estados Unidos, visitando as igrejas afro-americanas, a Igreja Católica em Roma e a outros lugares que o movimento ecumênico o levou para experimentar essa universalidade da igreja e a sua diversificação. Ativamente Bonhoeffer trabalhou, e sua primeira atitude foi escrever um ensaio como o nome de “A Igreja e a questão judaica”. Explicou que a igreja contribui ativamente para o Estado e precisa ajudá-lo nas questões sociais. Bonhoeffer entendia que o Parágrafo Ariano era uma lei excessiva e intrometida nas questões da igreja, afirmando que “o Estado desenvolve seu poder de tal forma que priva a pregação e a fé cristã [...] de seus direitos”, e a igreja “deve rejeitar essa intromissão da ordem do Estado e das limitações de suas ações. O Estado que ameaça a proclamação cristã nega a si mesmo”.<sup>179</sup> Hendrix sintetiza três pontos do pensamento de Bonhoeffer sobre a questão: 1. Questione o Estado e seus métodos. 2. Ajude as vítimas da ação do Estado. 3. Revide: “não é suficiente

<sup>174</sup> HENDRIX, John. O espião fiel: Dietrich Bonhoeffer e o plano para matar Hitler, p. 53.

<sup>175</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Ética, p. 61.

<sup>176</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich, p. 152.

<sup>177</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 166-167.

<sup>178</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 235.

<sup>179</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 168.

apenas enfaixar as vítimas sob a roda, mas é preciso atacar a própria roda”.<sup>180</sup> Muitos pastores começavam a achar que devia abrir concessão para a saúde da igreja a longo prazo. Esta afrontava a pregação da universalidade do amor e da salvação cristã, na qual a igreja é a agência desta proclamação. A pergunta que pairava no ar eram: qual o lugar do judeu? E qual o lugar apropriado para a igreja? A igreja é lugar da reflexão bonhoefferiana por todos os seus escritos e sua vida. Assim respondia que o lugar do judeu é na sinagoga ou na igreja, perante a fé do povo de Deus, mas que além disso, a resposta é que não é possível indicar um lugar concreto, que Cristo está presente no mundo e para o mundo, e que Deus elege este ou aquele lugar para Ele. Afirmou que “É Deus que qualifica com sua benigna presença. À igreja, não se lhe tem dado a potestade de converter um lugar histórico em um lugar de Deus. Este lugar não é a igreja nacional, nem a burguesia. Quem determina o lugar é Deus, não o homem”.<sup>181</sup> Demonstrava que a autoridade não pertencia ao Reich ou sua igreja oficial, não tinham o poder de julgar, Deus se manifestava a partir do centro da sua vontade soberana, o local de sua fala é a revelação, e não nas leis humanas ou suas determinações, e ainda mais, acrescenta que:

A igreja é o centro crítico pelo que tudo é julgado. Deus mesmo é o juiz, não o pároco, nem a igreja. Ninguém sabe de antemão onde estará este centro. Segundo medidas humanas, pode estar completamente na periferia, como na Galileia, no Império Romano ou na Wittenberg do século XVI. Deus fará visível este lugar, e todos haverão de passar por ele. A igreja unicamente pode dar testemunho do centro do mundo que só é criado por Deus. E deve procurar fazer espaço para eleição de Deus.<sup>182</sup>

Bonhoeffer entendia que a pregação de Cristo deveria ser feita aos judeus. O povo que trouxe Cristo não o conheceu. Com a aprovação do Parágrafo Ariano, seria impossível proclamar a fé, porque expulsaria os judeus da igreja. A igreja tem o dever de defender os judeus, e ele afirma categoricamente:

O que está em jogo não é de modo algum questionar se os membros das congregações alemãs ainda podem tolerar a comunhão da igreja com os judeus. O que está em jogo é a incumbência da pregação cristã em dizer: aqui está a igreja,

<sup>180</sup> HENDRIX, John. O espião fiel: Dietrich Bonhoeffer e o plano para matar Hitler, p. 52.

<sup>181</sup> BONHOEFER, Dietrich. A essência da igreja, p. 31.

<sup>182</sup> BONHOEFER, Dietrich. A essência da igreja, p. 32.

onde judeus e alemães estão juntos sob a Palavra de Deus; aí está a prova se uma igreja ainda é igreja ou não.<sup>183</sup>

Bonhoeffer discutia muito sobre política e o destino da igreja e da nação com sua família, e essas conversas se convergiam em resistência ao nacional-socialismo. A teologia dele girava em torno de um cristão que precisava ser aberto, maduro, corajoso e sensível às necessidades das pessoas. O cristão deve sempre buscar o serviço, e não o poder. A Igreja, centro de sua teologia, deverá estar inteiramente no mundo, a serviço do mundo, nunca dominante dele.<sup>184</sup> No púlpito, como homem da verdade, entendeu que devia se comprometer com a Igreja e não podia se colocar a margem dos acontecimentos que a cada dia tomava contornos mais graves. Expressou também a solidariedade aos judeus e resistiu ao nacional-socialismo, onde fez inúmeras oposições a cláusula, que não foi somente uma contestação ético-político, mas também assumiu forma e tons teológicos. Pregou o seguinte:

A Igreja é a comunidade dos chamados, na qual é apregoado apenas o Evangelho e são administrados apenas os sacramentos, não impondo leis a quem dela quer participar. Assim, o parágrafo ariano é uma heresia da Igreja e destrói a sua essência. Por isso, nos confrontos de uma Igreja que aplica o parágrafo ariano desta forma radical, na verdade só há uma coisa a ser feita, isto é, sair dela. É esse o último ato de solidariedade com a minha Igreja, à qual não posso servir de outra forma que na plenitude da verdade e com todas as suas consequências.<sup>185</sup>

A obra do pastor intitulada *Orando com os Salmos* é uma preocupação legítima que esta questão, apontando a vida espiritual do cristão, para que tenha uma espiritualidade mais saudável e também mostrando a relevância de textos de herança judaica. Carlos Caldas aponta que a obra é interessante por duas razões: “a primeira, a explicitação de sua chave hermenêutica para a leitura do Antigo Testamento...buscar nas Escrituras *was Christum treibet*, ou seja, o que exalta a Cristo”<sup>186</sup>, baseado em seu princípio luterano, assim demonstrava para a sociedade a estreita ligação entre o povo judeu e alemão. E a segunda causa da obra é o projeto de reconfiguração do cristianismo nos moldes arianos, como já exposto. Caldas ainda mostra que “ao exaltar a importância dos Salmos na vida devocional

<sup>183</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 170.

<sup>184</sup> CAVALLERI, Giorgio. Dietrich Bonhoeffer: mártir do nazismo, p. 13.

<sup>185</sup> BONHOEFFER, D. Il paragrafo ariano nella Chiesa, p. 377 apud CUNHA SOBRINHA, Miriam. Dietrich Bonhoeffer: cristianismo e testemunho, p. 101.

<sup>186</sup> CALDAS, Carlos. Dietrich Bonhoeffer e a teologia pública no Brasil, p. 105.

cristã, Bonhoeffer lembra a figura do Rei Davi, a quem a tradição atribuiu a autoria de boa parte do Saltério. Davi torna-se uma espécie de símbolo do elemento judaico que é a raiz e berço da fé cristã.”<sup>187</sup> Fica demonstrado que o projeto ariano está sendo combatido, por isso seu livro tenha sido censurado pelo Partido Nacional-Socialista. Em suma, o livro procede da ideia barthiana de graça, da qual de maneira nenhuma alcançamos a Deus com nossas orações dos salmos, mas com as orações de Cristo dos Salmos, é Ele que nos alcança. Daí a importância de Lutero da tentativa de “encontrar” Cristo nos Salmos.

No mesmo mês Dietrich Bonhoeffer e seu amigo Paul Lehmann, que conheceu na sua visita aos Estados Unidos, redigiram uma carta ao rabino judeu de Nova York, que já tinha visitado dois anos antes, com a finalidade de alertar o mundo as situações que aconteceu em sua nação.<sup>188</sup> Jochen-Christoph Kaiser afirma que Bonhoeffer “classificou o Parágrafo Ariano como heresia que estaria destruindo a substância da igreja”.<sup>189</sup>

## 4.1

### Bonhoeffer e a Liga Emergencial de Pastores

No meio desta agitação eclesiástica, com a eleição de Muller e a derrota de Bonhoeffer e seu grupo, ele escreveu para a avó, que durante sua vida, manteria muito contato com ela através de cartas. Entendia que não havia outro jeito, a não ser tomar caminhos diferentes do da igreja oficial.<sup>190</sup> Aqueles contrários à germanização da igreja, contra todos os pontos teológicos raciais, não iam ficar parados. Eles pretendiam criar uma declaração de fé conjunta contra a leviandade que os Cristãos Alemães estavam proporcionando ao meio eclesiástico protestante, e deveria ficar pronto antes do Sínodo Marrom dos nazistas, que aconteceria no dia 5 de setembro de 1933. Havia passado três semanas, relata Metaxas, e o documento ficou pronto. Bonhoeffer quis submeter este a 20 teólogos eminentes para uma avaliação e observações necessárias. Mas foi uma completa frustração, porque os trechos mais importantes para revelar a nação com que o documento esclarecia sobre a igreja, foi obscurecido. Ao devolverem a

<sup>187</sup> CALDAS, Carlos. Dietrich Bonhoeffer e a teologia pública no Brasil, p. 106.

<sup>188</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 173.

<sup>189</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 235.

<sup>190</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 201.

Dietrich, ele recusou assiná-lo, dizendo que existiam concessões, atenuações e muitos parágrafos para agradar seus adversários.<sup>191</sup> Bonhoeffer, Martin Niemoller e seu amigo Franz Hildebrandt não ficaram parados. Bonhoeffer escreveu um panfleto e fez circular, com a refutação:

Da ideia por trás da teologia da “ordem da criação” – para qual a “etnia” era sagrada e inviolável – dos Cristãos Alemães e rebatia a ideia e que a “oportunidade para a evangelização” vinda dos judeus excluídos era desprovida de valor. Sugeriu ainda a incapacidade do clero alemão em servir razoavelmente a uma igreja na qual recebiam privilégios especiais sobre o clero de ascendência judaica.<sup>192</sup>

O objetivo de Bonhoeffer e da Liga Emergencial de Pastores era o de impedir a Cláusula Ariana, impedindo a ordenação de novos pastores e a expulsão de pastores de origem judaica a continuar seus ministérios, pedindo a comprovação de descendência germânica. Ele sabia que uma igreja que não se posicionasse e lutasse pela presença dos judeus dentro dela, não era uma verdadeira igreja de Jesus Cristo. Mais uma vez Bonhoeffer foi frustrado com a falta de apoio. Para ele o tempo de cisão tinha chegado. O Sínodo Geral Prussiano ocorreu nos dias 05 e 06 de setembro de 1933, conhecido também como Sínodo Pardo ou Marrom, devido a cor do uniforme da S.A., com o qual estavam vestidos. Este Sínodo decretou também aos pastores um juramento de lealdade absoluta ao Estado nazista. A oposição não teve o direito a se manifestar na reunião, incluindo Bonhoeffer que estava presente. Qualquer tentativa de esboçar uma contraposição ao decreto feita por algum pastor, os Cristãos Alemães e a milícia do *Reich* gritaram alto e com intimidações conseguiram calar o auditório.<sup>193</sup> Bonhoeffer e Niemoller concluíram que o tempo de reação chegou. Conclamavam a igreja, de maioria conservadora, para um protesto público, caso quisessem salvar a igreja destas apostasias. Não cabem mais medidas moderadas, discursos ou debates internos, até porque os Cristãos Alemães não querem debater ou aceitar o processo democrático, mas impor suas posições teológicas. A reação foi criar a Liga de Emergência dos Pastores, nascida da declaração conjunta destes dois teólogos e pastores, juntamente com outros membros. A data de inauguração foi o dia 7 de setembro, dois dias após o Sínodo Marrom. Bonhoeffer juntamente com a declaração conclamava os pastores a se desligarem da Igreja Nacional do

<sup>191</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 202.

<sup>192</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 202.

<sup>193</sup> SILVEIRA, Júlio César. Igreja: Vocação para a Desobediência, p. 69-70.

Reich, mas sem sucesso algum. Surpreendentemente no dia 20 de outubro, pastores de todos os lugares do país estavam se unindo a Liga Emergencial de Pastores, que até o fim do ano teria mais de 6 mil membros.<sup>194</sup> O pastor Niemoller enviou uma cópia da declaração de fé da Liga, que chamaria Confissão de Betel a todos os pastores do país, e a Bodelschwingh, que a modificou antes de enviar ao Bispo do Reich, a Muller e a Hitler. Hitler neste momento começava a enxergar um “fator de perturbação política” este entrave nas igrejas evangélicas e adota a “estrita neutralidade” de seu governo na disputa, causando surpresa geral, já indicando falta de apoio a Muller.<sup>195</sup> A confissão de Betel, uma das causadoras de confusão, tinha quatro pontos teológicos principais, dizia:

Primeiro, declarava que seus signatários iriam se dedicar às Escrituras e às confissões doutrinárias anteriores da Igreja. Em segundo lugar, eles trabalhariam em prol da fidelidade da igreja às Escrituras e às confissões. Terceiro, concederiam ajuda financeira àqueles perseguidos pelas novas leis ou qualquer tipo de violência. E, quarto, rejeitariam firmemente o Parágrafo Ariano.<sup>196</sup>

Bonhoeffer em toda a sua resistência sempre declararia sua lealdade à Alemanha, mas não ao Estado nacional-socialista. Nos encontros que tivera com Muller, deixaria bem claro estas posições.<sup>197</sup> A Liga nunca se posicionou contra o nazismo e a política do Estado como governo terreno, mas sim como um governo espiritual, sua intromissão nos assuntos eclesiásticos.<sup>198</sup> Conforme Steigmann-Gall aponta, Hitler via na Liga Emergencial de Pastores mais atividade política do que eclesiástica e afirmou que “Se a liga não interromper suas atividades, o governo terá que tomar medidas contra ela para manter sua autoridade”.<sup>199</sup> Dentro da Liga Emergencial dos Pastores, ninguém seria tão enérgico como Bonhoeffer. Ele escreveu a sua avó paterna, quando estava em Bethel, na qual revela seus pensamentos sobre como este movimento se comportaria, através de suas cartas para a avó Julie:

Nosso trabalho aqui é bastante agradável, mas também muito exigente. Queremos tentar fazer com que os Cristãos Alemães declarem suas intenções, e duvido se

<sup>194</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 205.

<sup>195</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 237.

<sup>196</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 204-205.

<sup>197</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 207.

<sup>198</sup> SILVEIRA, Júlio César. Igreja: Vocação para a Desobediência, p. 71-72.

<sup>199</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich, p. 208.

conseguiremos...Está ficando cada vez mais claro para mim que o que conseguiremos é uma grande igreja étnica (völkisch) nacional que em sua essência não pode mais ser reconciliada com o cristianismo, e que devemos esconder o que pensamos ou assumir caminhos inteiramente novos e seguir para onde estes nos levarem. A questão é realmente germanismo ou cristianismo, e quanto mais cedo este conflito se manifestar publicamente, melhor. O maior perigo que incorremos é tentar ocultar isto.<sup>200</sup>

Já uma parte dos nazistas e os Cristãos Alemães acusavam-nos de serem infiltrados por governos marxistas.<sup>201</sup> Neste tempo, vendo a ineficácia das atitudes, da Confissão de Betel contra a formação da Igreja Nacional do Reich e do movimento dos Cristãos Alemães, decidi ir pastorear uma congregação alemã em Londres.<sup>202</sup>

## 4.2

### Bonhoeffer e o movimento ecumênico

Dietrich Bonhoeffer tomou um avião a Londres e durante os 2 anos seguintes (1934-1935) iria fazer resistência a partir da capital inglesa. Desde seus anos estudantis, Bonhoeffer teve muito contato com várias culturas, religiões e lugares bem diferentes da Alemanha. Isso facilitou muito a sua compreensão e adesão ao movimento ecumênico. Ele mantinha contato em três países: com os Estados Unidos da América, os irmãos Niebuhr, com a Suécia, na pessoa do bispo Ammundsen e em Londres com bispo George Bell. Do seu pastorado em Londres ele aprofunda suas relações e fazia as correções necessárias às informações e notícias para que a imprensa inglesa não caísse na possível armadilha de uma imagem positiva de Hitler.<sup>203</sup> Por causa de sua grande influência na ilha britânica, as congregações alemãs naquele país seriam a única a aderir a luta da Igreja Confessante. De lá escreve uma carta a Erwin Sutz afirmando “que acredita que toda a cristandade deveria orar conosco, pois haverá uma ‘resistência até a morte’, e o povo haverá de sofrer por ela”.<sup>204</sup> Em outra carta diz: “Fazem de tudo para me tirar daqui, e por isso já comecei a cavar minha trincheira [...] O nacional-

<sup>200</sup> Berlim: 1932-1933, vol 12, Dietrich Bonhoeffer Works, p. 16 apud CALDAS, Carlos. Dietrich Bonhoeffer e a teologia pública no Brasil, p. 102.

<sup>201</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich, p. 97.

<sup>202</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 202.

<sup>203</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 221.

<sup>204</sup> BONHOEFFER, Dietrich. A testament to freedom, p. 411 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 213.

socialismo tem acabado com a igreja na Alemanha e está concentrado no fim dela”.<sup>205</sup> Residindo em Londres, se aproximaria de seu maior contato ecumênico, o bispo anglicano George Bell, bispo de Chichester. Bonhoeffer tinha consciência do seu profundo envolvimento na luta contra o Estado nazista e sua posição antagônica ao governo. Em uma carta a Karl Barth, em um trecho ele comenta que sente “de alguma forma, e eu não consigo entender o porquê, estou em oposição radical a todos os meus amigos; tornei-me cada vez mais isolado com minhas opiniões”.<sup>206</sup> No dia 4 de junho, graças aos esforços conjuntos dos dois, foi publicado no *The Times* a declaração de Barmen<sup>207</sup> na íntegra. Assim o mundo podia ver o que acontecia na igreja na Alemanha.<sup>208</sup> Estava para acontecer uma conferência ecumênica em Fano, na Dinamarca. Pressentindo a urgência da adesão dos ecumenistas, esclarecendo sobre o assunto alemão, ele escreve uma carta ao bispo Ammundsen dizendo que “aqui, mesmo na nossa condição para com o Estado, se deve falar de modo totalmente franco, por amor de Jesus Cristo e pela causa ecumênica. Deve estar claro – por mais terrível que seja – que diante de nós está a decisão: ou nacional-socialista ou cristãos”.<sup>209</sup> A conferência teve início no dia 22 de agosto. Em uma de suas falas, Metaxas ressalta o que Bonhoeffer queria:

Transmitir a visão divina ao dizer que é preciso confiar integralmente em Deus e que ouvi-lo é tudo o que realmente importa. Muitos no movimento ecumênico e na Igreja Confessante não acreditavam nisso. Mas Bonhoeffer sabia que Deus não poderia ajudá-los a menos que agissem pela fé e obediência.<sup>210</sup>

A esperança de Bonhoeffer era que a conferência resultasse em resoluções que confrontasse o nacional-socialismo, e não foi frustrada desta vez, a resolução dizia, em primeiro lugar, que os mandamentos divinos triunfam sob qualquer reivindicação estatal e a segunda condenava qualquer tipo de guerra pelos países.<sup>211</sup> Ainda acrescentou que a informação seria de uma grave aflição a qual

<sup>205</sup> London: 1933-1935, vol 13, Dietrich Bonhoeffer Works, p. 134-135 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 214.

<sup>206</sup> London: 1933-1935, vol 13, Dietrich Bonhoeffer Works, p. 23 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 214.

<sup>207</sup> É um documento oficial feito pelos opositores do nazismo, onde expõe os principais pontos teológicos que acreditam, em clara oposição a toda teologia nazista.

<sup>208</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 244.

<sup>209</sup> CAVALLERI, Giorgio. Dietrich Bonhoeffer: mártir do nazismo, p. 36.

<sup>210</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 255.

<sup>211</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 255-256.

passava a Alemanha. Em Fano, mais um encontro produziu um otimismo em Bonhoeffer. No encontro com o Dr. Henry Smith Leiper, contou-lhe a luta que os seguidores de Cristo tinham travado com o cesarismo nazista, além de domínios físicos, mas espirituais, que precisam se convergir em ações concretas para abordar os problemas que o nazismo trazia. Estimular a prática, longe de uma mera teologia, estes pensamentos levaram-no ao livro *Discipulado*, que ele classificava que qualquer coisa além de obediência a Deus era tida como graça barata.<sup>212</sup> No seu discurso em Fano, Bonhoeffer não falava como liberal, mas como um profeta, que exigia compromisso dos ouvintes com Deus. Aos seus 28 anos, a fala é marcante, Bethge disse que “não era ele, mas Deus que exigia – a obediência daqueles que ouviam.”<sup>213</sup> Segue o trecho da palestra com este conteúdo:

Não se encontra paz no caminho da segurança. Pois a paz tem de ser ousada, ela própria é a grande ventura e nunca poderá estar a salvo. Paz é o oposto de segurança. Exigir garantias é querer proteger a si mesmo. Paz significa entregar-se totalmente ao mandamento de Deus; não é desejar segurança, mas, com fé e obediência, é entregar o destino das nações nas mãos do Deus Todo-Poderoso; é não tentar direcioná-la para propósitos egoístas. Batalhas são vencidas, não com armas, mas com Deus. Elas são vencidas quando o caminho leva à cruz.<sup>214</sup>

Fano expressaria solidariedade com a Igreja Confessante, que relatava as perseguições e dificuldades enfrentadas, mas nada além disso a conferência faria para ajudar na causa alemã.

### 4.3

## Bonhoeffer e a Igreja Confessante

Em Berlim no ano de 1934, Bonhoeffer encontrou Martin Niemoller e outros líderes da Liga de Emergência dos Pastores. Após a constatação de que suas atitudes não serviram para nada até o presente momento, decidiram romper oficialmente os laços com a Igreja do Reich.<sup>215</sup> O pensamento teológico é base para a prática confessional. Tudo que é vivenciado na vida religiosa tem como

<sup>212</sup> METAXAS, Eric. *Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião*, p. 257-258.

<sup>213</sup> BETHGE, Eberhard. *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*, p.388 apud METAXAS, Eric. *Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião*, p. 259.

<sup>214</sup> London: 1933-1935, vol 13, *Dietrich Bonhoeffer Works*, p. 308-309 apud METAXAS, Eric. *Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião*, p. 259.

<sup>215</sup> METAXAS, Eric. *Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião*, p. 234.

base pressupostos teológicos, tanto no credo governamental, como quem rejeitou as bases doutrinárias do governo, pensava assim. Cada vez mais Bonhoeffer e Niemoller avançavam na sua conduta de resistência ao Terceiro Reich, resolveram agir com mais ousadia, devido à forma com que o projeto de nazificação da igreja ia aumentando a cada dia. Como não há nenhuma possibilidade de ser por vias democráticas, o caminho para empreender um movimento paralelo, clandestino, em oposição a Igreja Nacional do Reich e ao Movimento dos Cristãos Alemães, cresceu cada vez mais dentro da igreja. Os dois, junto com a Liga resolvem continuar a confessar o cristianismo protestante clássico. Agora os pastores concordavam com Bonhoeffer sobre levar adiante o conceito de *in status confessionis*.<sup>216</sup> O *status confessionis* era um pensamento original luterano do século XVI, mas a aplicação teológica de Bonhoeffer era a de que o Estado estaria no ato de negar a si mesmo, quando nega o evangelho. Portanto, a igreja precisa “confessar” o evangelho e levar a mensagem de Jesus Cristo tanto aos gentios quanto aos judeus.<sup>217</sup> Thomas Kaufmann sintetiza:

Pois a Igreja Confessante via justamente na renúncia à liberdade interna da Igreja o *status confessionis*, à base do qual podia acusar publicamente os Cristãos Alemães de haverem destruído os fundamentos confessionais, razão por que já não estavam legitimados para agir em nome da Igreja. Foi esse passo que marcou definitivamente a cisão político-eclesiástica do protestantismo alemão no Terceiro Reich.<sup>218</sup>

Decidiram então realizar um Sínodo em Barmen no fim de maio, nos dias 29, 30 e 31 para proclamar uma igreja livre. O Sínodo foi uma resposta de diversas igrejas contra a política eclesial arbitrária adotada pelo Bispo do Reich, Ludwig Muller, que no mesmo dia do encontro em Barmen, decretou que toda participação dos pastores na política alemã é vista como ato de indisciplina suscetível à punição. Deste encontro surgiu a Declaração de Barmen com Karl Barth sendo o responsável pelo texto final, afirmando a crença histórica da igreja alemã nas Escrituras Sagradas e deixava-se claro a rejeição da autoridade estatal sobre a igreja. A fala da Igreja Confessante é de que quem se insurgiu contra a unidade da Igreja, não são os Confessantes, mas sim os cristãos alemães, ao violarem a base que deveria ser inviolável, ou seja, trocar o Evangelho de Jesus

<sup>216</sup> Em estado de Confissão em latim.

<sup>217</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 169.

<sup>218</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 222.

Cristo por outro fundamento teológico, um cristianismo ariano, agindo assim de forma inconstitucional. Assim, os Confessantes mostravam que a teologia do Reich nada tinha de conservador e tampouco fundamentalista, que estavam respaldados pela constituição e com todas as legalidades eclesiásticas da Alemanha.<sup>219</sup> É de muita importância subscrever que o fundamento teológico desta unidade da Igreja está citado na sua constituição, datada de 11 de julho de 1933, e reconhecida pelo governo do Reich no dia 14 de julho do mesmo ano, no artigo 1º da Constituição da Igreja Evangélica Alemã, a saber: “Artigo 1º: A base inviolável da Igreja Evangélica Alemã é o Evangelho de Jesus Cristo, conforme nos é atestado nas Sagradas Escrituras e trazido novamente à luz nas Confissões da Reforma. Todos os poderes necessários à Igreja para cumprir sua missão por ele são determinados e limitados”.<sup>220</sup> Assim neste momento nascia a Igreja Confessante. Silveira sintetiza o caráter teológico:

Em protesto contra os Cristãos Alemães que elevaram o nazismo a condição de uma revelação de Deus à humanidade, e Hitler a de seu profeta, a declaração assinala que Jesus Cristo é a exclusiva revelação, que ele é a única Palavra de Deus e que a Igreja deve ouvir e obedecer incondicionalmente. Rejeita a doutrina de que há áreas da vida, como a política, que não estão sob o governo de Jesus Cristo, mas de outros mestres, no caso, Hitler. O documento reconhece que o Estado, conforme testemunha as Escrituras Sagradas, tem uma vocação divina no mundo decaído, a saber, promover a justiça e a paz, assegurado o uso da força e da intimidação, de acordo com o bom senso, mas rejeita que ele se coloque acima da justiça de Deus e interfira na vida da Igreja e a torne seu órgão auxiliar.<sup>221</sup>

O texto do Evangelho de Mateus 10.32 era base para afirmar a confissão da igreja a àqueles que confessariam Jesus e seus princípios a todos os homens.<sup>222</sup> Para Bonhoeffer, agora a Igreja Confessante seria a igreja oficial da Alemanha, a partir da Declaração como carta régia, mas os integrantes não a compreenderiam desta maneira.<sup>223</sup> O ato negava o Bispado do Reich, bem como os Cristãos Alemães de agirem em nome da igreja.<sup>224</sup> O problema seria que o movimento ecumênico reconheceria como um movimento e não como a igreja alemã. Isto deixou Bonhoeffer desesperado, porque para ele era a única igreja.<sup>225</sup> A Igreja

<sup>219</sup> SILVEIRA, Júlio César. Igreja: Vocação para a Desobediência, p. 173-174.

<sup>220</sup> SILVEIRA, Júlio César. Igreja: Vocação para a Desobediência, p. 174-175.

<sup>221</sup> SILVEIRA, Júlio César. Igreja: Vocação para a Desobediência, p. 81.

<sup>222</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 240.

<sup>223</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 244.

<sup>224</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 241.

<sup>225</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 245-246.

Confessante ainda realizou um segundo sínodo em Dahlen em 1934. Neste período a oposição ao nazismo se acirrou mais e as denúncias de perseguição do Reich já estavam às claras, acusando-os de traição, de serem profetas judeus.<sup>226</sup> O terceiro sínodo é realizado na cidade de Augsburg<sup>227</sup>, evento que os Confessantes optaram por posturas mais neutras, mais brandas. Combateram menos o nazismo. Bonhoeffer e Niemoller redigiram uma carta aos membros do sínodo confessante incentivando a não desanimar e continuar a oposição a Hitler, porém a carta não teve impacto suficiente e o movimento perde sua força.<sup>228</sup> A política nacional-socialista assumia um caráter mais repressivo a cada ano contra a Igreja Confessante. De 1936 em diante cresceu demasiadamente o número de perseguições e repressões.<sup>229</sup> Bonhoeffer acompanhou a situação de perto e pasmou diante de que nenhuma palavra sobre o parágrafo foi dito, pela Igreja Confessante nos anos iniciais, entendeu a assembleia realizada como apolítica, assim como apolítica ficaria os Confessantes durante muito tempo.<sup>230</sup> Em relação à perseguição nazista aos judeus, a Igreja Confessante se manifestou tardiamente, mas mesmo assim os eles não foram capazes de entender o desafio teológico, ético e político da questão racial, e foi “impossível falar de uma ação eclesiástica solidária, nem mesmo da parte da Igreja Confessante”.<sup>231</sup> As únicas exceções foram atos de alguns pastores isolados, sós, entre eles, Dietrich Bonhoeffer, que além de oposição teológica e eclesiástica, fez também oposição política.<sup>232</sup> A primeira atitude é enviar um memorando a Hitler, no qual faz seus protestos contra os campos de concentração e as injustiças e violências da Gestapo contra os judeus. Silveira aponta o trecho da carta que declara incisivamente:

Quando o homem ariano é glorificado, a Palavra de Deus testifica a queda de todos os homens; quando o antissemitismo é impingido aos cristãos no contexto da cosmovisão do nacional-socialismo, obrigando-os a odiar judeus, a ordem para que amemos o nosso próximo aponta no sentido oposto.<sup>233</sup>

<sup>226</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. O Santo Reich, p. 163.

<sup>227</sup> Cidade importante para os protestantes alemães. Foi nesta cidade que Lutero passou por uma dieta, sendo apresentado por Felipe Melancton a primeira confissão de fé reformada, conhecida como Confissão de Augsburg.

<sup>228</sup> MELO, Jansen Racco. Uma Questão de Santidade, p. 75.

<sup>229</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 251-252.

<sup>230</sup> MILSTEIN, Werner. Dietrich Bonhoeffer: vida e pensamento, p. 42.

<sup>231</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 265.

<sup>232</sup> [orgs.] Thomas Kaufmann... [et al]. História Ecumênica da Igreja 3, p. 269.

<sup>233</sup> LUTZER, Erwin. A Cruz de Hitler, p 180 apud SILVEIRA, Júlio César. Igreja: Vocação para a Desobediência, p. 88.

De 1937 em diante o nazismo deixou de lado a imparcialidade e prendeu muitos pastores. Somente neste ano 800 pastores foram detidos e presos, incluindo o pastor Niemoller, considerado um dos líderes foi preso neste ano. Não era somente banir, mas liquidar todas as atividades da igreja.<sup>234</sup> A maior omissão da Igreja Confessante veio por conta do aniversário de 50 anos de Hitler, em 20 de abril de 1939. A Igreja Nacional do Reich presenteia o Führer com um decreto que exige de todos os pastores um juramento de fidelidade a seu líder. Uma parte do juramento, segundo Silveira dizia: “Juro ser fiel e obediente a Adolf Hitler, o Führer do povo e do Reich alemão, observarei as leis atentamente e desempenharei as atividades do meu cargo. Que Deus me ajude!”<sup>235</sup> O documento reivindica ser o ato mais íntimo com o Reich e com Hitler, personificação deste. Há também uma mensagem de advertência de quem não prestar juramento será preso ou acometido de algo pior. Esta resistência pelos Confessantes não veio. Tentaram se posicionar contra no início, mas como grande parte do clero aderiu o juramento, ficaram indispostos a continuar no contrafluxo popular de apoio a Hitler, assim a Igreja Confessante reconsiderou a sua posição. Para resolver este impasse ocorre um Sínodo em junho do mesmo ano, e o que se resolve é pela autonomia de cada pastor e líder de escolher ou não fazer este juramento. Bonhoeffer ficou arrasado com esta decisão, envergonhado com os que retrocedem e declarou: Será que a Igreja Confessante confessará publicamente sua culpa e desunião? E ainda acrescenta que “para ele, se curvar perante a suástica significava inequivocamente se pôr de costas para a cruz”.<sup>236</sup> A Igreja Confessante passava por constantes ameaças. Berlim sediou as olimpíadas em 1936. Neste interim Hitler deu um jeito de acalmar toda perseguição e “maquiar” a nação para a recepção dos estrangeiros, mas com todos os atos dos Confessantes, demonstrações de que estavam seguindo o certo, o senso comum era que uma parcela da população não estava se agradando da igreja. Bonhoeffer encontrou um cartão em uma livraria como os dizeres “Finda a olimpíada, estouraremos os miolos da IC [Igreja Confessante]. Então eliminaremos os judeus e a Igreja Confessante será eliminada também”.<sup>237</sup>

---

<sup>234</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 314.

<sup>235</sup> SILVEIRA, Júlio César. Igreja: Vocação para a Desobediência, p. 92.

<sup>236</sup> SILVEIRA, Júlio César. Igreja: Vocação para a Desobediência, p. 93.

<sup>237</sup> HENDRIX, John. O espião fiel: Dietrich Bonhoeffer e o plano para matar Hitler, p. 66.

## 5

### Na clandestinidade: o seminário de Finkenwalde

No início de 1934, a Igreja Confessante chegou a cogitar a possibilidade de abrir seminários próprios, para aceitar candidatos judeus e rechaçados pelo nazismo, pelo motivo de que a Igreja do Reich exigia documento de comprovação da pureza racial. Porém somente em agosto Niemoller convidou Dietrich Bonhoeffer a assumir a direção de um dos 5 seminários clandestinos da Igreja Confessante. Em Brandenburg, um distrito de Berlim com início das aulas em 1935. Bonhoeffer estava em Londres e precisava tomar uma decisão: ficava em Londres pastoreando, voltava para Berlim para continuar com os estudos na universidade de Berlim ou assumiria o seminário clandestino. Uma semana depois ele optou pelo seminário. Bonhoeffer ansiava por uma igreja comprometida com Cristo, mas como realizar isso numa igreja germanizada ou em um ambiente totalmente liberal como a universidade de Berlim? Ele via no seminário clandestino a oportunidade de ensinar a Bíblia, louvores e uma vida de devoção a Deus.<sup>238</sup> Neste período, ele tinha a consciência que qualquer esforço de convencer a Hitler de voltar atrás na sua postura agressiva seria inútil. Em uma carta a Sutz ele escreveu que Barth estava tentando um encontro com Hitler, entretanto, nada adiantaria: “ele (Hitler) não está na posição de nos escutar, ele é obstinado e, como tal, deve compelir-nos a ouvi-lo – ou seja, o caminho oposto”.<sup>239</sup> Em janeiro escreve a seu irmão Karl-Friedrich contando-lhe a decisão de caminhar com uma igreja paralela ao Estado. Enfim, em 15 de abril de 1935, Bonhoeffer estava em Berlim para tomar ciência dos deveres para com o seminário, e procurar um novo local para o seminário. Mas foi somente em 25 de abril que o professor viajaria com seus primeiros alunos para uma casa em Zingst, lar temporário do seminário, a trezentos quilômetros ao norte de Berlim. O que esperava era viver uma espécie de comunidade monástica em Zingst, assim como Jesus viveu com seus seguidores, uma experiência pouco ortodoxa para aqueles alunos. Metaxas assinala o aspecto teológico envolvido por trás desta ação, resultando em contribuições significativas para o livro *Discipulado*:

---

<sup>238</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 267.

<sup>239</sup> London: 1933-1935, vol 13, Dietrich Bonhoeffer Works, p. 217-218 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 267.

Bonhoeffer lida com o aspecto teológico desse desvio luterano da compreensão inicial de Lutero sobre a gratidão pela graça de Deus e com a ingratidão daquilo que chamou de graça barata. Ele sentia que grande parte do problema vinha da educação teológica luterana, que não produzia discípulos de Cristo, mas teólogos desligados da realidade e clérigos cuja capacidade de viver a fé cristã – e ajudar outros a vivê-la – não era muito notável. A prática e a teoria eram dois desconhecidos, e a igreja estava distante das pessoas às quais supostamente deveria administrar.<sup>240</sup>

Era com isso em mente que queria transmitir aos seus alunos, algo que teve que descobrir sozinho, a partir dos ensinamentos familiares. Produzir pastores capazes de cuidar de vidas, assumir a missão de Jesus Cristo. Eram 23 alunos na primeira turma. Um deles, Eberhard Bethge, seria o amigo mais íntimo de Bonhoeffer, que levaria suas confissões, dramas e as situações mais diversas da vida. Passaria muito tempo ao lado de seu amigo. Bethge, o último a chegar ficaria maravilhado com o cenário, principalmente com a atitude do professor de insistir de ser chamado de amigo, e não diretor.<sup>241</sup> O aluguel em Zingst foi vencido no dia 14 de junho, levando Bonhoeffer a procurar outro local, e encontrou um lugar para o seminário, uma antiga fazenda em Finkenwalde, pequena cidade na Pomerânia. Naquela região havia forte oposição a Hitler. Dali saíam muitos homens que participariam das conspirações para assassinar, dentre eles Fabian von Schlabrendorff, que ficaria preso em cela próximo a Bonhoeffer. Eram descendentes de famílias ligadas aos imperadores, famílias aristocráticas de posses que ajudariam financeiramente a Bonhoeffer, o seminário e a causa clandestina.<sup>242</sup> Um dia os militares da SA espancaram em Brandenburg um pastor de descendência judia, prontamente Bonhoeffer levou para Finkenwalde e cuidou dele, preparando até sua emigração, e exclamou aos seus alunos: “somente quem grita em favor dos judeus tem direito a cantar gregoriano”.<sup>243</sup> A rotina em Finkenwalde tinha 45 minutos matutinos de um culto prestado a Deus, leitura da bíblia, preces oferecidas pelo diretor e meditação. A certeza de Bonhoeffer em uma vida piedosa era tanta, que afirma em uma carta a Barth:

---

<sup>240</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 281.

<sup>241</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 282.

<sup>242</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 284-285.

<sup>243</sup> MILSTEIN, Werner. Dietrich Bonhoeffer: vida e pensamento, p. 57.

Tenho firme convicção de que, em vista do que os jovens teólogos trazem consigo da universidade e, levando em conta o trabalho independente a ser exigido deles na paróquia [...] eles precisam de um tipo completamente diferente de treinamento, que a vida conjunta num seminário como esse proporciona. [...] o trabalho teológico e a comunhão pastoral verdadeira crescem apenas na vida regida por períodos fixos de oração e por encontros matutinos e noturnos em torno da Palavra [...] as questões que nos são colocadas hoje pelos jovens teólogos são: Como faço para aprender a orar? Como faço para aprender a ler a Bíblia?<sup>244</sup>

O ato de valorização da pregação era muito importante. A verdadeira Palavra de Deus aos homens, sendo o ato de pregar um lugar de revelação, onde Cristo vem ao nosso mundo. Afirmaria a seus alunos: “não tentem tornar a bíblia relevante. Sua relevância é axiomática [...] Não defendam a Palavra de Deus, mas deem testemunho dela [...] Confiem na Palavra”.<sup>245</sup> O seminário de Finkenwalde serviu de inspiração para as famílias da região, tornando mais fácil e encorajador aquela geração mais jovem a se opor ao regime nacional-socialista. Os nazistas gritavam em alto tom “o futuro pertence a nós! Nós somos o futuro!”. A indagação pairava no ar naquela região, e uma matriarca influente, que se tornou amiga de Bonhoeffer, a qual ele chamava de Tia Ruth, ao vê-lo pregando disse aos seus que ali estavam: “você vê um jovem que está por inteiro ao alcance de Deus” e apontando para o pregador disse “Aqui, aqui está o nosso futuro”.<sup>246</sup> No verão de 1937, Bonhoeffer estava supervisionando a quinta turma, naquele local ele terminaria o livro *Discipulado*, que Metaxas chama de “um dos livros mais influentes do século XX”.<sup>247</sup> *Discipulado* é um livro que demonstra na prática a vida de Bonhoeffer, uma entrega para uma vivência completa de submissão a Deus, e como um discípulo pode e deve valorizar esta graça divina. No livro está expressa a teoria de sua conduta, de como um discípulo/igreja de Jesus Cristo tem seu relacionamento com Deus, e a partir desta comunhão, vive a relação com o próximo. A primeira necessidade do discípulo é entender que a graça de Cristo não é: “graça barata, em vez de justificar o pecador, justifica o pecado. Desse modo, resolve tudo sozinha, nada precisa mudar e tudo pode permanecer como antes”.<sup>248</sup> e continua a demonstrar esta graça barata que não serve para o discípulo

<sup>244</sup> BONHOEFFER, Dietrich. A Testament to freedom: The Essential Writings of Dietrich Bonhoeffer, p. 431-432 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 289-290.

<sup>245</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 291.

<sup>246</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 296.

<sup>247</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 318.

<sup>248</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 19.

porque “é a pregação do perdão sem arrependimento do pecador, é o batismo sem disciplina eclesiástica, é a comunhão sem confissão de pecados, é a absolvição sem confissão pessoal. A graça barata é a graça sem discipulado, é a graça sem cruz, é a graça sem Jesus Cristo vivo e encarnado”.<sup>249</sup> Sobre o Reino de Deus, que permeia a obra, ele é contrário aqueles que concebem o Reino como uma utopia, um sonho ou esperança ingênua, a qual vivem com uma visão do mundo conhecendo várias receitas para curá-lo.<sup>250</sup> No livro distingue as bem-aventuranças do sermão do monte de “uma caricatura em forma de programas sociais”, dizendo também que “o diabo é capaz de chamar de bem-aventurados os pobres”.<sup>251</sup> Svensson coloca a delimitação a respeito de uma vulgar politização da igreja como uma obra social a aqueles que só interessam pelo bem particular. Citando Bonhoeffer, transcreve que a igreja “deve ser lembrada aos apelos mais decisivos para levantar a sua voz, conforme o texto de provérbios 31.8: Abre a tua boca pelos mudos. Quem sabe até isso na igreja hoje, que é isso o mínimo que a bíblia exige de nós em tempos como este?”.<sup>252</sup> Bonhoeffer entendeu na pele esta vivência do pobre, daquele que precisa se refugiar no Reino de Deus, daquele que é carente de muitas necessidades. Em uma carta aos pais no Natal de 1943 ele escreveu:

Um prisioneiro entende muito melhor do que outra pessoa que a miséria, o sofrimento, a pobreza, a solidão, o desamparo e a culpa são algo bem diferente aos olhos de Deus do que para o juízo humano, que Deus se volta justamente para a direção à qual as pessoas costumam dar as costas, que Cristo nasceu na estrebaria porque não conseguiu encontrar lugar na hospedaria. Para um prisioneiro, isso de fato é uma boa mensagem e, ao crer nisso, ele está ciente de que faz parte da comunhão da cristandade que rompe todos os limites de espaço e tempo, e os muros da prisão perdem sua importância.<sup>253</sup>

Bonhoeffer via seus compatriotas domingo ir à igreja, levantar as mãos para adorar, e na segunda estava perseguindo e matando judeus ou pessoas que a Alemanha nazista considerava indesejadas, e sobre a prática eclesial acrescenta que “a oferta não deve ser aceita enquanto ao irmão forem negados serviço e amor, enquanto ele for objeto de desprezo” e coloca a vontade divina, afirmando

<sup>249</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Discipulado, p. 20.

<sup>250</sup> SVENSSON, Manfred. Resistencia y gracia cara, p. 165.

<sup>251</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Discipulado, p. 79-80.

<sup>252</sup> SVENSSON, Manfred. Resistencia y gracia cara, p. 165.

<sup>253</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 223-224.

que “Deus não quer se separar do nosso irmão; não quer ser honrado enquanto um irmão é desonrado”.<sup>254</sup> Isto resumia bem o conceito de graça barata, onde não há compromisso com Deus. Bonhoeffer apontava a direção certa, pelos seus escritos mostrava que “o chamado ao discipulado é o compromisso exclusivo com a pessoa de Jesus Cristo, a subversão de todo legalismo por meio da graça daquele que chama”.<sup>255</sup> Para ele a fé é tão somente um ato de obediência a Deus, acima de tudo, até do Estado.

Nas férias Bonhoeffer e Bethge viajaram para Konigsee, Grainau e depois a Gottingen, para visitar a sua irmã Sabine e família. Estando na casa da sua irmã, recebeu um telefonema que a Gestapo havia fechado local no dia 29 de abril de 1937, interditando-o para uso do seminário. Bonhoeffer tentaria por quase 2 meses em Berlim a reabertura, porém sem sucesso. No fim, sabia que não haveria de reabrir, mas isso não significava o fim dos seminários ilegais. Arrumariam uma alternativa, seriam mantidos na forma de pastorados coletivos.<sup>256</sup> Como se daria? Primeiro teria que buscar pastores simpatizantes à causa dos Confessantes, em seguida a solicitação do presidente da igreja pelos “pastores aprendizes”, então treinaria no estilo bonhoefferiano em um grupo de 7 a 10 pessoas. Foi neste formato que a partir de 1938 os seminários da Igreja Confessante funcionavam.

## 5.1

### **Na clandestinidade: decidindo pela conspiração**

O ano de 1938 seria tumultuado para Bonhoeffer. No dia 11 de janeiro, no encontro com a Igreja Confessante, trinta pessoas, incluindo Bonhoeffer foram detidos por 7 horas. Após os interrogatórios foram liberados, com a notícia que não poderia entrar em Berlim por tempo determinado. Em maio Sabine e o marido Gerhard Leibholz fugiram da Alemanha para a Inglaterra, Hitler tinha dado início no *Anschluss*, e a perseguição aos judeus estava cada vez mais deflagrada. Nas suas pregações ele demonstrava seu engajamento contra o regime, e cada vez que subia ao altar para proferir um sermão, o pastor zeloso e do coração quente pelo seguimento a Jesus, convocava as pessoas a pela fé a seguir a Cristo com toda

---

<sup>254</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Discipulado, p. 98.

<sup>255</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Discipulado, p. 34.

<sup>256</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 318-319.

força. No dia 9 de abril de 1938, exatos 7 anos antes de sua morte, em Kieckow, disse aos jovens confirmandos daquele dia:

O sim de vocês a Deus exige um não a toda injustiça, a toda maldade, a toda mentira, a toda opressão e constrangimento dos fracos e pobres, a toda descrença e a toda blasfêmia em relação ao sagrado. O sim de vocês a Deus exige um não corajoso a tudo aquilo que tentar impedir vocês de servir a Deus somente, mesmo que sejam a profissão, os bens ou a honra diante do mundo. Fé significa decisão.<sup>257</sup>

Neste período, por estar afastado de Berlim, Bonhoeffer morou na casa de Sabine em Gottingen, e escreveu seu livro *Vida em Comunhão*<sup>258</sup>. Entretanto, ele acharia que não ia demorar muito o retorno de Sabine. Pelos contatos com seu cunhado Hans von Dohnanyi, sabia que alguns generais de Hitler, entre eles Oster e Beck, sendo Beck o contato de Dohnanyi e Bonhoeffer, haviam começado a organização de um golpe para tirá-lo do poder, e seria de forma iminente, antes que a Alemanha entrasse em guerra.<sup>259</sup> Um passo importante que levaria Bonhoeffer a conspiração seria a *Kristallnacht*<sup>260</sup>, que aconteceu no dia 9 de novembro de 1938, voltando o olhar em definitivo para todos os judeus. Bonhoeffer sempre usava as palavras dos judeus do Antigo Testamento, como Davi, Zacarias etc. como também do Novo Testamento, por exemplo Paulo, que ele entendia como o povo de Deus, tendo sob firme afirmação que Jesus veio para os judeus e para os gentios, e se fizer mal aos judeus, faz ao próprio Deus. Um salto teológico raríssimo para a época, mas Deus havia falado com ele, afirma Bethge.<sup>261</sup> Este salienta que no dia seguinte ao *Kristallnacht*, Bonhoeffer lia o Salmo 74. Metaxas escreve a leitura:

O que ele leu o assustou, e com o lápis, traçou uma linha vertical para marcá-lo, com um ponto de exclamação ao lado do traço. Sublinhou ainda a segunda metade do versículo 8: Queimaram todos os santuários do país. Perto do versículo, escreveu 9.11.38. Bonhoeffer enxergou isso como um exemplo de Deus falando com ele e com os cristãos na Alemanha. Deus estava lhe dizendo algo por meio da Palavra naquele dia, e, enquanto meditava e orava, Bonhoeffer percebeu que as sinagogas que foram queimadas na Alemanha eram pertencentes a Deus. [...] Os nazistas atacavam a Deus ao atacar seu povo. Os judeus na Alemanha não somente

<sup>257</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Prédicas e alocações*, p. 41.

<sup>258</sup> No Brasil lançado pela editora Sinodal.

<sup>259</sup> METAXAS, Eric. *Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião*, p. 332-335.

<sup>260</sup> Noite dos cristais quebrados.

<sup>261</sup> METAXAS, Eric. *Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião*, p. 339-340.

não eram inimigos de Deus; eles eram seus filhos amados. Um tanto literalmente, foi uma revelação.<sup>262</sup>

Bonhoeffer ainda escreveria durante este ano cartas a muitos de seus alunos das suas turmas de confirmação e do seminário clandestino que foram presos, aos pais que tinham perdidos seus filhos. Em carta a Karl e Paula Bonhoeffer do dia 17.08.1943 informou-os que mais de 30 alunos brilhantes tinham perdido a vida, do qual ele se sentia fortemente responsabilizado.<sup>263</sup> Milstein cita a prédica do dia da confirmação da turma do dia 13 de março de 1932: “Ninguém jamais deve tirar de vocês a fé em que Deus preparou para vocês um dia, um sol e um alvorecer e que ele nos guia em direção deste sol que se chama Cristo, que ele nos permite ver a terra prometida na qual existem justiça, paz e amor, porque Cristo governa”.<sup>264</sup> Outra pregação marcante agora em Finkenwalde. Antes de ser fechado, no ano de 1938 foi a mensagem do Salmo 58, conhecida como a prédica da vingança divina sobre os inimigos de Deus. Retrata Davi nestes versos, como referência a Israel, e por conseguinte referência a igreja. Como pode um cristão orar um salmo de vingança? A chave de leitura para Bonhoeffer é Cristo, somente Nele e com Ele pode-se expressar seus sentimentos, a vingança pertence a Ele e contra o mal e o diabo, só Deus pode agir. Todas as suas falas tinham caráter profético e sempre incentivava seus alunos a andar na justiça, fazer o bem e resistir com a palavra diante do mal, daqueles que não fazem a vontade de Deus, daqueles que se declaram inimigos do povo de Deus. Todas estas palavras, Bonhoeffer tinha em mente a causa judaica e todas as perseguições que os judeus e a Igreja Confessante estavam sofrendo pelos nazistas. Brilhantemente pregou:

Deus é invocado para exercer sobre os inimigos. “Ó Deus, quebra-lhes os dentes da boca; arranca, Senhor, os queixais aos leõesinhos.” Antes de tudo, temos que aprender uma coisa: diante dos inimigos de Deus e de sua igreja só nos resta orar. Nossa coragem – por maior que seja – e toda a nossa bravura esmigalham diante desse inimigo. Estamos diante do ataque do próprio diabo. Essa causa somente pode ser assumida por quem tem poder sobre o demônio, a saber, o próprio Deus. Teremos alcançado muito se aprendermos que é preciso orar sinceramente a Deus nessa situação. E mais outra coisa: quem delega a vingança a Deus abre mão de qualquer vingança própria.<sup>265</sup>

<sup>262</sup> Eberhard Bethge, entrevista por Martin Doblmeier, Bonhoeffer: Pastor, Pacifist, Nazi Resister. Apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 338-339.

<sup>263</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 128-129.

<sup>264</sup> MILSTEIN, Werner. Dietrich Bonhoeffer: vida e pensamento, p. 30.

<sup>265</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Prédicas e alocuções, p. 68-69.

Mas algo mudaria os planos de Bonhoeffer por um tempo: sua mãe o avisara que todos os homens nascidos em 1906 e 1907 precisavam prestar serviço militar. Era janeiro de 1939. Como nunca Bonhoeffer iria se alistar para o nazismo, houve somente uma saída; ir para o exterior novamente, lecionar e atuar como pastor para refugiados nos Estados Unidos a convite de seus amigos Reinhold Niebuhr e Paul Lehmann que fizeram de tudo para ajudar a sua saída da Alemanha, mas antes passou pela Inglaterra. Dia 11 de março ele chegou em Londres. No dia 15 de março Hitler anexou a Checoslováquia. Era inevitável a guerra. O relógio corria e Bonhoeffer sabia disso. Somente no dia 12 de junho chegou aos Estados Unidos, e lá permaneceu por 26 dias. Desde sua chegada e todos os seus dias, desde a saída da Alemanha, sabia que havia tomado a decisão errada, e no primeiro dia na América exclamou: preciso voltar!<sup>266</sup> Sua estada na América pode ser contada pelas suas cartas e seu diário que ele mantinha. O ultimato que deu a certeza final a Bonhoeffer para sua volta foi ler no jornal do dia 24 de junho texto de Isaías 28.16: Aquele que confia jamais será abalado. E escreveu “Ficar agora seria se abalar. E fugir da América agora era acreditar, confiar no Senhor”.<sup>267</sup> E acrescentou no seu diário do dia 26 de junho de 1939: “Hoje li, por acaso, em 2 Timóteo 4: “Procure vir antes do inverno” pedido de Paulo a Timóteo. [...] “Venha antes do inverno” – não é um mau uso da Escritura se eu usar isso como algo dito para mim. Se Deus me conceder a graça de assim fazê-lo”.<sup>268</sup> Dia 07 de julho Bonhoeffer partia da América para Londres, ficando 10 dias na capital inglesa. Lá soube da notícia que Paul Schneider, um dos mais valentes pastores da Igreja Confessante, havia sido espancado até a morte em Buchenwald. Dia 27 de Julho viajou para a Alemanha, chegando em Sigurdshof, um local de pastorado coletivo da igreja clandestina, fechando todos os pastorados coletivos que funcionavam no leste alemão, porque a iminência de começar a guerra era grande. Bonhoeffer sabia que Hitler estava desejoso de invadir a Polônia, e aquele local era um possível lugar de conflito, e assim voltou a

---

<sup>266</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 352.

<sup>267</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 364.

<sup>268</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 364-365.

Alemanha.<sup>269</sup> Hellmut Traub, o líder dos pastorados coletivos na ausência de Bonhoeffer, lembra do seu retorno. Escreve Metaxas:

Eu estava feliz por saber que Bonhoeffer não estava na Alemanha, mas a salvo do vindouro reino do terror e da catástrofe que, eu sabia, viria acompanhada. [...] tinha certeza de que não encontraria misericórdia nenhuma, ao passo que ele era obrigado a ser um opositor consciente. Não havia lugar para ele naquela Alemanha, porque acreditávamos que, depois, mais tarde, estaríamos verdadeira e profundamente necessitados dele; então sua hora chegaria.<sup>270</sup>

Setembro havia chegado, e com ele a guerra. De Berlim em contato com Dohnanyi, Bonhoeffer afirmava que Hitler precisava ser removido do poder e depois negociar a paz. O general Beck, o almirante Canaris e seu cunhado Dohnanyi seriam seus comparsas na conspiração para assassinar Hitler, e seu papel na seria de manter o diálogo com os contatos no exterior, a qual ele conhecia muito bem, para negociar a paz e saberem que existiam homens contra o nazismo dentro da Alemanha. Seus relacionamentos com o bispo Bell na Inglaterra, na Suécia e nos Estados Unidos seriam importantes para a resistência.<sup>271</sup>

## 5.2

### Na clandestinidade: Assassinar Hitler

Bonhoeffer em seu envolvimento na conspiração precisou sempre ser muito discreto por causa da Igreja Confessante. Ele teve muitos atritos pelos seus posicionamentos singulares que causava certa estranheza e escândalo a muitos dos seus próprios membros. Além disso, as suas decisões precisavam considerar seus alunos e parentes, por isso talvez não tenha escolhido ser um opositor consciente do regime nazista. Metaxas suspeita que a grande decisão que o levou a agir concretamente pela busca da morte de Hitler foi sua conversa com Emmi, esposa de seu irmão Klaus, que participava também da conspiração. A alegação de Emmi era a de os cristãos estarem numa posição muito confortável na resistência ao nacional-socialismo, restringindo somente a oposição “espiritual”, enquanto seus

<sup>269</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 370-371.

<sup>270</sup> Zimmermann e Smith, I Knew Dietrich Bonhoeffer, p.158-160. Apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 370.

<sup>271</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 382-383.

irmãos e dois cunhados de fato “sujava as mãos” e corria grande perigo de morrer. “Sabem o que devem fazer, mas permiti outras pessoas fazerem” afirmava a cunhada. Após cuidadosa reflexão, Bonhoeffer estava pronto de fato a trabalhar, já que a conspiração estava em vigor e de ânimo dobrado por causa da invasão a Polônia em 27 de setembro de 1939, por muitos generais que não compactuavam com as atrocidades que a SS e a Wehrmacht cometiam em solo estrangeiro, atitudes indizíveis no país vizinho. Agora estavam prontos a engrossar as fileiras do complô.<sup>272</sup> Essa dificuldade de tomada de decisão por Bonhoeffer era explicar como um cristão torna-se causa na morte de outrem. Bethge explicou o pensamento do amigo, ainda pintando também o cenário anterior de confissão de fidelidade a Bíblia e a igreja:

Bonhoeffer nos apresentou, em 1935, o problema daquilo que hoje chamamos de resistência política. Os níveis da confissão e da resistência não podiam mais ser mantidos separados. A crescente perseguição aos judeus gerou uma situação cada vez mais hostil, em especial para o próprio Bonhoeffer. Nós então percebemos que a mera confissão, não importa quão corajosa, significava inegavelmente cumplicidade com os assassinos, ainda que sempre houvesse novos atos de recusa a ser cooptados e ainda que pregássemos “somente a Cristo” domingo após domingo. Durante todo o tempo, o Estado nazista nunca considerou a necessidade de proibir tal tipo de pregação. E por que deveria? Desse modo, nós nos aproximamos da fronteira entre a confissão e a resistência, e, se não atravessássemos a fronteira, nossa confissão não seria melhor que a cooperação com os criminosos. E assim tornou-se claro problema colocado a Igreja Confessante: estávamos resistindo pelo caminho da confissão, mas não estávamos confessando pelo caminho da resistência.<sup>273</sup>

Ainda se referindo a resistência, ele escrevia: “Os alemães somente hoje estão começando a descobrir o que significa responsabilidade livre. Esta se baseia num Deus que exige o livre risco de fé, de uma ação responsável e que anuncia perdão e consolo a quem se torna pecador nessa empreitada”.<sup>274</sup> Para Bonhoeffer, na vida o cristão precisa compreender e viver de maneira integral. Cristo é Senhor de tudo ou de nada. Na esfera humana Deus trabalha e os crentes precisam aplicar isto à necessidade vital para o bem das pessoas. Em *Ética* ele descreve o direito à vida:

<sup>272</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 384-385.

<sup>273</sup> BETHGE, Eberhard. Friendship and Resistance: Essays on Dietrich Bonhoeffer, p.24 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 386-387.

<sup>274</sup> MILSTEIN, Werner. Dietrich Bonhoeffer: vida e pensamento, p. 69.

A vida física, que recebemos sem concurso nosso, traz em si mesmo o direito a preservação. Não é um direito roubado ou conquistado por nós, mas um direito que, em sentido próprio, “nasceu conosco”, direito recebido, portanto, cuja existência é anterior à nossa vontade, que repousa sobre o próprio ente. Como, de acordo com a vontade de Deus, vida humana só existe na terra como vida física, o corpo tem direito a preservação em função do ser humano todo. Como todos os direitos cessam com a morte, a preservação da vida física é o fundamento de todos os direitos naturais, estando revestida, por isso, de especial importância. [...] Isso pode parecer bastante sóbrio e pouco heroico, mas o corpo está aí em primeiro lugar para ser preservado, não para ser sacrificado.<sup>275</sup>

Ainda em *Ética*, Bonhoeffer dizia que a ética é a ação responsável do cristão diante do mundo e diante do mal, pela história que é onde se apresenta o espaço de solidariedade concreta, sendo uma ética de resistência,<sup>276</sup> nas suas palavras é “uma vida responsável vivida em obediência à revelação de Deus em Jesus Cristo”.<sup>277</sup> Rosino Gibellini interpreta que tipo de ética é a ética bonhoefferiana:

Para Bonhoeffer, a ética não pode ser uma ética dos princípios ou das normas, que é preciso primeira formular e fixar para depois aplicar e estender à realidade. O objetivo da ética não é o conhecimento do bem e do mal, baseado em princípios e normas, e sim o discernimento da vontade de Deus em vista da ação concreta.<sup>278</sup>

O momento exato que Bethge descobriu que o amigo estava decidido foi na visita aos pastorados que matinha na Prússia oriental, incluindo Finkenwalde, quando Bonhoeffer saudou nazistas locais com um “Heil, Hitler!”.<sup>279</sup> Nunca antes havia feito a saudação, sussurrando a Bethge disse: “você está louco? Levante o braço! Nós vamos ter que correr riscos para muitas coisas diferentes, mas esta saudação idiota não é uma delas”.<sup>280</sup> Ali já se sentia um espião lutando por uma causa grandiosa, agindo como um verdadeiro conspirador. Naquele momento atravessou da confissão para a resistência. Em julho de 1940, Bonhoeffer entrava para a Abwehr, uma agência de inteligência secreta alemã, através do seu cunhado Dohnanyi, com a proteção do general Oster e Almirante Canaris. Assim livremente poderia andar sem a Gestapo na sua cola, exercendo a conspiração a partir de dentro, fingindo trabalhar para o governo, mas com dupla identidade, fazendo resistência para implodir o *Reich* alemão, uma atividade muito perigosa.

<sup>275</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*, p. 100.

<sup>276</sup> CALDAS, Carlos. *Dietrich Bonhoeffer e a teologia pública no Brasil*, p. 156.

<sup>277</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Tentação*, p. 30.

<sup>278</sup> GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*, p. 111.

<sup>279</sup> *Salve Hitler em alemão*.

<sup>280</sup> METAXAS, Eric. *Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião*, p. 388.

Agora livre do serviço militar por trabalhar na agência, se dedicaria a fazer os contatos internacionais pela Alemanha, mas não pelo governo. Isso soaria muito mal aos Confessantes. Não podia contar nada a ninguém, mas era o preço a pagar. Bonhoeffer exerceu o cargo de *Vertrauensmann*<sup>281</sup>, viajava livremente com seus contatos ecumênicos, pastoreava os irmãos e se dedicava a sua obra magna *Ética*<sup>282</sup>, ainda como um civil. Seu imediato era Joseph Müller, outro conspirador, e por meio dele em Munique, sua residência oficial agora, seria sua base para as suas primeiras missões. Pela agência central de resistência em Munique se hospedou no convento bávaro de Ettal de novembro de 1940 até fevereiro de 1941. Sua primeira missão era uma viagem a Genebra, na Suíça. Fez seus contatos oficiais, mas com a real intenção de encontrar os contatos conspiratórios. Bonhoeffer encontrou Karl Barth que ficou perplexo, encontrou ainda Erwin Sutz, a quem afirmou que derrubaria Hitler, e o principal contato, Willem Visser't Hooft, que passaria informações importantes sobre o Reich ao governo de Churchill. Na volta a Alemanha fez o disfarce parecer correto, fazendo prova de ser um ariano puro para não revelar o disfarce. Ainda mais uma vez Bonhoeffer fez viagem a Suíça, com plena consciência da causa no segundo encontro com Willem Visser't Hooft. Este o perguntou pelo que orava, e a resposta de Bonhoeffer foi: “Se quer saber a verdade”, “oro pela derrota do meu país. Pois creio que essa é a única maneira de pagar por todo sofrimento que meu país tem causado ao mundo”.<sup>283</sup> Disse a Hooft ainda que se pudesse mataria Hitler com as próprias mãos. Todos os contatos internacionais que Bonhoeffer fez, entre eles três viagens à Suíça e uma a Suécia, seu círculo de informação era sempre os seus contatos ecumênicos antes da guerra, e agora com a intenção de informar ao mundo como a situação estava na Alemanha, a causa dos judeus e demais situações que ajudaria de alguma forma os aliados na guerra.

A Operação 7 foi a próxima missão de Bonhoeffer. Levou este nome, pela tentativa feita com sucesso de inicialmente retirar 7 judeus da Alemanha para a Suíça, por meio da Abwehr, mas no fim foram um total de 14 judeus emigrados ao país vizinho, os suíços aceitaram mediante a uma grande quantia de dinheiro, pois foi por meio destes altos valores que a Gestapo desconfiou e começou a

---

<sup>281</sup> Homem de confiança em alemão.

<sup>282</sup> Livro lançado no Brasil pela editora Sinodal.

<sup>283</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 416.

rastrear os valores, suspeitando inicialmente de lavagem ou desfalque de dinheiro do Estado.<sup>284</sup> Era um pouco comum levar judeus a países vizinhos e forçá-los a dizer que eram bem tratados na Alemanha. Quando em 1945 as sentenças de mortes foram proferidas ao irmão de Bonhoeffer, Klaus e ao seu cunhado Rudiger Schleicher, os dois chocaram seus captores por afirmar que entraram na conspiração pela causa dos judeus.<sup>285</sup> Em fevereiro de 1942, um pouco antes de uma missão na Noruega, Bonhoeffer e Dohnanyi descobriram que a Gestapo estava interceptando e grampeando todos os seus contatos, por isso Bonhoeffer fez seu testamento e entregou a Bethge para não assustar a sua família.<sup>286</sup> Posteriormente escreveria outro testamento da prisão, após fortes ataques aéreos noturnos, que descreve o seu último desejo referido aos seus bens entregando a Bethge novamente.<sup>287</sup>

Em meados de 1942, após a viagem à Suécia, Bonhoeffer foi visitar sua amiga Ruth von Kleist-Retzow, a tia Ruth, no dia 8 de junho. Ficou admirado com a neta de Ruth, Maria von Wedemeyer, recém-formada no colégio e que agora então passaria por um ano de serviço militar como enfermeira. Bonhoeffer tinha 36 e Maria 17 anos. Ele já a conhecia, crismou seu irmão Max, e era assíduo na casa da tia Ruth, como ele a chamava. Nestas idas e vindas pela conspiração, Bonhoeffer viu-a poucas vezes. Trocaram algumas poucas cartas neste interim, mas no dia 24 de novembro, viajou até Patzig para pedir a mão de Maria em casamento, a senhora Von Wedemeyer. Foi um pedido meio conflituoso. A senhora Wedemeyer não compactuou muito, por alguns motivos: Max era morto na guerra, Bonhoeffer era bem mais velho que Maria e ela ainda possivelmente sabia da participação de Bonhoeffer na conspiração pela Abwehr, apesar da família de Maria ser opositora do nazismo. Isto não a agradou por medo e cuidado de sua filha, que após a morte de Bonhoeffer se arrependeria. Mas mesmo assim, ficaram noivos. Isto aconteceu somente em 17 de janeiro de 1943. Devido aos acontecimentos citados acima, esta foi a data oficial.<sup>288</sup>

---

<sup>284</sup> HENDRIX, John. O espião fiel: Dietrich Bonhoeffer e o plano para matar Hitler, p. 110.

<sup>285</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 417-418.

<sup>286</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 421.

<sup>287</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 189-190.

<sup>288</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 436,448,453.

## 6

### O início do fim: A prisão

A Operação 7 foi muito bem-sucedida na sua intenção, conseguindo a retirada da Alemanha de judeus, mas, justamente esta missão chamou a atenção da Gestapo, e ela deixou rastros que levaram até Bonhoeffer e Dohnanyi. Wilhelm Schmidhuber, um funcionário da Abwehr havia feito uma irregularidade monetária nas contas da agência. No interrogatório Schmidhuber citou o nome de Bonhoeffer e Dohnanyi. Com isso a Gestapo conseguiu chegar aos dois e ao chefe da conspiração o general Oster. Agora era uma questão de tempo para descobrir todo o envolvimento na conspiração.<sup>289</sup> A operação seguinte foi batizada de Operação Relâmpago. Consistia em uma missão suicida do major Rudolph-Christoph von Gersdorff, que voaria com Hitler até Berlim. No seu casaco teria bombas que explodiriam durante o voo, só que mais uma vez foi uma tentativa frustrada. A bomba falhou. Porém uma oportunidade se abriu diante dos conspiradores: Hitler visitaria no dia 21 de março de 1943, uma cerimônia em memória dos Heróis e em seguida visitaria uma exposição de armamentos soviéticos apreendidos, oportunidade perfeita para o major. A visita de Hitler que estava programada para 30 minutos, foi abreviada por sua pressa, que demorou menos de 10 minutos, e Bonhoeffer sabia de tudo. Esperava o telefonema na casa de seus pais da morte do ditador, entretanto mais uma vez não aconteceu. Havia falhado novamente.<sup>290</sup> Dez dias depois seria a última festa de família que Bonhoeffer participaria, a celebração de 75 anos de seu pai Karl Bonhoeffer.<sup>291</sup>

Bonhoeffer estava na casa dos Schleicher em 05 de abril, decidiu ligar para Dohnanyi, quando foi pego de surpresa com uma voz estranha na ligação. Ele sabia que o tempo estava encurtando. Enfim a Gestapo estava se mexendo, revirando a casa do cunhado em busca de provas incriminatórias. A Gestapo acharia os documentos do cunhado, chamados de Crônica da Vergonha, em um esconderijo em Zosen, no sul de Berlim somente no dia 20 de setembro de 1944. Bonhoeffer sabia deste documento, a qual continha relatos dos assassinatos em massa na invasão da Polônia, incêndios de sinagogas e outros crimes, que seria

---

<sup>289</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 455-456.

<sup>290</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 458,462.

<sup>291</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 464.

usado para derrubar Hitler e seu alto comando do poder, além de expor para as nações as atrocidades cometidas, mas esses documentos incriminariam os dois somente depois de quase dois anos presos.<sup>292</sup> Bonhoeffer foi para casa da irmã Ursula ao lado para comunicar o ocorrido e se preparar para a prisão. Uma generosa refeição foi feita, e voltou para lá, quando as 4 horas da tarde seu pai apareceu e disse que havia 2 homens querendo falar com ele. A prisão estava perto. Ele esperava no seu quarto. O juiz-advogado Manfred Roeder e o oficial da Gestapo Sonderegger subiram e encontraram Bonhoeffer com a bíblia na mão em pé pronto, em seguida o levaram até uma Mercedes preta e foi embora preso. Nunca mais Bonhoeffer voltaria para casa.<sup>293</sup> Ele foi levado para a prisão de Tegel, onde passou 18 meses na cela 92, sendo os primeiros 12 dias em isolamento rigoroso, no mesmo dia foi preso Dohnanyi e Joseph Müller, levados para a prisão de Wehrmacht, bem como a esposa de Muller e a irmã de Bonhoeffer, Christine, ambas levadas para a prisão feminina de Charlottenburg.<sup>294</sup> Mais qual era o motivo exato da detenção de Bonhoeffer? A execução futura seria pelo envolvimento no complô contra Hitler, mas não foi preso por este motivo. Metaxas mostra os motivos e as possíveis indicações para a prisão:

Em abril de 1943, os nazistas não tinham nenhuma suspeita da ligação de Bonhoeffer com a conspiração, ou de que houvesse uma conspiração, afinal. A conspiração permaneceria oculta até um ano depois do fracassado atentado a bomba de Stauffenberg. Pelos quinze meses seguintes, os motivos de sua detenção e de Dohnanyi eram mais inofensivos. Havia, por exemplo, o esquema de lavagem de dinheiro da Operação 7. A Gestapo não compreendia que a maior preocupação de Bonhoeffer e os outros era concernente ao destino dos judeus. Outro motivo: as tentativas da Abwehr em obter isenções militares para os pastores da Igreja Confessante. Bonhoeffer foi aprisionado por motivos relativamente menores, portanto. De certa forma, ele foi detido devido a sua relação com Dohnanyi, mais que qualquer outra coisa. Por saber da ignorância dos nazistas em relação aos planos conspiradores, Bonhoeffer e os outros prosseguiram o jogo em níveis múltiplos de enganação. A conspiração mantinha-se em curso enquanto eles estavam atrás das grades. A qualquer momento Hitler seria assassinado, e eles seriam libertados. Assim, deveriam fazer tudo a seu alcance para impedir a descoberta da conspiração. Nada podia ser insinuado além daquilo que a Gestapo já sabia, o que não era muito. Eles fingiriam inocência das acusações e que não havia nada mais de valor a ser investigado. E conseguiram.<sup>295</sup>

---

<sup>292</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 343.

<sup>293</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 465-466.

<sup>294</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 470.

<sup>295</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 475.

Na prisão tempos depois, Bonhoeffer lembra a chegada e os primeiros dias na prisão:

As formalidades de admissão foram efetuadas corretamente. Para a primeira noite, fui encerrado numa cela de admissão. Os cobertores sobre o leito tinham um cheiro tão fétido que, apesar do frio, era impossível usá-los. Na manhã seguinte, atiraram um pedaço de pão dentro da cela; tive de juntar os farelos do chão. Um quarto do café era composto de pó. O som dos abusos vis que os funcionários da prisão cometiam contra os prisioneiros detidos para investigação penetrara na minha cela pela primeira vez; desde então, ouço-o todos os dias, de manhã até a noite. Ao ser obrigado a me apresentar junto com os outros novos detentos, fomos tachados por um dos carcereiros como “vagabundos” etc. Foi perguntado a cada um o motivo da detenção, e, quando eu disse que não sabia, o carcereiro respondeu com um riso sarcástico: “Você vai descobrir em breve”. Passaram-se seis meses até eu receber um mandado de prisão. Ao percorrer os diversos escritórios, alguns suboficiais que souberam de minha profissão queriam trocar algumas poucas palavras comigo [...]. Fui levado a cela mais isolada do último andar; um aviso que proibia o acesso sem permissão especial foi afixado. Disseram-me que minha correspondência estaria suspensa até segunda ordem e que, ao contrário dos outros prisioneiros, não me seria permitido ficar ao ar livre por meia hora, embora, de acordo com o regulamento da prisão, eu tivesse direito. Não recebi jornais nem qualquer coisa para fumar. Após quarenta e oito horas, minha bíblia foi devolvida; examinaram-na para ver se eu havia contrabandeado serras, lâminas de barbear, ou coisas do tipo para dentro da prisão. Pelos doze dias seguintes, a porta da cela foi aberta somente para comida e para retirarem o balde. Nenhuma palavra me foi dita. Nada me disseram sobre a razão da minha detenção, ou quanto tempo ela duraria. Deduzi pelos diversos comentários – o que se confirmou mais tarde – que eu tinha sido alojado na seção para os casos mais graves, onde estavam os prisioneiros condenados.<sup>296</sup>

Mesmo passando por estes dias difíceis na prisão, conservava a disciplina da oração e leitura do texto como sempre fizera. Trinta minutos de meditação em algum versículo, intercessão por amigos e parentes, bem como pela resistência da Igreja Confessante, gastava horas lendo a bíblia. A cela 92 localizada no último andar tinha assoalho de madeira com uma pequena janela para o sul de Berlim, ali seus pais, que moravam a 10 quilômetros, traziam roupas e alimentos, além de livros com mensagens codificadas que já haviam combinado previamente, assim Bonhoeffer podia conversar com seus pais e o cunhado Dohnanyi através de livros com mensagens secretas e assuntos da conspiração. Escrevia cartas apenas de 10 em 10 dias como era a regra da prisão, com no máximo 1 lauda, que causava irritação constante em Bonhoeffer. Após obter a simpatia dos guardas, havia um fluxo maior de cartas não “oficiais”. Nos anos de 1943 e 1944, escreveu duas

<sup>296</sup> BOSANQUET, Mary. The life and death of Dietrich Bonhoeffer, p.247-248 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 470-471.

centenas de cartas aos amigos Eberhard Bethge, além de cartas aos seus familiares e sua noiva Maria von Wedemeyer.<sup>297</sup> Posteriormente estas cartas virariam pelo menos dois livros de grande alcance: *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão* e *Love Letters from Cell 92*.<sup>298</sup>

## 6.1

### O início do fim: a vida na prisão

A generosidade e a mansidão de Bonhoeffer marcaram sua estada na prisão até seu último dia, apesar de todo o mistério envolvido na prisão daquele pastor. O que gerava confiança era sobre a iminência da morte de Hitler e a proteção e influência do almirante Canaris, chefe da Abwehr. Além disso houve uma visita em Tegel, do comandante militar de Berlim, General Paul von Hase, seu tio, irmã de sua mãe. Deste dia em diante o tratamento ao preso da cela 92 mudou drasticamente, começaram a tratá-lo bem e com respeito. Aos poucos a simpatia de Bonhoeffer para com os presos foi conquistada, que na sua maioria eram contrários a Hitler e ao nacional-socialismo, e o fascínio por Bonhoeffer cresceu na prisão. Muitos ao saberem que era pastor o procuravam para conversar, contar seus problemas, confessar seus erros e demais situações. Um preso italiano chamado Gaetano Latmiral perguntou a Bonhoeffer como este havia chegado à resistência, e ele respondeu que como pastor não tinha só a obrigação de consolar as vítimas, mas que louco dirigindo um carro desgovernado, tinha a obrigação de tentar pará-lo.<sup>299</sup> Desde os prisioneiros que iam para a morte até os guardas, todos viam o pastor como homem de confiança. Também manifestou profunda espiritualidade aos escrever orações para os presos, para que cada um orasse tanto de manhã quanto a noite, além daqueles que estavam em grandes apuros. Desta forma Bonhoeffer mostrava resistir o Estado totalitário, com profunda espiritualidade e socorro aos angustiados, uma oração diz:

Dentro de mim está escuro, mas em ti há luz

<sup>297</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 472-473.

<sup>298</sup> Uma coleção de cartas escritas entre Maria von Wedemeyer e Dietrich Bonhoeffer, enquanto ele estava na prisão antes de ser executado por sua participação em uma conspiração para assassinar Hitler.

<sup>299</sup> MILSTEIN, Werner. Dietrich Bonhoeffer: vida e pensamento, p. 82.

Eu estou só, mas tu não me abandonas  
 Eu estou desanimado, mas em ti há auxílio  
 Eu estou inquieto, mas em ti há paz  
 Em mim há amargura, mas em ti há paciência  
 Não entendo os teus caminhos, mas tu conheces o caminho certo para mim.<sup>300</sup>

No verão de 1943 ofereceram uma cela melhor e porções de alimentos maiores, todos recusados por Bonhoeffer, entendendo que se aceitasse seria em detrimento de outro preso. Muitas vezes ajudou a quem precisava, não via limites nas suas ações, seu chamado se cumpria mesmo preso, atuando com um posicionamento firme com voz de protesto para melhores condições para os presos. Sempre escrevia ao diretor da prisão pedindo que tratasse humanamente a cada um.<sup>301</sup> Bonhoeffer ainda vivia a expectativa de seu noivado com Maria, esperava que assim que estivesse solto casaria com sua noiva. Maria escrevia sempre que possível e nos primeiros meses mantinha a esperança do relacionamento. Em umas das cartas, a do dia 23 de maio, escreveu ao seu noivo, e termina a carta dizendo:

“Meu queridíssimo Dietrich, a cada manhã, às seis, quando nós dois dobramos nossos joelhos em oração, sabemos que podemos possuir uma grande fé, não só um do outro, mas muito, muito acima e além disso. E então não é possível se entristecer, não é? Escreverei em breve novamente. Não importa o que eu pense ou faça, sempre sua”.<sup>302</sup>

O fluxo de cartas era constante, principalmente com seu amigo Bethge, que confidenciava seus pensamentos e sentimentos mais profundos. Os ataques aéreos que assolavam a prisão, Bonhoeffer via a necessidade de comunicar as disposições do seu testamento em caso de morte. Na prisão escreveu muito, além das cartas, ele continuava na sua obra *Ética*, trabalhou nela por anos, e a sensação era que só faltava este trabalho, como disse a Bethge “às vezes, penso que já deixei a minha vida mais ou menos para trás e que somente me faltaria ainda concluir a “*Ética*””<sup>303</sup>, afirmou na correspondência do fim de dezembro de 1943. Bonhoeffer escrevia e falava desde que o partido nazista era um simples e comum

<sup>300</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 190.

<sup>301</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 481-483.

<sup>302</sup> BISMARCK e KABITZ, Love Letters from Cell 92, p. 26-27 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 485.

<sup>303</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 230.

partido na Alemanha, e agora da prisão era para que as pessoas enxergassem que não se pode derrotar o nacional-socialismo com ética, regras ou princípios, mas somente Deus pode combatê-los. A questão não era sobre certo e errado, sendo uma abordagem puramente religiosa, não causaria nenhum efeito a Hitler e a seu autoritarismo.<sup>304</sup> Neste impasse, qual é o certo? Afirmava que o certo é fazer somente a vontade de Deus, fora de Deus é impossível falar de certo ou errado, até sobre alguma ética, mas deve-se buscar a Deus e Nele se reconciliar diante do mundo e com o mundo. Afirma:

Não se pode, portanto, discernir simplesmente a partir de si mesmo qual é a vontade de Deus, com base no próprio saber do bem e do mal; pelo contrário, somente o pode a pessoa da qual foi tirado todo saber por si mesma a vontade de Deus, que já se concretizou nela. Examinar qual é a vontade de Deus só é viável a partir do saber da vontade de Deus em Jesus Cristo. Somente com base em Jesus Cristo, somente no âmbito determinado por Jesus Cristo, somente “em” Jesus Cristo pode-se discernir qual é a vontade de Deus.<sup>305</sup>

Bonhoeffer entendia que a vontade de Deus era acabar com o nazismo por causa do mal que o nazismo causou principalmente a igreja e aos judeus. Foi duramente criticado por esta posição, até entre seus irmãos da Igreja Confessante. Mantinha quase que diariamente a alegria da vida, o regozijo pelas pessoas e o fato de estar vivo o deixava confiante, apesar de passar alguns dias maus, com notícias tristes recebidas e angústias que vez ou outra passava pela sua mente. Bonhoeffer foi informado do fracasso do atentado de Stauffenberg no dia 21 de julho, através do rádio na enfermaria, e bem sabia das implicações que isso causaria. Este dia particularmente foi desanimador para ele.<sup>306</sup> Dois dias depois foi informado da prisão do almirante Canaris, e ao longo dos meses foi informado das mortes de Stauffenberg e do seu assessor Werner von Haeften, que foi seu aluno na Igreja Confessante, a qual particularmente havia perguntado se deveria matar Hitler diretamente. No dia 8 de agosto foi a notícia de que seu tio Paul von Hase foi enforcado na prisão de Plotensee.<sup>307</sup> Sua noiva Maria também mostrava sinais de enfraquecimento e estresse pela longa espera, dores de cabeça aguda e constante desmaios fazendo parte de sua rotina, e os envios de cartas a Bonhoeffer diminuía com frequência. No dia 23 de agosto foi a última vez que Maria

<sup>304</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 505.

<sup>305</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Ética, p. 28-29.

<sup>306</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 519.

<sup>307</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 524.

conseguiu visitar o noivo na prisão.<sup>308</sup> Assim Bonhoeffer a cada dia tinha suas esperanças de deixar a prisão sendo apagadas.

Bonhoeffer na prisão escrevia poemas além das cartas, como forma de expressar seus sentimentos. Um deles, chamado Estações no caminho para a liberdade, mostrava particularmente sua visão da vida e da morte, como profeticamente encarava o momento e o futuro:

#### Disciplina

Se partes em busca de liberdade, aprende primeiro a disciplinar os sentidos e a alma, para que os desejos e teus membros não te joguem de um lado para o outro. Castos sejam tua mente e teu corpo, plenamente submissos a ti, e obedientes, a fim de buscarmos a meta que lhes foi apontada. Ninguém experimentará o mistério da liberdade a não ser pela disciplina.

#### Ação

Não fazer e ousar qualquer coisa, mas o que é direito, não se deter no possível, mas agarrar corajosamente o que é real, não na fuga das ideias, mas somente na ação é que se encontra a liberdade. Abandona o vacilar medroso e enfrenta a tempestade dos acontecimentos, sustentado somente pelo mandamento de Deus e por tua fé, e a liberdade envolverá jubilosa o teu espírito.

#### Morte

Vem, pois, sublime festival no caminho para a liberdade eterna, morte, derruba os incômodos grilhões e muros de nosso corpo mortal e nossa alma obcecada, para que vejamos, afinal, o que aqui não nos foi permitido vislumbrar. Liberdade, procuramos-te muito na disciplina, na ação e no sofrimento; morrendo reconhecemos, no semblante de Deus, a ti mesma.<sup>309</sup>

Dietrich Bonhoeffer teve a oportunidade de fugir da cadeia, a ajuda viria dos guardas, em especial o cabo Knoblauch, mas desistiu por causa da sua família. A Gestapo estava na cola de seus parentes e dificultaria a situação deles. Seu irmão Klaus foi preso na segunda dia 2 de outubro, e na quarta dia 4 foi a vez de seu cunhado Rudiger, marido de sua irmã Ursula. Agora todos os conspiradores da família Bonhoeffer estavam detidos: Dietrich, seus cunhados Dohnanyi e Rudiger e seu irmão Klaus. Este e Rudiger seriam fuzilados em 2 de fevereiro de 1945 em Berlim e Dohnanyi seria morto no dia 9 de abril de 1945 no campo de concentração de Sachsenhausen. Eberhard Bethge que também havia sido preso, foi libertado no dia 25 de abril, trouxe alguns dos fatos ocorridos para a família.<sup>310</sup>

<sup>308</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 529.

<sup>309</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 521-522.

<sup>310</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 568.

Dia 8 de agosto de 1944 terminava os dias de Bonhoeffer em Tegel, após 18 meses na cela 92, era transferido para a prisão da Gestapo em Prinz-Albrecht-Strasse.<sup>311</sup>

## 6.2

### O início do fim: as cartas como resistência

As cartas configuram uma seção especial da vida de Dietrich Bonhoeffer na sua resistência ao nazismo, tanto as cartas escritas na liberdade, como as cartas da prisão, principalmente a partir de novembro de 1943, onde o fluxo de cartas aumentou consideravelmente devido a amizades e conexões dentro da cadeia, driblando a censura e tomando caminhos alternativos, passando assim inúmeras correspondências ilegais. A partir de um exame destas correspondências verificam-se alguns comportamentos, falas e pequenos tratados que demonstram o ato de inconformação diante da situação política, teológica e eclesial vivida pela igreja bem como por uma parcela da sociedade. Com toda a perseguição deflagrada aos judeus, aos opositores e a Igreja Confessante, entendia que deveria colocar-se no lugar do próximo. Como “uma experiência de valor incomparável termos aprendido a olhar os grandes eventos da história do mundo a partir de baixo, da perspectiva dos excluídos, dos que estão sob suspeita, dos maltratados, dos destituídos de poder, dos oprimidos e dos escarnecidos, em suma, dos sofredores”.<sup>312</sup> Bonhoeffer ainda em uma carta aos seus pais sobre o passar por tribulações disse: “essas experiências decerto são boas e necessárias; aprende-se a compreender melhor a vida humana.”<sup>313</sup> Ele entendia que toda hostilidade aos cristãos, era feita contra o próprio Cristo:

Também aqui temos a experiência viva a nosso favor: quando, sob a pressão de poderes anticristãos, se agruparam comunidades de clara profissão de fé, que tiveram que procurar por uma nítida decisão a favor ou contra Cristo em rigorosa disciplina doutrinária ou ética, quando a exclusividade da exigência de uma clara confissão de Cristo fez decrescer cada vez mais o grupo dos cristãos confessantes, quando, portanto, aquela palavra “quem não é por mim, é contra mim” se tornou experiência concreta para a comunidade cristã.<sup>314</sup>

<sup>311</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 531.

<sup>312</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 43.

<sup>313</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 71.

<sup>314</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Ética, p. 40.

Enormes dificuldades não mensuradas Bonhoeffer deve ter passado, dentre as muitas lutas que combateu. A luta consigo também era enfrentado por ele, que por muitas vezes entrava em crise e tinha consciência que passava por muitas lutas espirituais, como confidenciou a Bethge na primeira carta clandestina, datada de 18.11.1943 onde relatou ao amigo:

Tu és a única pessoa que sabe que a “acedia”-“tristitia”, com suas consequências ameaçadoras, muitas vezes me perseguiu e talvez tenhas te preocupado comigo nesse sentido – isso eu temia naquela época. Mas desde o início eu dizia para mim mesmo que não faria esse favor nem às pessoas nem ao diabo; esse assunto eles mesmos teriam de resolver, se quisessem, e espero poder manter sempre essa posição. No começo também me inquietava a pergunta se realmente a causa de Cristo seria a razão pela qual estou causando esse desgosto a vocês. Mas logo tirei essa pergunta da minha cabeça por ser uma tribulação e fiquei convicto de que a minha missão é justamente suportar este caso-limite com toa a sua problemática. Isso me deixou muito alegre e assim estou até hoje. 1Pe 2.20;3.14.<sup>315</sup>

Um misto de sentimento pode ser observado neste trecho: primeiro a referência a *acedia* que o cerca, como aquela tristeza do coração de não querer encarar os planos aos quais Deus o vocacionou, e em segundo lugar, quando cita consequências ameaçadores, Bonhoeffer está falando sobre a tentação do suicídio que habitou a sua mente por algum tempo. Werner Milstein coloca que o pavor tomava conta de algumas noites, do qual pesava mais esta tentação, onde pensava e rabiscava em um pedacinho de papel que o “suicídio, não por convicção, mas porque no fundo eu já estou morto, ponto final, fim da linha”.<sup>316</sup> Em tudo isso precisa de valentia para resistir até o fim aos seus carrascos, para andar pelo caminho reservado a ele. Nas cartas quando relata seu entendimento sobre questões de fé, em outra carta de dezembro, Bonhoeffer escreve que “creio que de boa vontade eu o sacrificaria, se pudesse fazê-lo na fé e soubesse que teria de ser assim. Na fé pode suportar tudo”, e completa com o perigo de ser dúbio “realmente perigoso é o vacilar de um lado para outro sem fé, o deliberar interminável sem ação, o não querer arriscar nada. Tenho de poder ter a certeza de estar nas mãos de Deus e não nas mãos de pessoas”.<sup>317</sup> Bonhoeffer preso ao

<sup>315</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 175.

<sup>316</sup> MILSTEIN, Werner. Dietrich Bonhoeffer: vida e pensamento, p. 7.

<sup>317</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 234.

relembrar da sua trajetória, nesta carta mais adiante, diz que “em nenhum momento me arrependi do meu regresso em 1939, nem de qualquer outra coisa que se seguiu”, completa que considera sua prisão como participação no destino da Alemanha, assim aceita de bom grado a situação presente.<sup>318</sup>

A principal carta que representa a luta contra o nazismo, e também a mais famosa, foi endereçada para Bethge no dia 21.02.1944, a qual é representada como símbolo de resistência diante do nazismo para Bonhoeffer e como uma submissão plena a Deus por ele. Resistência e submissão realmente retratam sua vida, seu agir e seu falar, sua vida guiada por estas duas palavras, muito divulgada e conhecida, poderia dizer que é um marco do estigma carregado por Bonhoeffer, além de ser nome do livro que traz as cartas da prisão. Segue o trecho que inspira essa luta:

Muitas vezes refleti aqui sobre onde estariam os limites entre a necessária resistência contra o “destino” e a igualmente necessária submissão. [...] Creio que realmente devemos empreender coisas grandes e próprias, mas ao mesmo tempo fazer o que é óbvia e universalmente necessário; precisamos enfrentar o destino – o fato de esse conceito ser “neutro” me parece importante – com a mesma determinação com que devemos nos submeter a ele em tempo oportuno. Só se pode falar de “condução” para além desse duplo processo; Deus não vem ao nosso encontro apenas como um tu, mas também “disfarçado” de “isso”; portanto, a minha questão se trata, no fundo, de como podemos achar um “tu” nesse “isso” (“destino”), ou, em outras palavras [...] como o “destino” torna-se de fato “condução”. Portanto, **os limites entre resistência e submissão não podem ser determinados por princípio; mas ambas as coisas têm de estar presentes e ambas têm de ser assumidas com determinação.**<sup>319</sup> A fé exige essa ação viva. Só assim poderemos suportar e tornar fecunda nossa respectiva situação presente.<sup>320</sup>

Bonhoeffer em suas cartas consegue perceber a situação do seu país. O seu olhar pastoral atento à movimentação política, teológica e eclesiástica demonstra preocupação profunda com o *Zeitgeist*.<sup>321</sup> Todos os acontecimentos desde 1933 mudaram drasticamente a igreja, fazendo o teólogo perceber que “na esfera humana em geral “Deus” está sendo afastado cada vez mais da vida; ele está perdendo terreno”, o mundo chegou à consciência de si mesmo e de suas leis

<sup>318</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 234-235.

<sup>319</sup> Grifo nosso.

<sup>320</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 306-307.

<sup>321</sup> Termo em alemão que significa um espírito da época ou espírito do tempo em que se está vivendo. Conjunto do clima cultural, intelectual e social de determinadas características de um grupo ou povo.

vitais e “a apologia cristã reagiu, das mais diversas formas, contra essa segurança de si próprio. Procura-se demonstrar ao mundo que atingiu a maioria que ele não seria capaz de viver sem o tutor “Deus”.<sup>322</sup> O profeta entende os acontecimentos atuais, e como boca divina demonstra a nação e a sua igreja, os alerta para “o que está além deste mundo que está aí para este mundo no evangelho”.<sup>323</sup> Ele enfatiza que *a igreja só é igreja quando está aí para os outros*, não dominando o mundo, mas auxiliando e servindo. Em Jesus, Deus chama para si e para o reino de Deus toda existência humana, prega Bonhoeffer, reclama para si a Alemanha, para voltar a Ele, em todas as suas formas e tipos: “Jesus reivindica para si o mundo que atingiu a maioria”.<sup>324</sup> Resistir é alertar, é perceber, é apontar o caminho, é saber lê os tempos e demonstrar a santa vontade de Deus, uma resistência em Deus e para Deus. Esta leitura espiritual fica evidente em suas cartas do ano de 1944, ainda na carta do dia 16.07. onde o profeta diz que “Deus deixa-se empurrar para fora do mundo até a sua cruz; Deus é impotente e fraco no mundo e exatamente assim, somente assim ele está conosco e nos ajuda”.<sup>325</sup>

O Deus que está conosco é o Deus que nos abandona! Frase pensada a partir de Marcos 15.34.<sup>326</sup> o Deus que nos deixa viver no mundo sem a hipótese de um Deus, é o Deus diante do qual estamos continuamente. Diante de Deus e com ele vivemos sem Deus. Este Deus impotente e fraco é que está conosco e nos ajuda, como diz em Mateus 8.17,<sup>327</sup> que Cristo nos ajuda a partir de sua virtude e da sua fraqueza, do seu sofrimento e não da sua onipotência. A religiosidade do ser humano o leva a necessidade do poder de Deus no mundo, Deus é o *Deus ex machina*<sup>328,329</sup>, assim os homens tem concebido, mas a Bíblia remete o ser humano

<sup>322</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 435.

<sup>323</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 380.

<sup>324</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 459.

<sup>325</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 488.

<sup>326</sup> E à hora nona exclamou Jesus com alta voz: Eloí, Eloí, lamá sabactâni? Que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?

<sup>327</sup> Isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou nossas doenças.

<sup>328</sup> Expressão latina para Deus de dentro da máquina. Bonhoeffer afirmava que quando não há uma explicação ou solução possível atribui-se a Deus.

<sup>329</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 373.

a impotência e ao sofrimento de Deus; por isso Bonhoeffer afirma que “somente o Deus sofredor pode ajudar-nos”.<sup>330</sup> Na reflexão a partir da pergunta de Jesus em Mateus 26.40: Não tivestes força para vigiar nem uma hora comigo?, Bonhoeffer convoca o ser humano a participar do sofrimento de Deus no mundo ímpio sem tentar encobrir com aparências religiosas, a pessoa precisa viver “mundanamente”, assim estará livre das amarras religiosas. Ele afirmava que “ser cristão não significa ser religioso, mas significa ser humano, permitindo que Cristo modele o ser humano a partir dele, assim torna-se plenamente humano, com maior responsabilidade, tendo em vista o encontro de uma humanidade completa com a graça de Deus.”<sup>331</sup> Para Bonhoeffer a religião é mundanidade, que deixa o mundo e a história de lado, caracterizando por um individualismo que se opõe à socialização e a comunhão com a comunidade, com o outro, acontecendo assim uma parcialidade que se opõe a interinidade de vida.<sup>332</sup> Não é o ato religioso que faz o cristão, e sim a participação no sofrimento de Deus na vida terrena.”<sup>333</sup> Cunha Sobrinha sintetiza bem este contraste entre religião e o seguimento de Cristo, explicando a partir da carta de Bonhoeffer do dia 29 de maio de 1944 para Bethge, sobre a vivência do cristão de trabalhar com a hipótese de viver sem Deus<sup>334</sup>:

Portanto, é necessário abandonar a religião como via de acesso a Deus; mas isso não quer dizer abandonar a fé, que só pode ser encontrada verdadeiramente desvinculando-a da sua relação religiosa. Bonhoeffer opera assim uma radical distinção entre religião e fé. Se a religião tinha apelado para a fraqueza do homem para convencê-lo da necessidade da hipótese de Deus, a fé lembrará, ao contrário, que Jesus Cristo nos chamou para a vida e não pretendeu fundar uma religião.<sup>335</sup>

Bonhoeffer percebe que Deus está atento, Deus está com o seu povo, Deus ama a Alemanha, e quer chamar para si a nação, mas como um filho pródigo ela não vem, ele vive com religião, mas não conhece o Deus da Bíblia, e que um cristianismo verdadeiro só surge do encontro com um ser humano concreto:

<sup>330</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 487-488.

<sup>331</sup> WILL, M. Só o Deus inútil pode salvar, p. 26.

<sup>332</sup> CUNHA SOBRINHA, Miriam. Dietrich Bonhoeffer: cristianismo e testemunho, p. 43.

<sup>333</sup> BONHOEFFER, Dietrich. A respostas às nossas perguntas. Reflexões sobre a Bíblia, p. 76-77.

<sup>334</sup> O ser humano aprendeu a dar conta de si mesmo em todas as questões importantes sem apelar para a ‘hipótese de trabalho Deus’. [...] fica evidente que tudo funciona também sem ‘Deus’, e tão bem como antes. BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 592.

<sup>335</sup> CUNHA SOBRINHA, Miriam. Dietrich Bonhoeffer: cristianismo e testemunho, p. 49.

Jesus.<sup>336</sup> Em 1944, Paula Bonhoeffer escreveu ao seu filho para que ele mantivesse a fé, e não desacreditasse de seus ideais e na humanidade, isso mantinha a fé e o otimismo do filho em alta, uma palavra de consolo e alento, ela escreveu em 27 de janeiro: “ a vida de fato muitas vezes é uma coisa incrível. O mais importante nisso tudo decerto é que fiquemos fiéis a nós mesmos, que não percamos e que, apesar de todas as insuficiências da vida, não desacreditemos totalmente da humanidade”.<sup>337</sup> Esta palavra, como tantas outras recebidas por familiares e amigos, como de Bethge que foi o amigo com quem mais trocou correspondência, ele seguiu o conselho da mãe e escreveu para ele dizendo da sua certeza: “Estou tão certo da mão e da condução de Deus que tenho a esperança de ser mantido nesta certeza sempre”.<sup>338</sup> A partir de todos os relatos e da história de vida de Dietrich Bonhoeffer pode-se afirmar que Deus conduziu-o em todos os momentos, até na sua morte Deus estava presente.

### 6.3

#### O início do fim: na estrada da liberdade

Bonhoeffer passou 4 meses no presídio da Gestapo. Os relatos são de uma prisão cruel e horrível, subterrânea onde os presos não viam a luz do sol e com interrogatórios extensos além de agressões aos presos. Ali não escrevia a Maria e a ninguém, estava isolado do mundo externo. Metaxas em suas pesquisas demonstra que as informações sobre Bonhoeffer se tornam escassas a partir deste momento.<sup>339</sup> Naquela prisão sombria ele continuava sua missão, a pastorear e ser boca divina. Os relatos deste momento da vida de Bonhoeffer são do preso Schlabrendorff, jovem de Finkenwalde, que viu o seminário de perto, provavelmente um dos encorajados por Bonhoeffer, e que conta os momentos vividos ali com o pastor. Schlabrendorff relata:

---

<sup>336</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 510.

<sup>337</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 274.

<sup>338</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 526.

<sup>339</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 534.

Ele sempre me animava e me confortava, e nunca se cansava de repetir que a única luta que se perde é aquela em que desistimos. Muitos pequenos bilhetes me eram repassados por ele, nos quais havia escrito palavras bíblicas de conforto e esperança. [...] Ele fora ameaçado com a prisão da noiva, dos pais idosos e das irmãs. Ele julgou então que o tempo de se declarar francamente um inimigo do nacional-socialismo havia chegado. Sua atitude, como declarara, estava enraizada em suas convicções cristãs.<sup>340</sup>

Hendrix diz sobre a fala de Schlabrendorff, que Bonhoeffer afirmou ainda que “a única luta perdida é aquela que desistimos de lutar”, e “estava determinado a resistir todos os esforços da Gestapo e a não revelar nada”, que uma ação ele havia tomado, em permanecer na prisão e “sofrer fielmente”.<sup>341</sup> Na manhã de 7 de fevereiro de 1945 foi a última vez que Schlabrendorff falou com Bonhoeffer. Chamaram-no junto com outros presos e foi transportado para o campo de concentração de Buchenwald em dois furgões com mais vinte homens, todos eles envolvidos em conspirações para assassinar Hitler. Na hora de embarcar no furgão Bonhoeffer disse a outro preso que era para ir com calma para a forca, como um cristão.<sup>342</sup> Buchenwald foi mais um lugar de parada na rota para a vida eterna de Bonhoeffer, um centro de morte nazista. Ali 56.545 pessoas foram assassinadas. Passados 7 semanas inteiras preso em um prédio anexo ao principal, construído originalmente para os funcionários, mas nesta altura da guerra tudo valia e tudo podia. Os relatos deste campo sobre a vida de Bonhoeffer é de outro preso, um oficial inglês chamado Payne Best. Best descreve o pastor como humilde e doce, além de sentir a presença de Deus real e íntima na vida daquele homem.<sup>343</sup> Foi um período de fome e frio para Bonhoeffer e para os outros presos. Pelo rádio os guardas permitiam ouvir as notícias da guerra, sendo animadoras aos ouvidos dos presos. A cada dia os Aliados tomavam as principais cidades da Alemanha, incluindo Berlim. No primeiro dia de abril, ao som de artilharia pesada foram acordados, celebrado a Páscoa, e o rádio divulgava que os americanos estavam do outro lado do rio Werra, próximos a Buchenwald. Assim como a ressurreição do Cristo trazia esperança para o mundo, havia esperança também para aqueles presos. Dois anos antes, na Páscoa de 1943, já preso, ele havia refletido teologicamente sobre a vida eterna e ressurreição. Escreveu que “o único sinal

<sup>340</sup> ZIMMERMANN, Wolf-Dieter e SMITH, Ronald G. I Knew Dietrich Bonhoeffer, p. 226-230 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 535-536.

<sup>341</sup> HENDRIX, John. O espião fiel: Dietrich Bonhoeffer e o plano para matar Hitler, p. 158-159.

<sup>342</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 540.

<sup>343</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 553.

visível de Deus no mundo seja a cruz de Cristo”. Um tema assustador as pessoas, ele pergunta: É pela cruz, só pela cruz, que Cristo chega à vida, à ressurreição, à vitória? Carlos Caldas acrescenta que para Bonhoeffer a cruz de Cristo é o sinal por excelência da revelação de Deus. Este que se compadece e se iguala com os derrotados e destituídos, com isso, a Igreja precisa andar pela mesma via de seu Senhor, no modelo de humilhação, sendo uma comunidade de serviço, excluindo toda vantagem ou privilégios.<sup>344</sup> Bonhoeffer trilhava o mesmo caminho de seu Senhor. Cristo não era arrebatado gloriosamente da terra aos céus, mas pela cruz é que encontrava o caminho da vitória. Afirmava que onde as pessoas ficam desconcertadas diante de Deus, é exatamente lá que Deus está bem perto de Cristo, entre o fio da fidelidade e deslealdade, está Cristo por inteiro nas mãos do Pai. Na carta do dia 25 ele conclui: “Onde o poder das trevas quer violentar a luz de Deus, é lá que Deus triunfa e julga as trevas... o fim dos tempos da Bíblia é todo tempo, é todo dia entre a morte de Cristo e o juízo final”.<sup>345</sup>

Dia 3 de abril os guardas reuniram os presos e saíram fugidos sem destino pois os americanos estavam perto demais. Aqueles dois furgões rumavam para o sul da Alemanha. A certa altura concluíram que estavam indo para Flossenburg, mas não foi uma notícia animadora, pois sabiam que era lugar de extermínio aquele campo. Mas ficaram somente 3 presos naquele lugar. Depois de vagar por mais de 24 horas chegaram a uma aldeia bávara chamada Schonberg. Os guardas decidiram ficar na escola da aldeia. Era o dia 6 de abril, uma sexta-feira. Os guardas tomavam conta daqueles homens, incluindo Bonhoeffer, até que chegou o dia 8 de abril. O Dr. Punder pediu a Bonhoeffer que realizasse um culto. Estava servindo como pastor nas suas últimas horas de vida. Quando estava para terminar o culto, entraram dois sujeitos em trajes civis e disseram que era para acompanhá-los o prisioneiro Bonhoeffer. Então ele virou para o lado e disse a Best: “Este é o fim, para mim, o início da vida”.<sup>346</sup> Estas palavras trazem uma característica da natureza polifônica da vida dos mártires, ao revelar a “vida oculta na morte” que liga diretamente a uma via central e direta na ressurreição de Cristo. Craig Slane afirma que “Bonhoeffer confiantemente pronunciou sua

<sup>344</sup> CALDAS, Carlos. Dietrich Bonhoeffer e a teologia pública no Brasil, p. 136.

<sup>345</sup> BONHOEFFER, Dietrich. A respostas às nossas perguntas. Reflexões sobre a Bíblia, p. 28.

<sup>346</sup> BEST, Payne. The Velo Incident, p. 200 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 568.

imortalidade, uma das características recorrentes do martírio”<sup>347</sup>, ao citar esta frase. Assim Bonhoeffer foi levado para Flossenburg, do qual haviam passado, distava 160 quilômetros de distância de Schonberg. Metaxas coloca como provável de que as sentenças de morte foram decretadas pelo próprio Hitler,<sup>348</sup> pelo achado dos arquivos de Zosen, as Crônicas da Vergonha, encontrada pelos nazistas no dia 4 de abril. Hitler havia dado ordem ao novo chefe das SS, pedindo a destruição dos conspiradores, tendo o destino de Bonhoeffer e outros sendo selado. Uma corte marcial foi instalada em Flossenburg no dia 7 de abril, mas Bonhoeffer chegou somente dia 8 a noite, e a sentença pronunciada provavelmente de madrugada. O médico do campo de concentração, H. Fischer-Hullstrung, anos depois relatou os últimos momentos de vida daquele homem. Ele contou:

Na manhã daquele dia, entre cinco e seis horas, os prisioneiros, entre eles o almirante Canaris, general Oster, general Thomas e *Reichgeritsrat* Sack, foram retirados da cela, e os veredictos da corte marcial foram lidos. Pela porta semiaberta, numa das cabanas, avistei o pastor Bonhoeffer, antes de tirar o uniforme da prisão, ajoelhado, orando fervorosamente a seu Deus. Fiquei deveras comovido pelo modo com que esse amável homem orava, tão devoto e tão confiante de que Deus ouvia sua oração. No local da execução, ele realizou outra oração curta e depois subiu os degraus até a forca, com coragem e compostura. A morte dele foi verificada após poucos segundos. Nos quase cinquenta anos que trabalhei como médico, raramente vi um homem morrer tão inteiramente submisso à vontade de Deus.<sup>349</sup>

Assim morria Bonhoeffer junto com o almirante Canaris e o general Oster no campo de concentração de Flossenburg. Não havia passado mais de 12 horas da sua estada no campo. Ali era o início do fim daquele homem que viveu inteiramente para obedecer a Deus, até a sua morte foi uma entrega. Giorgio Cavalleri explica que o significado da escolha de Bonhoeffer é expresso na imagem das mãos de Deus, a qual Bonhoeffer colocou sua própria vida, mas que não significa uma entrega e um abandono qualquer, é semelhante a entrega e o abandono do servo sofredor em Isaías, que por amor se entrega livremente pelo próximo, aceitando o sofrimento. Cavalleri diz que:

<sup>347</sup> SLANE, Craig. Bonhoeffer, o mártir, p. 133.

<sup>348</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 569.

<sup>349</sup> BETHGE, Eberhard. Dietrich Bonhoeffer: A Biography, p.927-928 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 572.

Na prisão Bonhoeffer compreende que, em um mundo sem Deus, o sofrimento é o lugar da presença de Deus, e que a única forma de dar testemunho é aquela que Deus mesmo escolheu assumir: a fragilidade de quem se entrega por amor. Na sua meditação solitária e sofrida, Bonhoeffer entendeu que o cristão e a Igreja devem abandonar-se a Deus e deixar-se envolver totalmente por Jesus Servo, que doa a sua vida, livremente e por amor, até a forma extrema e mais radical.<sup>350</sup>

Em *Ética* havia escrito profeticamente de si mesmo e tantos outros que “a autoridade que blasfema seu Senhor só testemunha com isso de forma mais evidente ainda o poder deste Senhor, que é glorificado nos martírios da comunidade”.<sup>351</sup> Já em *Discipulado* escreveu que o sofrimento tem de ser suportado para que seja superado, afirmava que “o sofrimento suportado com disposição é mais forte que o mal; é a morte do mal”,<sup>352</sup> e assim como seu mestre a “Igreja de Jesus Cristo, no discipulado da cruz, representa o mundo perante Deus”.<sup>353</sup> Ali Bonhoeffer foi enforcado nu e posteriormente queimado seu corpo, representando milhões de judeus que defendeu, dando sua vida por eles e morrendo como um deles, da mesma forma como Jesus entregou sua vida pelos seus. O que pensava sobre a morte, Bonhoeffer deixou registrado em um sermão sobre o dia dos finados, quinze anos antes, pregando em Sabedoria 3.3, com o tema: Mas eles estão em paz. Necessário citar, para saber a visão que Bonhoeffer tinha da morte:

Se somos jovens ou velhos, pouco importa. O que são 20 ou 30 anos aos olhos de Deus? E quem é que sabe quão perto se está do alvo? Jovens e velhos devem se dar conta que a vida só começa quando ela termina aqui, que tudo é um prelúdio diante da cortina ainda fechada. Por que temos medo de pensar na morte? Por que nos amedrontamos? A morte é terrível para quem tem medo. A morte não é violenta e terrível se nos mantivermos tranquilos e nos agarrarmos à Palavra de Deus. A morte não é amarga se nós não estivermos amargurados. A morte é a graça maior de Deus, que ele presenteia às pessoas que nele creem. A morte é suave, a morte é doce, a morte é branda, a morte chama com poder celestial, desde que saibamos que ela é a porta para a tenda da alegria, para o reino eterno da paz.<sup>354</sup>

Após duas semanas, no dia 23 de abril, os aliados chegariam para libertar Flossenburg. Ao saber destas informações, os pais de Bonhoeffer fizeram a

<sup>350</sup> CAVALLERI, Giorgio. Dietrich Bonhoeffer: mártir do nazismo, p. 15.

<sup>351</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*, p. 221.

<sup>352</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 109.

<sup>353</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 67.

<sup>354</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Prédicas e alocações*, p. 53-54.

pergunta: Por que ele não está aqui?<sup>355</sup> As comunicações da Alemanha com os países estavam quase interrompidas por causa dos bombardeios. Sabine e o marido que estavam morando em Londres, receberam um telegrama dos pais Karl e Paula dizendo sobre Dietrich:

Durante os primeiros dias de fevereiro, ele foi levado de lá para vários campos de concentração, tais como Buchenwald e Flossenburg, perto de Weiden. Não sabemos onde ele estava. A noiva dele, Maria von Wedemeyer, que vivia conosco na época, tentou descobrir por conta própria onde ele se achava. Sem êxito, porém. Após a vitória dos Aliados, ouvimos dizer que Dietrich ainda estava vivo. Entretanto, recebemos notícias de que ele havia sido executado pela Gestapo um pouco antes de os americanos chegarem.<sup>356</sup>

Os pais de Bonhoeffer estavam perdidos nas informações, tudo era muito incerto ainda no fim de abril. No dia 27 de julho, Karl e Paula Bonhoeffer ligaram o rádio na sua casa n° 43 da rua Marienburgerallee, em Berlim para ouvir o culto fúnebre que estava sendo transmitido direto da Igreja da Santíssima Trindade de Brompton, em Londres.<sup>357</sup> O culto iniciou com o hino inglês *For All The Saints*. Após o período musical o bispo George Bell pregou o sermão em Mateus 10:17-42, terminando a mensagem citando Tertuliano que diz que “o sangue dos mártires é a semente da Igreja”.<sup>358</sup> Após o bispo Bell, o pastor Franz Hildebrandt, amigo do falecido, tomou a palavra e fez um belo discurso baseado em 2 Crônicas 20:12. Afirmou que “Ele não sentia vergonha das tradições escolares de seus antepassados, a cultura de sua família; ele nunca compartilhou a moda teológica de menosprezo pelas humanidades”.<sup>359</sup> E terminou com as palavras citadas por Bonhoeffer no obituário de Adolph von Harnarck, dizendo: *Non potest non laetari quis sperat in Dominum*”.<sup>360</sup> Assim o pastor Hildebrandt terminava o ofício fúnebre em memória a seu amigo Dietrich Bonhoeffer. Quando acabou a transmissão, o casal idoso desligou o rádio em Berlim, do culto de seu filho morto por resistir ao nazismo e a todo mal que representou para o mundo.<sup>361</sup>

<sup>355</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 568.

<sup>356</sup> LEIBHOLZ-BONHOEFFER. The Bonhoeffers, p. 190 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 575.

<sup>357</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 576.

<sup>358</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 578.

<sup>359</sup> CRESS E TOW. Dr. Franz Hildebrandt: Mr. Valiant for Truth, p. 223-227 apud METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 578.

<sup>360</sup> Enquanto em Deus confiar, nada posso além de me regozijar.

<sup>361</sup> METAXAS, Eric. Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião, p. 582.

## 7

### Conclusão

A presente obra se preocupou em tratar a vida de Dietrich Bonhoeffer, que por títulos atribuídos a ele, pode-se dizer que foi pastor, teólogo, profeta, militante resistente ao nazismo e também foi considerado um mártir do século XX. Homenagens e devoções estão espalhadas pelo mundo, como por exemplo se vê no portão oeste da Abadia de Westminster, no vitral da Basílica de São João em Berlim e em tantos outros lugares as suas memórias e lembranças estão expostas, desde sua cidade natal até o local de seu martírio. A sua vida se confundiu perenemente com as suas obras, já que foi um teólogo bastante prático, aplicando seus escritos firmemente a sua vida diária. Ao estudar a biografia de Bonhoeffer, automaticamente aprende sua teologia, seus pensamentos e sua práxis de vida. Seu modo de pensar e fazer teologia acompanhou seus escritos, que são reflexos de suas ações cristãs, seja ela produção acadêmica, prédica em púlpitos de igreja, vivência com seus discípulos ou até mesmo o pastoreio dos resistentes ao governo opressor. Foram produzidos diversos trabalhos durante sua carreira, seja na academia, no seminário clandestino de Finkenwalde, seja trabalhando na resistência alemã junto a outros civis e militares e por fim nos dois últimos anos da sua vida, quando estava encarcerado. Slane afirma que ele “destaca-se por seu pensamento surpreendentemente paradoxal: por um lado, argutamente desinstalador do *establishment* eclesial e teológico e, por outro, insistente e unilateralmente submisso Àquele que o chamou e capacitou”.<sup>362</sup> Eberhard Bethge lembrando de si e seus colegas ao citar Bonhoeffer expressa seu arrependimento por não ter contribuído mais com a causa antinazista: “Resistimos ao confessar, mas não confessamos ao resistir”,<sup>363</sup> algo que o seu mestre e amigo fez até o fim. Resume-se de fato este trabalho no já citado pensamento da prisão, onde Bonhoeffer estava argumentando e refletindo o fio que divide a obediência civil ao Estado em contrapartida de resistir a um governo que oprime e mata sua população. Ele chega à possível conclusão de que Deus o conduziu ao seu “destino” e “os limites entre resistência e submissão não podem ser determinados por princípio; mas ambas as coisas têm de estar presentes e ambas têm de ser

<sup>362</sup> SLANE, Craig. Bonhoeffer, o mártir, p. 11.

<sup>363</sup> SLANE, Craig. Bonhoeffer, o mártir, p. 384.

assumidas com determinação”<sup>364</sup> para que se possa viver de fato uma fé ativa e viva! De fato, essa frase é um norteador das ações de Bonhoeffer, e por conclusão, o centro e ápice de sua vida, proposto neste escrito a qual demonstra a resistência dele diante do nazismo.

Uma frase atribuída a Bonhoeffer foi: O silêncio diante do mal é o próprio mal: Deus não nos manterá sem culpa. Não falar é falar. Não agir é agir. Este pensamento marcou a sua vida na luta contra o nazismo. Fazendo um paralelo com o Brasil, vale lembrar que é crime qualquer tipo de discriminação contra qualquer grupo de pessoas. A Lei nº 9.459 diz no seu artigo 1: Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.<sup>365</sup> Assim como a apologia ao nazismo pela lei nº 7716, no seu artigo 4 parágrafo 1. Esta mensagem, esta luta de Bonhoeffer é urgente no presente tempo. Os neonazistas têm crescidos assustadoramente no Brasil. O portal de notícias G1, da Globo, postou uma matéria no dia 16 de janeiro de 2022, afirmando que grupos neonazistas crescem 270% em 3 anos, existindo 530 núcleos espalhados pelo país, segundo a pesquisadora Dra. Cláudia Dadico.<sup>366</sup> Assim, tantos outros portais de notícias têm vinculado dados de antissemitismo e neonazismo, como aponta o portal Brasil de Fato, mostra que em 2020 a Polícia Federal abriu 110 apurações de apologia ao nazismo, contra 13 investigações abertas em 2012.<sup>367</sup> Não são só os canais de informações que têm relatado isto, a academia tem observado essa movimentação de extrema-direita que reproduz conceitos nazistas. No artigo produzido pela PUC-SP, chamado A extrema-direita na atualidade, traz os seguintes dados:

Pesquisa realizada por Dias revela que de 2002 a 2009 o número de *sites* que veiculam informações de conteúdo neonazista subiu 170%, saltando de 7.600 para 20.502. No mesmo período, os comentários em fóruns sobre o tema cresceram 42.585%. Nas redes sociais, os dados são igualmente assustadores. Existem comunidades neonazistas, antissemitas e negacionistas em 91% das 250 redes sociais analisadas pela antropóloga. E nos últimos nove anos o número de blogs sobre o assunto cresceu mais de 550%.<sup>368</sup>

<sup>364</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão, p. 306-307.

<sup>365</sup> L9459 (planalto.gov.br)

<sup>366</sup> Grupos neonazistas crescem 270% no Brasil em 3 anos; estudiosos temem que presença online transborde para ataques violentos | Fantástico | G1 (globo.com)

<sup>367</sup> Há uma onda neonazista no Brasil? Entenda o que dizem os | Política (brasildefato.com.br)

<sup>368</sup> SciELO - Brasil - A extrema-direita na atualidade A extrema-direita na atualidade

Em outro trecho o artigo conclui que “Embora haja uma recusa por parte dos grupos, movimentos e partidos de extrema-direita ao ideário fascista e nazista, a aproximação de suas convicções e ações com esses fenômenos é latente”.<sup>369</sup> Os dados mostram o aumento do neonazismo, e serve como alerta para as autoridades e a sociedade para combater este mal. Bonhoeffer como exemplo serve para guiar e mostrar que se deve tomar firme posição contrária. A internet está cheia de informações a respeito de ataques de neonazistas a grupos específicos de pessoas, como judeus, negros, homoafetivos entre outros. As últimas eleições no Brasil evidenciaram este comportamento, é somente pesquisar no Google ou em mídias sociais que se defrontará com apologias ao nazismo. Assim como o boicote aos judeus na década de 1930 na Alemanha, um município do Rio Grande do Sul, chamado Casca, um grupo sugeriu colocar a estrela do Partido dos Trabalhadores nos comércios de quem votou para poder boicotar estes próprios locais.<sup>370</sup> A extrema-direita no Brasil, nos últimos anos se aproximou muito de ideologias nazistas. Usando slogans como “Deus, Pátria, Família”<sup>371</sup> e “Uma nação, um povo, um líder”<sup>372</sup> usadas pelo Partido Nazista, preocupa a população, como grupos minoritários perseguidos, e expressões de repugnação tem surgido por diversos movimentos no Brasil, como por exemplo, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a qual a chamada da matéria é: nazismo não se debate, nazismo se combate.<sup>373</sup>

Bonhoeffer se apresenta como um referencial teórico e prático para estes dias, a sua vida está expressa na luta contra a ditadura que a extrema-direita produziu. Sua memória está gravada para encorajar aqueles que se opõe ao mal do extremismo, lutando pelos direitos humanos e pelo estado democrático de direito. Os que sofrem perseguições por governos absolutistas podem encontrar alento na vida de Bonhoeffer, que por sua vez foi discípulo de Cristo, que sofreu pelas mãos do Império Romano e acusado e condenado pela liderança judaica. Dietrich Bonhoeffer precisa ser mais conhecido no Brasil tanto pelos que estudam Teologia, tanto quanto pelos que estudam História e Política.

---

<sup>369</sup> SciELO - Brasil - A extrema-direita na atualidade A extrema-direita na atualidade

<sup>370</sup> Mensagens sugerem marcar com estrelas as casas de quem votou em Lula no norte do RS | GZH (clicrbs.com.br)

<sup>371</sup> Deus, Pátria, Família: lema de Bolsonaro tem origem fascista (uol.com.br)

<sup>372</sup> Campanha de Bolsonaro para 2022 repete slogan de Hitler | Revista Fórum (revistaforum.com.br)

<sup>373</sup> Sociedade reage a crescimento de grupos neonazistas - Sintufj



## Referências bibliográficas

- BONHOEFFER, Dietrich. **A Essência da igreja**. Goiânia: Editora Cruz, 2017.
- \_\_\_\_\_. **A resposta às nossas perguntas**. Reflexões sobre a Bíblia. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Discipulado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Ética**. São Leopoldo: Sinodal, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Resistência e Submissão**: Cartas e anotações escritas na prisão. São Leopoldo: Sinodal, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Vida em Comunhão**. São Leopoldo: Sinodal, 2021.
- A Natureza aponta para Deus? Teologia Natural - Parte I | Associação Brasileira de Cristãos na Ciência: ABC<sup>2</sup> (cristaosnaciencia.org.br) Acesso em: 28/01/2022 às 19h30min.
- A sentença nietzschiana "Deus está morto" (bvsalud.org) - Acesso em: 04/13/2023 às 10h23min.
- CALDAS, Carlos. 75 anos depois... o que podemos aprender com Dietrich Bonhoeffer | Ultimatoonline | Editora Ultimato. Acesso em: 29/11/2022 às 23h22min.
- CALDAS, Carlos. **Dietrich Bonhoeffer e a teologia pública no Brasil**. São Paulo: Garimpo editorial, 2016.
- Campanha de Bolsonaro para 2022 repete slogan de Hitler | Revista Fórum (revistaforum.com.br) Acesso em: 27/11/2022 às 21h55min.
- CAVALLERI, Giorgio. **Dietrich Bonhoeffer: mártir do nazismo**. São Paulo: Paulinas, 2019.
- CORNU, Daniel. **Karl Barth, teólogo da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1971. Impresso pela Editora Vozes.
- CUNHA SOBRINHA, Miriam. **Dietrich Bonhoeffer: cristianismo e testemunho**. São Paulo: Edusc, 2006.
- Deus, Pátria, Família: lema de Bolsonaro tem origem fascista (uol.com.br) Acesso em: 27/11/2022 às 21h49min.
- DUMAS, André; BOSC, Jean; CARREZ, Maurice. **Novas Fronteiras da Teologia**. São Paulo: Duas Cidades, 1969.
- GONZALEZ, Justo L. **Uma História do Pensamento Cristão, Vol 3**. São Paulo: Cultura Crista, 2004.
- Grupos neonazistas crescem 270% no Brasil em 3 anos; estudiosos temem que presença online transborde para ataques violentos | Fantástico | G1 (globo.com) Acesso em: 27/11/2022 às 21h34min.
- Há uma onda neonazista no Brasil? Entenda o que dizem os | Política (brasildefato.com.br) Acesso em: 27/11/2022 às 21h41min.

HENDRIX, John. **O espião fiel: Dietrich Bonhoeffer e o plano para matar Hitler.** São Paulo: Trinitas, 2021.

HOURDIN, Georges. **Vítima e Vencedor do Nazismo.** São Paulo: Paulinas, 2002 – (Coleção testemunhas. Série Heróis).

KAUFMANN, Thomas. Et al. **História ecumênica da Igreja 3: da Revolução Francesa até 1989.** São Paulo: Edições Loyola: Paulus; São Leopoldo: Editora Sinodal, 2017.

L9459 (planalto.gov.br) Acesso em: 27/11/2022 às 21h07min.

MARSH, Charles. **Extraña Gloria. Vida de Dietrich Bonhoeffer.** Madrid: Editorial Trotta, 2014.

Mensagens sugerem marcar com estrelas as casas de quem votou em Lula no norte do RS | GZH (clicrbs.com.br) Acesso em: 27/11/2022 às 21h53min.

METAXAS, Eric. **Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião.** São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

MILSTEIN, Werner. **Dietrich Bonhoeffer: vida e pensamento.** São Leopoldo: Sinodal, 2006.

PAULO VI, Papa. Carta Encíclica *Populorum Progressio*. (sobre o desenvolvimento dos povos). [www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html). Acesso em: 02/12/2022 às 22h49min.

SciELO - Brasil - A extrema-direita na atualidade A extrema-direita na atualidade. Acesso em: 16/12/2022 às 20h26min.

SILVEIRA, Júlio César. **Igreja: vocação para a Desobediência** – Uma leitura da Declaração de Barmen feita a partir da Teologia de Karl Barth. 1. Ed. Curitiba: Editora Prismas, 2014.

SLANE, Craig. **Bonhoeffer, o mártir.** São Paulo: Editora Vida, 2007.

Sociedade reage a crescimento de grupos neonazistas - Sintuftrj Acesso em: 27/11/2022 às 22h03min.

STEIGMANN-GALL, Richard. **O Santo Reich** – Concepções Nazistas do Cristianismo, 1919-1945. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2004.

SVENSSON, Manfred. **Resistencia y gracia cara: El pensamiento de Dietrich Bonhoeffer.** Barcelona: Editorial Clie, 2011.

TADEU DE OLIVEIRA, André. **Nazismo e Religião** – Entre a aliança e o conflito. São Paulo: Editora Reflexão, 2011.

WILL, M. **Só o Deus inútil pode salvar: a fé arreligiosa de Dietrich Bonhoeffer e a façanha necessária do desnecessário.** Produção independente, 2019.